UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

DARIO TREVISAN

A substância de tudo:
Antônio Vieira e as *artes excerpendi*

Versão corrigida

São Paulo
2022

DARIO TREVISAN

A substância de tudo:

Antônio Vieira e as *artes excerpendi*

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. João Adolfo Hansen

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Dario Trevisan de Almeida Filho

Data da defesa: 03/03/2022

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. João Adolfo Hansen

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 29/04/2022

_____

(Assinatura do (a) orientador (a)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T814s

Trevisan, Dario
A substância de tudo: Antônio Vieira e as artes excerpendi / Dario Trevisan; orientador João Adolfo Hansen - São Paulo, 2022.
120 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Literatura brasileira. 2. História do livro. 3. Companhia de Jesus. I. Hansen, João Adolfo, orient. II. Título.

À Alda Colvero

AGRADECIMENTOS

A

João Adolfo Hansen; Adma Fadul Muhana, Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto; Andre Vieira de Freitas Araujo, Elisabeth Décultot, Helmut Zedelmaier, Iveta Nakládalová, Marta Maria Chagas de Carvalho, Telmo Verdelho; Cilaine Alves Cunha, Ilda Mendes dos Santos, Phablo Roberto Marchis Fachin, Sílvio de Almeida Toledo Neto; Caio Cesar Esteves de Souza, Jean Pierre Chauvin, Marcelo Lachat, Matheus de Souza Almeida Oliveira; Lucas Toriani, Vera Lúcia Mendes; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Maísa Aguena Takano; Pedro Igor Almeida Araújo; Adeli Terezinha Colvero, Alda Domingas Colvero, Jairo Amiel, Maria Cristina Marinho de Oliveira, Nathália Oliveira de Almeida, Vincenzo de Almeida Alves; Daisy Emmy Aguena, Paulo Yoshinori Takano; Leonardo Zuccaro, Marcus De Martini; Bruna Fazolli Rebouças
– Inútil é o esforço próprio sem a generosidade alheia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“O tempo, que tudo descobre, é o *index* das matérias, o homem é o leitor,
e a morte é o fim.” (BLUTEAU, 1732, n. p.).

RESUMO

TREVISAN, Dario. **A substância de tudo**: Antônio Vieira e as *artes excerpendi*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Nuclear entre letrados seiscentistas, o *excerpere* pode ser definido como a prática de coletar *excerpta*, isto é, provas, exemplos, palavras e figuras para *inuentio* e *elocutio* de gêneros retóricos e poéticos vários aos quais, de modo a torná-los facilmente acessíveis, eram ajuntados um ou mais índices alfabéticos. Com isso, tornou-se corrente, no Antigo Regime Tipográfico, o uso de "índices copiosos", que, no fim de livros de diferentes gêneros, reuniam em lugares-comuns alfabetados excertos da obra que acompanhavam. Nas letras luso-brasileiras, exemplar privilegiado dessa prática são os "índices das coisas mais notáveis" acrescidos aos quinze tomos dos *Sermões* (1679-1748), de Antônio Vieira. A fim de reconstruir arqueologicamente modos verossímeis de compô-los e utilizá-los, tais índices são aqui estudados, por um lado, à luz da compreensão do *excerpere* no âmbito da cultura escolar jesuítica e, por outro, em sua relação com práticas indiciais no Antigo Regime Tipográfico. Para isso, aborda-se, no primeiro capítulo, um conjunto de documentos produzidos pela Companhia de Jesus, entre 1540 e 1565, indicando-se a centralidade do *excerpere* nas práticas educacionais da Ordem. No segundo capítulo, trata-se de duas *artes excerpendi* jesuíticas, *De ratione libros cum profectu legendi libellus* (1613), de Francesco Sacchini, e *Aurifodina artium et scientiarum omnium* (1638), de Jeremias Drexel, demonstrando-se o lugar ancilar do *excerpere* para as práticas de leitura dos discípulos de Retórica, que se centravam no aprendizado de modelos retórico-poéticos, aquisição de *eruditio* e instrução a um *saber viver* prudente. No terceiro capítulo, estabelece-se uma analogia entre livro e discurso retoricamente instruído, analisando-se um conjunto de índices impressos, sobretudo no âmbito português, censuras letradas a eles e lugares-comuns discursivos e editoriais utilizados para garantir-lhes credibilidade, como a "comodidade do leitor". Assim, a partir da discussão desses aspectos, propõem-se os índices de Vieira como mediadores entre a leitura dos *Sermões*, os *excerpta* deles extraídos e a *inuentio* sermonária.

Palavras-chave: Antônio Vieira. Artes excerpendi. Antigo Regime Tipográfico. Índice das coisas mais notáveis. Práticas de leitura.

ABSTRACT

TREVISAN, Dario. **The substance of everything**: Antônio Vieira and the *artes excerpendi*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Nuclear among 16th century scholars, *excerpere* can be defined as the practice of collecting *excerpta*, that is, proofs, examples, words, and figures for *inuentio* and *elocutio* of various rhetorical and poetic genres to which, in order to make them easily accessible, one or more alphabetical indexes were attached. Thus, it became common practice in the Typographical Old Regime to use "copious indexes", which, at the end of books of different genres, gathered in alphabetical commonplaces excerpts of the work they accompanied. In Luso-Brazilian letters, a privileged example of this practice are the "indexes of the most remarkable things" added to the fifteen volumes of the *Sermões* (1679-1748), by Antônio Vieira. In order to reconstruct archaeologically credible ways of composing and using them, these indexes are studied here, on the one hand, in the light of the understanding of *excerpere* in the context of the Jesuit school culture and, on the other hand, in its relation with indicial practices in the Typographical Old Regime. For this purpose, the first chapter deals with a set of documents produced by the Society of Jesus between 1540 and 1565, indicating the centrality of the *excerpere* in the educational practices of the Order. The second chapter deals with two Jesuit *artes excerpendi*, *De ratione libros cum profectu legendi libellus* (1613), by Francesco Sacchini, and *Aurifodina artium et scientiarum omnium* (1638), by Jeremias Drexel, showing the ancillary place of the *excerpere* for the reading practices of Rhetoric disciples, which were centered on learning rhetorical-poetic models, acquiring *eruditio*, and instruction in prudent living. In the third chapter, an analogy between books and rhetorically instructed discourse is established, analyzing a set of printed indexes, especially in the Portuguese sphere, literate censures to them, and discursive and editorial platitudes used to ensure their credibility, such as the "reader's convenience". Thus, based on the discussion of these aspects, Vieira's indexes are proposed as mediators between the reading of the *Sermões*, the *excerpta* extracted from them, and the sermonary *inuentio*.

Keywords: Antônio Vieira. Artes excerpendi. Typographical Old Regime. Index of the most remarkable things. Reading practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página capitular do índice dos conceitos *Sermões das Tardes das Domingas da Quaresma* (1670), do Frei Álvaro Leitão 66
Figura 2 – Folha de rosto de *Os Lusíadas* (1702), de Luís Vaz de Camões 69
Figura 3 – Página capitular do *index* de todos os nomes próprios de *Os Lusíadas* (1702), de Luís Vaz de Camões.. 71
Figura 4 – Folha de rosto de *Alívios de tristes, e consolação de queixosos* (1688), de Padre Mateus Ribeiro 72
Figura 5 – Folha de rosto de *Centúrias predicáveis dos Evangelhos* (1698), do Frei Jorge da Natividade 75
Figura 6 – Página capitular da tabuada de *Rimas várias* (1607), de Luís Vaz de Camões 79
Figura 7 – Tábua do tomo I dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira 80
Figura 8 – Página capitular do índice universal do tomo XIV dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira. 82
Figura 9 – Página capitular do "index dos sermões" da segunda parte dos *Sermões* (1604), de Diogo Paiva de Andrade 83
Figura 10 – Página capitular do índice dos lugares da *Sagrada Escritura* do tomo II dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira 84
Figura 11 – Lugar-comum "Filho", no índice das coisas mais notáveis do tomo III dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira..... 87
Figura 12 – Página capitular do índice das coisas mais notáveis do tomo II dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira 89

SUMÁRIO

1 AS COISAS NOTÁVEIS E OS NEGÓCIOS ESPIRITUAIS 11

2 A NUTRIÇÃO DO ENGENHO E A ORDENAÇÃO DA VONTADE 37

3 A PORTA DOS FUNDOS E A COMODIDADE DO LEITOR..... 62

REFERÊNCIAS 104

1 AS COISAS NOTÁVEIS E OS NEGÓCIOS ESPIRITUAIS

Coisa pouca notada nos estudos vieirianos é a referência do Padre Antônio Vieira, em epístola ao Cônego Francisco Barreto, a um índice acrescido no fim de um tomo de seus *Sermões*. Exato, claro e breve, "substância de tudo" de seus discursos, como diz Vieira (1928, p. 651), o *Index* pluraliza-se em quinze "índices das coisas mais notáveis" acrescentados aos quinze tomos de sua obra parenética. Concebidos como *facilitas inueniendi* (ZEDELMAIER, 2007) para outros oradores, compõem um extenso conjunto de excertos dos *Sermões* alfabeticamente ordenados por lugares-comuns: em termos numéricos, estamos falando de 8364 excertos distribuídos em 1178 lugares-comuns. Apesar da referência de Antônio Vieira à *utilitas* de seus índices e mesmo do autodeclarado empenho pessoal em sua elaboração, eles permanecem relegados a uma diminuta nota de rodapé na extensa fortuna crítica do autor[1]. Desinteresse, aliás, que, no campo das Letras, não se restringe a Vieira e avança, até com certo desprezo, pela prática indicial como um todo. Conta a anedota: questionado a respeito da ausência de índices em obra sua, Gustavo Vinay, renomado medievalista italiano da segunda metade do século XX, teria respondido que ler valendo-se de um índice "*era un modo per pescare qualche pesciolino*" – fazê-lo equivaleria a não captar o sentido maior da obra indexada (LEONARDI, 1995). A censura não é nova: índices seriam, na definição ferina de Jonathan Swift (1704, p. 139), não mais do que a "porta dos fundos" dos livros, ferramenta do néscio incapaz de entrar pela porta da frente do *Palace of Learning*. Para o leitor comum, se é que ele existe, índices turvariam o entendimento das obras, fragmentando aquilo que deveria ser mantido unido ou, pior, servindo de instrumento para afetar erudição. Para o estudioso das Letras, por sua vez, índices também não mereceriam maior atenção, devido à sua característica ausência de "elevado conjunto de artifícios retóricos" (CARVALHO, 2009, p. 14). Desconfiança e desinteresse confluem para a carência de estudos a respeito da prática indicial no âmbito das práticas letradas luso-brasileiros dos séculos XVI, XVII e XVIII. No tempo de Vieira, no entanto, índices não constituíam idiossincrasia editorial: a porta dos fundos dos livros era a da frente. Embora difundida desde o século XIII, a princípio por abadias cistercienses e universidades europeias (ROUSE; ROUSE, 1989), foi a partir do século XV, com a

[1] Do meu conhecimento, há, por ora, três estudos sobre os índices de Vieira. Ver Verdelho (1997), cujo manuscrito, infelizmente inédito, de uma versão incompleta e não revista foi-me gentilmente cedido pelo autor, a quem agradeço; Pécora (2010); Nagel (2018).

invenção da imprensa, que a prática indicial propagou-se amplamente, associada, em especial, aos disseminadíssimos livros de lugares-comuns[2], mas também a muitos outros livros de vária natureza (BLAIR, 2011).

Porta da frente, disse, pois, na instituição retórica, sistema regulador de artes miméticas diversas vigente enquanto instituição até, pelo menos, os *Frühromantiker* da segunda metade do século XVIII[3], o discurso começava, antes de começar, pela *inuentio*, isto é, pelo ato de encontrar coisas verdadeiras ou verossímeis nos lugares-comuns do costume anônimo capazes de persuadir um ou mais destinatários de determinada causa. Para eficácia da invenção, foram desenvolvidas, por gregos e romanos, técnicas mnemônicas sistematicamente aplicadas por letrados[4] até o fim da instituição retórica. A memória era, ao contrário de hoje, basilar[5]. Segundo Aristóteles (*De memoria et reminiscentia*, II, 12-15), uma coisa a ser recordada necessita de um ponto de partida a partir do qual seja lembrada por meio de associações ordenadas e sucessivas, tornando-se particularmente útil o uso de lugares no procedimento. Supondo tal compreensão aristotélica da reminiscência, Cícero (*De Oratore*, II, 86), por exemplo, ao narrar a origem do "palácio da memória" atribuído a Simônides de Cós, lembra que a posição de algo em um determinado lugar é um auxílio poderoso para a memória. Adverte, ainda, que quem quisesse fazer bom uso da sua poderia alocar as coisas que desejasse recordar sequencialmente em lugares específicos, de modo que elas fossem lembradas conforme se avançasse ordenadamente pela sequência estabelecida. Se devidamente aplicada, promete o anônimo da *Retórica a Herênio* (III, 28-40), a "memória artificial", conjunto dessas técnicas mnemônicas, complementaria e aperfeiçoaria a faculdade de lembrar, ou "memória natural".

---

[2] Para uma introdução aos livros de lugares-comuns, ver o clássico Moss (1996).

[3] Para uma síntese da instituição retórica, ver Barthes (1975) e Hansen (2013).

[4] Entendo letrado tal como João Adolfo Hansen (2011, p. 43-44) define o termo, referindo-se ao próprio Vieira: "Vieira é um letrado, no sentido de fazer parte da 'gente de letras' de seu tempo, podendo-se dizer que o termo letrado então é entendido mais como um caráter, ou um éthos, que propriamente como uma individuação autoral no sentido contemporâneo da função-autor definida pela livre-concorrência burguesa. Em outras palavras, pelo termo letrado significa-se então um tipo dotado de certas qualificações técnico-profissionais que o situam na intersecção de uma forma de atividade religiosa ou econômica com outra, simbólica: é alguém que exercita as 'letras' – entendidas genericamente, aqui, como as várias *auctoritates* do costume antigo recicladas na imitação, não em termos 'literários' de autonomia estética, contemplação desinteressada, originalidade, psicologia e direitos autorais – recebendo, com isso, certa qualificação produtiva (por exemplo, mestre de retórica) e, por vezes, certa distinção nobilitante (por exemplo, orador da Capela Real)".

[5] Para uma moderna e ainda paradigmática história das artes da memória, ver Yates (2007).

Paralelamente às técnicas mnemônicas, que pressupunham lugares imaginários, corriam práticas de *excerpere*, que pressupunham lugares materiais. Gregos e romanos anotavam ou ditavam coisas notáveis a seus secretários, reunindo *hypomnémata*, ou *commentarii*, ou seja, excertos a serem posteriormente utilizados na composição de algum escrito (DORANDI, 2016). Poder-se-ia, como Aristóteles (*Topica*, 105a, 12-19) aconselha, recolher opiniões das *auctoritates* em listas de lugares-comuns. Ou poder-se-ia fazer como Cícero (*De Inventione*, II, 4), que dizia que, em vez de simplesmente copiar o que uma única autoridade havia escrito sobre uma determinada matéria, reunira todos os modelos em um só lugar e, a partir dessa compilação, extraía os trechos que lhe pareciam mais pertinentes. Poder-se-ia fazer ainda como um outro romano, Plínio, o Velho, muito citado pelas preceptivas do *excerpere* do século XVII. Segundo Plínio, o Jovem (*Epistulae*, III, 5, 10-17), seu tio tomava nota e fazia excertos enquanto algum autor era-lhe lido durante o almoço e a janta. O hábito era mantido mesmo durante seus banhos e em meio às suas frequentes viagens, momentos em que uma espécie de estenógrafo responsabilizava-se pela realização dos excertos, dos quais Plínio relata ter herdado pelo menos cento e sessenta volumes. É nessa mesma epístola, aliás, que esse verbo latino central para a preceptiva seiscentista, *excerpere* – do grego *carpo*, fruto –, é empregado para designar a prática de extrair de escritos coisas notáveis. Esse sentido básico é transmitido para a língua portuguesa, embora apenas em sua forma substantiva "excerto", e permanece no século XVII luso-brasileiro e português[6]: *Excerpere*, propõe Rafael Bluteau (1713, p. 402), é "fazer um extrato". Por sua vez, "extrato", forma alternativa de "excerto" derivada do verbo *extrahere*, é definido como "o que se tira de algum livro impresso, ou manuscrito"[7]. Outro verbo utilizado por Plínio, *adnotare*, possui sentido menos evidente se cotejado com o português contemporâneo, nomeando a prática de assinalar com *notae*, sinais, nas margens dos manuscritos, certas passagens de interesse para seu leitor (CEVOLINI, 2018). Em Bluteau (1712, p. 392), entretanto, esse sentido parece já diluído: "anotação" é "cousa posta por escrito, para a lembrança, ou observação sobre a doutrina do autor de um livro". "Anotar", nesse sentido, é simplesmente, ainda de

[6] Para Hansen (2000), o século XVII luso-brasileiro duraria, pelo menos, 200 anos, compreendendo todo o período vigente da monarquia absolutista em Portugal e em seus territórios ultramarinos, isto é, de 1580, com o início da União Ibérica, até 1750, com a morte de D. João V. Nessa chave, Rafael Bluteau seria um autor seiscentista. Entretanto, conforme informa o autor, a datação proposta é apenas indicativa e pode recuar e avançar no tempo a depender do objeto estudado.

[7] Doravante, a fim de padronizar a escrita desta dissertação e tornar sua leitura mais fluida, optou-se pela sistemática atualização gráfica das citações diretas de obras quinhentistas e seiscentistas.

acordo com Bluteau, "fazer anotações". Portanto, embora não designem exatamente a mesma coisa, há uma relativa congruência semântica entre os termos em Bluteau, pois "fazer excertos" também é pôr "por escrito para a lembrança". Assim, "*excerpere*", "fazer excertos", "fazer anotações", "anotar" serão empregados, ao longo deste trabalho, como sinônimos, assim como "*excerptum*", ou seu plural, mais comum, "*excerpta*", "extrato" e "excerto". Se mais um exemplo de discursos sobre o *excerpere* entre gregos e romanos não for aborrecido, há Sêneca (*Epistulae morales ad Lucilium*, XI-XIII, 84), que aconselha a "imitação das abelhas", recorrente metáfora seiscentista, no processo de cuidadosamente selecionar e colher as flores mais aptas à *aemulatio*[8]. Apesar das *auctoritates* citadas, há, na verdade, muita incerteza quanto às práticas do *excerpere* na "Antiguidade". Não há vestígios de tratamento sistemático da matéria. De todo modo, é verossímil, baseando-se nesses e em outros registros escassos e esparsos, que os *hypomnémata* desempenhassem uma função intermediária entre pensamento e obra concluída, o que explicaria sua natureza particularmente descartável (DORANDI, 2016). Entretanto, a relação entre escrita – e, portanto, extratos – e memória tem seus episódios equívocos na "Antiguidade". No diálogo platônico *Fedro* (274b), Sócrates conta que, certa feita, Thot, uma divindade egípcia, teria oferecido ao rei Tamuz diversas artes a serem ensinadas a seus súditos, entre as quais a da escrita, vendida por Thot como remédio da ignorância e do esquecimento. Tamuz rejeita a proposta, argumentando que seria a escrita justamente a responsável pelo olvido, uma vez que ela desobrigaria seu utilizador ao exercício da memória. Thot descobrira, afirma Tamuz, não o remédio para a memória, como pensava, mas da lembrança, identificada como falso conhecimento: a escrita produziria não sabedoria, mas ignorância.

Esse conjunto de exemplos e contraexemplos ilustra a posição algo dúbia ocupada pelo *excerpere* em relação à memória natural entre os séculos XVI e XVII: a memória é fundamental – mas não é confiável. Por um lado, as *artes excerpendi* não propõem os excertos como seus substitutos, entendendo-os mais precisamente como auxiliares dos auxiliares da memória natural, as técnicas mnemônicas. Por outro, as *res* da *inuentio* e as *uerba* da *elocutio* já estão sendo alocadas cada vez menos no palácio da memória do orador e cada vez mais em sua "*memoria scrita*", para empregar uma vívida expressão de

[8] João Adolfo Hansen, a quem agradeço, informa-me que, na França do século XVI, *Je cueille mon bien où je le trouve*, é o que em geral se escreve, como acontece com Ronsard, como mote no emblema com a imagem de abelhas voando sobre flores. Para uma análise das metáforas da leitura tão em voga na chamada "Primeira Modernidade", ver Calahorra Martínez = Nakládalová (2008). Agradeço à gentileza da autora pelo envio do seu trabalho.

Diego Laínez (*Mon. paed.*, I, 5,), segundo Superior Geral da Companhia de Jesus[9]. A falibilidade da memória é tópica dos discursos que defendiam a *utilitas* dos excertos, amparo material aos recalcitrantes lapsos da memória natural. É o que propõe, por exemplo, o jesuíta Jeremias Drexel em sua *Aurifodina artium et scientiarum omnium* (1638), *Mina de ouro de todas as artes e ciências*, uma das principais *artes excerpendi* do século XVII. Nessa obra, quando se refere ao grande palácio que é a memória, Drexel sugere que, apesar de sua suntuosidade, ele possui seus portões e fronteiras. Nesse espaço imenso, como Simônides ensinara, as imagens das coisas a serem recordadas devem ser armazenadas como que em pequenas celas. E, nesse sentido, se a memória é a guardiã do discurso, os *excerpta* são as guardiãs da memória: se o palácio da memória não for por eles protegido, as imagens logo arrombam as pequenas celas em que foram postas, forçam os portões do palácio e escapam, enfim, sem qualquer dificuldade. Mas colecionar excertos simplesmente, sem ordená-los, seria tão contraproducente quanto se fiar unicamente nos palácios da memória. É por isso que, nas *artes excerpendi* do período, índices, instrumento que ordenaria a desordem dos *excerpta* acumulados, cumprem uma função capital, facilitando a busca dos lugares-comuns e dos extratos associados a eles. Ao contrário do século anterior, em que a regra era a distribuição dos excertos em lugares-comuns pré-estabelecidos – ainda que os modelos variassem (GOYET, 1996) –, a prática seiscentista mais usual era, como Drexel preceitua, adaptar as tópicas às categorias particulares da matéria lida e aos interesses do leitor (DÉCULTOT, 2003)[10]. Basta pensar que os índices de Vieira não se restringem apenas a lugares-comuns de virtude e de vício, frequentes no século XVI, encontrando-se neles *loci* particularíssimos, como "A. A. A" (VIEIRA, 1682, n. p.) e "X" (VIEIRA, 1694, p. 536). Essa mudança, aparentemente, permitia coleções de excertos mais personalizados. No caso dos jesuítas, porém, ela vinha acompanhada de um treinamento contínuo do juízo seletivo de seus discípulos que evitaria, desde a mais tenra idade, a leitura de autores heréticos e conduziria à leitura de autores pios: indiciar, portanto, não significava apenas ordenar com exatidão – exigia-se, antes, uma seleção prudente das coisas a serem indiciadas.

Se a prática do *excerpere* esteve associada à leitura prudente e à *inuentio* no século XVII, mudanças nas concepções de saber e o desmantelamento da instituição retórica tornaram ambígua sua relação com a *eruditio* setecentista. Por um lado, fustigavam-se coleções de excertos por sua inutilidade, insipidez, tamanho desmedido, sempre em

[9] Para uma visão abrangente das consequências desse processo, ver Cevolini (2006).
[10] Agradeço à autora pelo envio gentil de uma cópia de seu texto.

crescimento, como escreveu Denis Diderot (1751). Por outro, a prática continuou usual, ainda que a partir de *miscellanea* distintas dos modelos ancorados nos *loci communes* (DÉCULTOT, 2016). Desde a segunda metade do século XVIII, passou-se a acreditar que a originalidade então almejada, tanto em termos de aquisição de conhecimento quanto em termos de invenção discursiva, poderia ser comprometida com o uso de uma prática associada à *inuentio* retórica. Há, de fato, uma inversão na noção de *inuentio* que pode ser caracterizada a partir do abandono do passado, recuperação do conhecido, e do consequente direcionamento ao futuro, descoberta do desconhecido (CEVOLINI, 2020). A *Encyclopédie* (1751-72), que Diderot organizou com Jean le Rond d'Alembert, evidencia bem tal juízo: seus idealizadores não pretendiam sumarizar a *enkuklios paideia*, o conhecimento comum, mas publicar conhecimento especializado e, sobretudo, novo conhecimento (WELLMON, 2012). Ainda assim, mesmo que de modo inconcebível até então, Diderot e d'Alembert pensavam ainda em termos de sumarização do saber, algo que os liga a práticas anteriores. Alguns contemporâneos seus vão ainda mais longe em sua crítica a esses instrumentos: não bastava mudar o conteúdo sumarizado – era necessário extinguir os gêneros enciclopédicos. Johann Gottfried von Herder, por exemplo, lamentava o empenho de Diderot e d'Alembert na produção de uma enciclopédia. Para Herder (1878, p. 412), o sucesso da *Encyclopédie*, na França, era sinal da decadência francesa, sinalizando que não havia nada a escrever: "as obras originais desaparecem"[11]. Nesse sentido, coisa notável, se assim se pode dizer, deixa de ser identificada com o pensamento autorizado e passa a sê-lo com o pensamento original. Assim, os índices, cuja ordem imposta aos excertos recolhidos havia sido nuclear nos séculos anteriores, passam a ser referidos com desdém entre letrados, enquanto as flexíveis *miscellanea* progressivamente tomam o lugar das *collectanea* de excertos ordenados por lugares-comuns alfabetados.

Em Portugal e na América portuguesa, a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, surge como fator decisivo para o declínio das práticas do *excerpere*, às quais o ensino da Ordem sempre esteve associado. Luís António Verney (1746, p. 175-16), cujo *Verdadeiro método de estudar* (1746) ensejou a ampla reforma universitária ocorrida na segunda metade do século XVIII em Portugal, censura a consulta a obras como *Theatrum Vitae Humanae* (1565), de Theodor Zwinger, reimpressa diversas vezes e lidíssima nos

[11] "*Die Originalwerke fallen weg*".

séculos XVI e XVII[12], e a outros "armazéns em que pelo A. B. C. acham-se as matérias dispostas". Verney ainda acusa a "erudição afetada" e a necedade daqueles que utilizam tais instrumentos: "os homens inteligentes não podem menos que rir-se de tais composições". Tudo culmina, já se disse, no desvanecimento da instituição retórica e na invenção como ato original de criação – lugar-comum virou clichê (GOYET, 1996). O resultado, no caso das sucessivas edições de sermões de Vieira, é a eliminação dos índices das coisas mais notáveis ou sua substituição por glossários, vocabulários ou outras espécies de índices. Invariavelmente, produziu-se, desde o século XIX, uma desconexão em relação à *dispositio* dos tomos da *editio princeps* (1679-1748), afetando o lugar retórico dos índices das coisas mais notáveis junto aos sermões editados[13], como se fossem anexos dispensáveis para a leitura no presente de uma obra do passado. Embora não seja único, o caso de Antônio Vieira é emblemático, haja vista as diversas edições de sua obra parenética desde o século XVIII.

A primeira é o interessantíssimo e esquecidíssimo *Vieira abreviado* (1746), impresso em dois tomos, em que Anselmo Caetano, o abreviador do Padre Vieira, reduz a lugares-comuns passagens mais ou menos extensas de seus sermões. Essa obra possui apenas um índice dos discursos, disposto alfabeticamente pelos lugares-comuns escolhidos por Caetano, como "Ações", "Adoção", "Admiração", "Adulação", "Alma" etc. Por operar ainda sob a lógica da instituição retórica, a própria recopilação guarda semelhanças importantes com os índices de Vieira, como se verá oportunamente, e, portanto, distingue-se das edições posteriores dos sermões. A partir do século XIX, já sob outro imperativo histórico, os sermões começam a ser pensados articulados a projetos editoriais mais amplos que ideavam a edição de toda a obra de Antônio Vieira. A primeira dessas tentativas resultou nos 27 volumes, dos quais 15 eram de sermões, impressos por José Maria Correa de Seabra e Tomás Quintino Antunes, entre 1854 e 1858, que incluíam ainda apócrifos, como *Arte de furtar*. O objetivo declarado dos editores era a vulgarização "aceada no trabalho tipográfico, e cômodas no preço" dos "escritores clássicos portugueses" (VIEIRA; SEABRA; ANTUNES, 1854, p. I), o que implica a eliminação dos índices, ainda que os editores não o explicitem. Desconsiderando o artifício retórico

[12] Para uma análise, ainda que restrita à Espanha, da recepção de Zwinger nos séculos XVI e XVII no mundo ibérico, ver Vega (2016).

[13] Exceção é a edição fac-similar publicada pela Editora Anchieta (1943-45). Para uma discussão, embora lacunar, dos projetos editoriais da obra de Vieira, ver Franco; Calafate (2014). Para uma informativa lista das edições de Vieira, ainda que restrita até o início do século XX, ver Azevedo (1932). Especificamente sobre as antologias de sermões, ver Pereira (2020).

de que Vieira se vale no prólogo dos *Sermões* e a *dispositio* decorosa dos tomos[14], Seabra e Antunes (1854, p. VII) afirmam:

> Quanto à ordem da publicação dos Sermões, não seguimos a da antiga edição, não só pelo motivo que deu seu autor, declarando que não fazia sermões regulares, mas entregava ao prelo promiscuamente os panegíricos, os quaresmais, os ascéticos, etc., como também porque entendemos que praticando o mesmo, porém noutra ordem, oferecíamos mais variedade na leitura.

No fim do século, em 1898, um ano após o bicentenário da morte de Vieira, projeto similar foi empreendido pela lisboeta Tipografia Minerva Central, que, no entanto, malogrou e ficou restrito a três volumes de sermões. Cada um deles vinha acompanhado por um "índice dos lugares da *Escritura*" e um "índice alfabético e de locuções" lacunares e distantes dos seus correspondentes na *editio princeps*. Logo após, em 1907, às vésperas do terceiro centenário do nascimento de Vieira, cabe à Livraria Chardron de Lello & Irmão a terceira reedição dos sermões. Inicialmente publicada em 15 tomos e reeditada diversas vezes ao longo do século XX, a autodeclarada "perfeitíssima e acuradíssima" edição da Lello também suprime, entretanto, os índices da *editio princeps*, mantendo alguns discursos preambulares, como o prólogo do autor e a dedicatória ao Príncipe D. Pedro. O único índice encontrado, no fim de cada tomo, é um geral, constando dos sermões do volume, que, aliás, também não respeitam a *dispositio* ideada por Vieira. Já em 1957, a Editora das Américas publica os sermões, em 24 volumes, com sumários explicativos antecedendo cada parte dos discursos. Apesar da preservação das preambulares da *editio princeps* – dedicatória, carta ao leitor, lista, aprovação, licenças e privilégio real –, os índices também foram aí eliminados. Em seu lugar, no fim do primeiro tomo, encontra-se um seletíssimo "Vocabulário" com quarenta e uma entradas a cobrirem nove sermões, em que somente três das entradas coincidem com lugares-comuns dos índices ("Alfaia", "Precito", "Sambenito"). Mesmo nas coincidências, as definições são genéricas, como em um dicionário, evitando-se a remissão ao uso particular dos termos nos sermões. Para a casa editorial, aludindo à "fácil leitura" dos discursos vieirianos, lugar-comum editorial desde Seabra e Antunes,

[14] Para uma pertinente leitura dos sermões impressos na *editio princeps* como intervenção na política portuguesa de seu tempo, ver Pinto (2009).

> nenhum empeço se deve opor à sequência das frases e das ideias. Eis por que a nova edição, de fácil leitura, vai conquistar certamente a elite numerosa dos leitores sequiosos de haurir nas fontes cristalinas dos mestres a limpidez da forma e das ideias a transluzir de um pensamento sólido e fecundo (VIEIRA, 1957, p. I).

No alvorecer do século XXI, o aguardado primeiro volume da edição crítica dos *Sermões*, publicado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, é apresentado como "texto fiável que corresponde, o mais possível, ao da edição princeps, tal como Vieira a redigiu, corrigiu e publicou" (ESPÍRITO SANTO, 2008, p. XVIII). Como havia feito a Editora das Américas, todo o aparato exordial é publicado. Os índices, porém, tornam-se *lexicon*: síntese vocabular em que alguns termos menos correntes são elucidados para o leitor. Por seu turno, a Edições Loyola editou, entre 2008 e 2014, os sermões de Vieira em doze volumes. Nessa edição, a *dispositio* dos tomos é adulterada, com a sistemática posposição dos preambulares. No primeiro volume, por exemplo, é posto no fim a lista dos sermões que andam impressos com nome do autor, a aprovação, as licenças e o privilégio real – textos que, na *editio princeps*, precedem os sermões. No último volume, encontra-se um índice, não o das coisas mais notáveis, nem dos lugares da Sagrada Escritura, mas um "índice geral dos doze volumes". O último dos amplos projetos editoriais executados no âmbito vieiriano é a *Obra Completa António Vieira*, publicada pela Círculo de Leitores (2013), em Portugal, e, no Brasil, pela Edições Loyola (2014). Dirigida por José Eduardo Franco e Pedro Calafate, a *Obra Completa* foi organizada em trinta volumes, contando com a contribuição de mais de trinta dos maiores especialistas em Vieira em Portugal e no Brasil. Trata-se de um trabalho cujo mérito reside, sobretudo, na difícil reunião de todos os escritos achados de Antônio Vieira até então, incluindo inéditos decisivos, como a tradução da *Clavis Prophetarum*. Sua relevância, porém, não a isenta de escolhas editoriais questionáveis: a alteração da *dispositio* dos sermões tal como havia sido impressa na *editio princeps* inviabiliza a edição dos índices junto aos sermões que inicialmente acompanhavam. Totalizados, então, são impressos apenas no último volume da obra parenética.

Não apenas na edição e nas tentativas de edição do que supostamente seria a obra completa de Antônio Vieira, mas também nas inúmeras seletas, antologias e compilações a eliminação dos índices ou sua substituição por outros aparatos editoriais é prática regular. Em uma edição portuguesa do "Sermão de Santo António", seu organizador, Manuel dos Santos Alves (19--), ressalta a importância do glossário acrescido à edição tanto para o professor quanto para o aluno. Trata-se de uma edição voltada para o ensino,

de modo que o glossário funciona, na ausência de um dicionário à mão, como elucidador de termos inusuais empregados no sermão. Outro caso é a *Antologia de Sermões* (1941), de Mário Gonçalves Viana. A ela, acrescentaram-se um "índice remissivo dos principais nomes próprios contidos nesta obra" e um "índice remissivo dos principais assuntos versados nesta obra". A própria organização da antologia, cujos trechos selecionados são ordenados por temas ("Amor que une e amor que desune"; "As inquietações do amor"; "Formosura"; "Pouca confiança e muita confiança"; "Poucos e bons" etc.), sugere outra legibilidade que não a primeira dos sermões. Já a seleta anotada por Pedro Calmon, *Sermões patrióticos* (1933), oferece somente um "índice onomástico das anotações" de seu editor. Além de sumariamente eliminados ou modernamente substituídos, os índices também foram publicados autonomamente. Em 2010, uma seleção do índice do primeiro tomo foi publicada em Portugal, sob organização de Vasco Silva, embora sem explicitação de seus critérios de seleção e incluindo ainda os preâmbulos do primeiro tomo – isto é, a epístola de Vieira ao Príncipe Regente D. Pedro, a quem tal tomo é dedicado, a carta ao leitor, as licenças e o privilégio real. No mesmo ano, uma edição totalizada e organizada por Alcir Pécora, foi publicada no Brasil. Nesse caso, a totalização dos quinze índices em um só, todavia, produz um "índice dos índices" que não corresponde a obra alguma[15], apesar do que deixa entender a quarta capa da edição: "Nesta obra inédita do Padre Antonio Vieira foram reunidos pela primeira vez todos os índices de frases notáveis que o próprio jesuíta organizou [...]".

Enfim. O excurso é apenas sugestivo[16]. Não deixa, porém, de revelar uma constante na edição dos sermões de Vieira: seus índices, assim como os próprios sermões, nunca foram, exceto na *editio princeps*, editados do modo como foram concebidos. Foram sucessivamente ignorados, frequentemente substituídos por outras espécies de índices, vocabulários e glossários. Ainda que por motivações distintas, compartilham entre si todas essas edições a incompreensão do lugar retórico ocupado pelos índices junto aos sermões de Vieira: da supressão à autonomização, produz-se outra legibilidade que não a

[15] Devo esse ponto a João Adolfo Hansen, que atribui a observação não publicada a Roger Chartier.

[16] Há outras importantes edições dos sermões, às quais, entretanto, não tive acesso. Do século XIX, destacam-se *Sermões selectos*, publicados em 6 volumes, entre 1852 e 1853, pela Tipografia Rolandiana; *Sermões*, em 1 volume, impresso pela Tipografia Universal em 1873; *Sermões*, levado à prensa pela Tipografia Adolfo, Modesto e Cia em 1889, entre outras. Há, ainda, o caso d'*O Crisóstomo português* (1878-90), compilação em cinco tomos editada pelo Padre Antonio Onorati, com ampla circulação no fim do século XIX e início do XX. Trata-se de um caso à parte com muitas peculiaridades editorais, envolvendo adulterações de natureza vária nos discursos de Vieira e ligada a um projeto marcadamente ultramontano. Para uma análise de alguns dos aspectos editoriais dessa compilação, ver Trevisan; De Martini (2022). Sobre ela, ver ainda Hansen; Pécora (1993). Agradeço à gentileza de Hansen pelo envio de uma cópia desse texto.

primeira dos índices, revelando práticas de leitura em que seu uso já não é mais pertinente. Seguramente, as leituras anacrônicas que muito se fizeram da oratória sacra de Antônio Vieira[17] também se revelam nos usos e desusos de seus índices, em um intervalo de diferenças que constitui uma história informativa (MCKENZIE, 2018). Dentro dessa história informativa, tomo os índices de Vieira como artefato a fim de compreender sua legibilidade primeira. Com isso, entretanto, não proponho uma leitura exaustiva dos índices a partir de balizas retóricas e teológico-políticas historicamente pertinentes, embora, naturalmente, certos lugares-comuns e excertos sejam comentados e analisados, sob essa perspectiva, em determinados momentos do argumento aqui desenvolvido. Pela extensão e variedade dos índices, um trabalho dessa natureza talvez pecasse pela superficialidade, esparramando-se tão fragmentariamente quanto os próprios índices e comprometendo sua inteligibilidade. Busca-se, aqui, uma narrativa mais coesa, sem tantos desvios acidentados. Ainda que um recorte conceitual fosse possível, esse também não me parecia o caminho mais fecundo a seguir, haja vista que o fazer implicaria discutir não os índices de Antônio Vieira, mas seus sermões, cujo estudo, segundo entendo, encontra-se em estado muito menos lacunar do ponto de vista da fortuna crítica[18]. Nesse sentido, quando me refiro à legibilidade primeira dos índices de Vieira, penso em modos historicamente verossímeis de sua recepção, mas também de sua invenção: modos historicamente verossímeis de compô-los e utilizá-los – instrumentos práticos que eram. Para onde exatamente os índices levam seu suposto leitor, no percurso argumentativo dos sermões do Padre Vieira, não é da alçada desta dissertação – ainda que, como se verá, algumas relações dessa ordem sejam úteis para desenrolar o fio da narrativa que aqui já se desenrola.

Evidentemente, o estudo das ruínas impõe, muitas vezes, limitações intransponíveis. Por exemplo, até onde se sabe, não há, infelizmente, vestígio algum dos manuscritos desses índices, que poderiam fornecer pistas para uma reconstrução de fato de sua fatura. Tampouco algo se sabe sobre a circulação efetiva dos seus índices impressos, informações que, por sua vez, contribuiriam para uma reconstituição de modos de lê-los e empregá-los. No conjunto imenso e variegado de seus escritos, Vieira mesmo se refere aos seus índices em apenas um brevíssimo trecho, como antes se viu e adiante se verá. Mesmo assim, penso ser possível contornar esses obstáculos, pelo menos até certo

[17] Para uma síntese do mosaico de leituras anacrônicas de Vieira produzido pela crítica, ver Pécora (2008, p. 31-60).
[18] Para citar apenas dois estudos clássicos, ver Mendes (2003) e Pécora (2008).

ponto, por meio de uma arqueologia mais ampla da prática indicial que privilegie, acima de tudo, uma articulação sua com concepções, práticas e técnicas de leitura e anotação profundamente enraizadas na cultura escolar[19] jesuítica. E, caso se exija um argumento fatal para que se proponha a verossimilhança de um Vieira que, para além dos índices do *Sermões*, exerceu com notável diligência o *excerpere* aprendido com seus mestres no Colégio da Bahia, basta lembrar que, dentre os manuscritos compulsados em sua cela após sua morte, encontrava-se sua prodigiosa e hoje desgraçadamente desaparecida *memoria scrita*:

> nove volumes ou prontuários para facilmente exercer a arte de pregar sobre qualquer matéria, que contém argumentos, testemunhos dos Padres, erudição sacra e profana, tudo coligido por ele, e organizado pelas letras do abecedário, de A a I, juntamente com três índices abrangentes, em três volumes respectivos (SOUSA *ET AL*, 2015, p. 277).

Talvez aí, na referência indicial aos seus nove prontuários e três índices, vislumbre-se já os destinatários verossímeis dos índices dos *Sermões*. Naquela carta ao Cônego Francisco Barreto, Vieira (1928, p. 651) refere-se a um comentário elogioso de um mestre do Colégio de Santo Antão: "[nos índices] se dá luz e abre o caminho a outros pensamentos e discursos, como me confessou no colégio de Santo Antão um mestre de grande talento [...]". Pela passagem, logo se deduz que seriam os mestres dos colégios jesuítas os destinatários privilegiados dos índices. Uma aproximação mais detida do *excerpere* nos colégios, porém, remete-nos ainda aos discípulos da classe de Retórica. Por exemplo, é a eles que o jesuíta Francesco Sacchini dedica seu *De ratione libros cum profectu legendi libellus* (1613), a primeira *ars excerpendi* jesuíta impressa e, junto à de Drexel, uma das mais difundidas. Nesse sentido, a compreensão dos índices das coisas mais notáveis de Vieira como instrumento de invenção e elocução dos mestres e pregadores jesuítas passa, necessariamente, pelo ensino da Companhia, por meio do qual aprenderam a compô-los e utilizá-los. Situados os destinatários supostos dos índices, explica-se, enfim, seu sucessivo apagamento nas edições dos sermões de Vieira: com o declínio da oratória sacra e as profundas mudanças ocorridas na cultura escolar após a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e da América portuguesa, índices assumem outra significação histórica[20]. Dessa maneira, as compilações escolares analisadas

[19] Para alguns pressupostos epistemológicos para um estudo histórico da "cultura escolar", ver Julia (2001).
[20] O declínio da oratória sacra, pelo menos de matriz jesuítica, que resulta, em parte, no apagamento dos índices em edições dos sermões, evidencia-se no próprio apagamento de Vieira como modelo de orador sacro a partir de meados do século XVIII. Conforme anota João Lúcio de Azevedo (1918), Manuel do

recorrem a índices em tudo estranhos aos *Sermões*, visando tão somente ao esclarecimento (ou anacrônico obscurecimento) de determinados termos tidos como arcaicos ou distantes do vocabulário escolar: não se trata mais de *facilitas inueniendi* de letrado para letrado ou futuro letrado, mas de dicionário *ad hoc* de professor para aluno.

Voltemos aos colégios jesuítas. Estudar o *excerpere* na Companhia põe-nos diante dos chamados "manuscritos ordinários" (HÉBRARD, 2001), como os *libros blancos*, espécie de cadernos de anotação utilizados pelos discípulos jesuítas. Mais uma vez, as ruínas: a escassez de coleções de manuscritos ordinários anteriores ao século XVIII torna, a princípio, improvável a reconstituição histórica de seus usos (HÉBRARD, 2001). O caso jesuíta não vai diferente, de fato, uma vez que poucos *libros blancos* teriam sobrevivido, geralmente datados do século XVIII, período tardio da Companhia, e restritos a livros de composição de alunos de gramática (COMPÈRE, 1992; FLAMARION, 1996). Uma forma de contornar esse entrave material seria privilegiar os aspectos agenciais envolvidos a partir da constituição e análise de um *corpus* documental institucionalmente circunscrito (HÉBRARD, 2001) em que o *excerpere*, em suas denominações diversas, é referido e normatizado. Portanto, se é limitado o acesso material a *libros blancos* anteriores ao século XVIII, a vasta documentação educacional produzida pela Companhia ao longo, principalmente, da segunda metade do século XVI, permite avançar uma reconstrução, ainda que parcial, do *excerpere* jesuítico. Praticamente omissa a esse respeito, a versão definitiva do *Ratio studiorum* (1599), comumente referência básica para estudos da cultura escolar jesuítica, perde sua centralidade aqui, uma vez que a maior parte das fontes documentais referentes ao *excerpere* na Companhia de Jesus foi escrita nas primeiras décadas da Ordem. Embora o *excerpere* não fosse peculiar aos jesuítas[21], suas singularidades aqui devem-se, em parte, a uma de suas principais finalidades: proporcionar um instrumento de trabalho para o jesuíta em missão (NELLES, 2007)[22], muitas vezes retirado em locais distantes das bem equipadas bibliotecas europeias. Nesse contexto, os excertos coletados ao longo dos anos mostravam-se particularmente úteis para os negócios espirituais com os quais estava envolvido. Assim, a prática de anotação adquiriu um caráter sistêmico na Companhia que permeava tanto a

Cenáculo (1724-1814), em seu *Memórias históricas do ministério do púlpito* (1776), censura a elocução afetada de Vieira, não considerando sua obra útil para a formação de novos pregadores. Agradeço a Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto pela lembrança.

[21] Muito tem-se escrito a respeito nos últimos, pelo menos, 25 anos. Para alguns estudos importantes, ver Moss (1996); Cevolini (2006); Blair (2010); Yeo (2014); Zedelmaier (2015); Nakládalová (2020).

[22] A discussão a seguir acompanha, em grande medida, o roteiro estabelecido por esse admirável estudo, que compôs um panorama geral das práticas de anotação nos primeiros colégios jesuítas.

rotina dos discípulos nos colégios quanto a de missionários experientes (NELLES, 2007; NELLES, 2020).

O *ethos* da anotação jesuíta, revelador dessa organicidade, delineia-se entre 1540 e 1565. As balizas temporais traçadas indicam a fundação oficial da Ordem (1540) e a publicação das *Regulae scholasticorum* (1565) e do *Ratio studiorum* do Colégio Romano (1564-65), dois documentos que condensam e solidificam grande parte da discussão produzida pela Companhia sobre as anotações até então. Ainda se poderia subdividir esse período em dois. O primeiro, que abrange a década de 1540, caracteriza-se pela introdução das anotações no programa de ensino da Companhia, em um momento em que a própria Ordem paulatinamente se definia pela vocação educacional. O segundo cobre as décadas de 1550-60. Durante esse período, é fundado o Colégio Romano (1551), modelo da Companhia, e publicado seu *Ratio studiorum* (1564-65), em muitos aspectos alicerce da versão final de 1599. Havia precedentes, entretanto. A anotação jesuítica deve ao modelo educacional que esteve na base tanto do ensino adquirido por alguns de seus principais membros antes da fundação da Companhia quanto dos primeiros anos do próprio ensino jesuítico: o *modus parisiensis*, cujo cerne residia no esforço ativo dos alunos por meio de exercícios discursivos diversos que previam práticas de recolha de *excerpta* auxiliares à sua execução (CODINA MIR, 1968). Nesse sentido, os colégios de Paris, onde alunos e professores estabeleciam-se em regime de internato, distinguiam-se pelo caráter intelectualmente estimulante, ao contrário do modelo das universidades aderentes ao *modus italicus*, nos quais os colégios ofereciam, geralmente, apenas abrigo para os estudantes (CODINA MIR, 1968). Apesar de os colégios da Companhia fornecerem, além de alimentação, vestuário, "*libros y todo necesario o conveniente para el estudio*" (*Mon. Ig.*, I, 9), seu modelo inicialmente se aproximava do *modus italicus*, não prevendo o oferecimento de aulas – traço típico do *modus parisiensis* – e limitava-se a abrigo para futuros membros da Ordem em cidades onde já havia uma universidade consolidada. Nesse modelo, existiam, em 1544, sete colégios jesuítas, localizados em Paris, Lovaina, Colônia, Pádua, Alcalá, Valência e Coimbra. Como necessitavam de rendas para a manutenção dos estudantes, os colégios dependiam de benfeitores que os financiassem. Recém-criada, a Companhia enfrentava dificuldades para receber doações e, dos colégios citados, apenas o de Coimbra, protegido por D. João III, já possuía, em 1546, independência financeira (O'MALLEY, 2004).

A mudança de posição em relação à natureza dos colégios foi motivada, principalmente, pelo contraste evidenciado pela imersão nos dois *modi*. Nisso, fator decisivo foi a ida a Pádua, em 1542, de Juan de Polanco, primeiro secretário da Ordem, para frequentar o curso de Filosofia e Teologia, seguindo o modelo inicialmente ideado para a formação jesuíta. Tendo passado anteriormente por Paris, como outros dos primeiros jesuítas, Polanco julgava as aulas paduanas insuficientes, dedicando-se ao *estudio de casa*, conforme o *modus parisiensis*. Nesse *estudio de casa*, Polanco (*Pol. Compl.*, I, 2) adaptou para si os exercícios de *repetitio* e *disputatio* habitualmente praticados em dupla ou em pequenos grupos em Paris – e que dependiam das anotações de aula – para progredir mais rapidamente no curso de Lógica. Esse relato mostrava que, ao contrário do que se supunha inicialmente, a sólida formação almejada pelos jesuítas não seria possível se dependesse do ensino universitário tal como estava constituído em muitos locais. A situação de Polanco em Pádua, bem como a de outros jesuítas em lugares diversos, que relatavam a péssima formação dos padres, levou Inácio de Loyola a concordar com a aplicação desses exercícios para outros alunos, assim como com a introdução do ensino nos colégios, sinalizando uma mudança decisiva nos seus planos para a Companhia (O'MALLEY, 2004). A experiência adquirida, em Pádua, por Polanco foi congregada na segunda versão das *Constituições* (1548-50), creditada em grande medida a ele. Nesse documento, encontram-se, parcialmente, as diretrizes básicas do *excerpere* jesuíta:

> Os estudantes não devem faltar às aulas, exceto por força maior. É bom que tenham lido, antes da leitura do mestre, o texto da aula, a fim de melhor compreender o que diz. Eles devem ser diligentes ao escrever as coisas que diz o professor e que podem ser esquecidas. Para isso, de modo a não sujar nem escrever nos livros impressos, é bom que os alunos de Gramática tenham livros de papel nos quais escrevam os textos ou texto selecionados pelo Reitor, com uma distância de uma linha à outra e margem para anotar o que diz o mestre. Os discípulos mais avançados, como os de Retórica, Filosofia e Teologia, podem levar papéis nos quais anotem tudo o que foi dito ou ordenado pelo professor, ou que pareça notável. Depois, essas coisas serão aproveitadas para repetir a lição, antes da qual devem ser postas, de maneira mais ordenada e assimilada, em outro livro. E anote também o que não entende bem para que o aborde durante a repetição. Se seus companheiros não forem capazes de ajudá-lo, deve pedi-lo ao próprio professor em momento oportuno (*Mon. paed*., I, 14, 240-242)[23].

[23] "*Los scholares sean continuos, y no falten sino por causas necessarias a las tales lectiones; y antes que lea el maestro, es bien que ayan ellos previsto lo que ha de leer, para mejor entender lo que dixere; y sean diligentes en scrivir las cosas que dixere, que pueden olvidarse; y para esto, por no ensuciar ni scrivir en los libros estanpados, es bien que los gramáticos tengan libros de papel en que scrivan las lectiones o lectión que al Rector paresciere, con distantia de un renglón a otro y margen para notar lo que dixere el maestro. Y si en algunos esto no se sufriere, como en los más provectos rhetóricos o artistas o theólogos,*

Sumariamente, como se vê, prescreve-se aos alunos a anotação diligente daquilo que posteriormente possa ser esquecido ou que seja ordenado pelo mestre durante a *lectio*, a exposição oral, baseada em comentários autorizados, feita nas diferentes classes dos colégios sobre o texto da aula em questão, impresso ou ditado na aula anterior. Também já se prevê, nessa passagem, uma sólida diferenciação entre as anotações feitas pelos discípulos da classe de Gramática, em *libros de papel*, e pelos discípulos de Retórica, Filosofia e Teologia, em papeis soltos, que, durante o *studium privatum*, deveriam ser ordenados e transcritos para outro *libro* a fim de auxiliar nos exercícios de repetição. É de acordo com essas instruções gerais, confirmadas e detalhadas em normativa posterior, que as anotações passaram a ocupar um lugar destacado em muitas das principais atividades dos alunos nos colégios.

Comecemos pela *lectio*. Durante ela, as anotações dependiam do suporte do texto a ser comentado pelo mestre ao longo do curso, isto é, as *auctoritates*, como Cícero, Aristóteles e Santo Tomás, fornecidos, dependendo da classe, em tradução vernacular, no caso de alunos iniciantes de Gramática, paráfrases latinas ou breves resumos. Tais escritos, como acima se evidenciou, ou eram ditados pelo mestre na aula anterior ou eram fornecidos impressos aos alunos. O primeiro caso era claramente preferível para a classe de Gramática (*Mon. paed*., I, 12), pois se acreditava que uma carga mais elevada de escrita reforçaria a caligrafia, a ortografia e a memória dos discípulos (*Mon. paed*., II, 82). Assim, eles anotavam, em seus *libros blancos*, o texto ditado, deixando em cada página tanto um espaço interlinear, que preenchiam com sinônimos latinos ou traduções vernaculares de certos vocábulos, quanto um espaço marginal, utilizado para adicionar comentários dos mestres. Nas classes superiores, ao contrário, os textos de aula costumavam ser impressos. Se fossem baratos, eram impressos *ad hoc* e distribuídos a todos os alunos, que ficavam com uma cópia para si (*Mon. paed*., I, 7). Nesse caso, ainda que as anotações separadas fossem aconselhadas, era-lhes permitida a anotação direta no impresso, cuja *mise en page*, dotada de amplos espaços interlineares e marginais, era especificamente desenhada para esse fim. Se fosse inviável a impressão do texto base, mas houvesse livros suficientes para a classe na biblioteca do colégio, os alunos deveriam, então, utilizar papeis soltos

---

lleven papeles donde annoten lo que fuere dicho por el maestro, que parezca notable o él mandare scrivir, de lo qual se aprovechará después para el repetir la lectión, antes que más ordenada y digestamente ponga las cosas en otro libro. Y note así mesmo lo que bien no entiende para después tratar dello en el repetir, y si no le satisfazen los compañeros, demandarlo al mesmo maestro como aya comodidad."

para registrarem suas anotações, uma vez que os livros deveriam retornar à biblioteca após seu uso e as anotações neles eram proibidas (*Mon. paed.*, I, 14).

Quanto à denominação do suporte material que recebia essas duas espécies de anotação – a dos alunos das classes de Gramática e a das demais classes –, havia algumas distinções. Jerônimo Nadal designa de *libros papiráceos* aqueles utilizados pelos discípulos de Gramática, que continham tanto o texto da aula ditado quanto as anotações dos comentários feitos pelo mestre (*Mon. paed*., II, 4). *Libritos de papel*, por seu turno, nomeavam as anotações, baseadas nos comentários do professor, feitas em papeis soltos pelos discípulos de classes mais avançadas, separadas do texto do curso (*Mon. paed*., I, 13). Essencialmente, a mesma distinção e o mesmo propósito de cada espécie são mantidos, nas *Regulae scholasticarum* (1565), posto que com nomes ligeiramente diferentes e com algumas especificações. Nos *libri papyracei*, os alunos de Gramática deveriam fazer suas anotações interlineares e marginais ao texto ditado enquanto aqueles das classes mais avançadas deveriam fazê-las mais livremente, em *charta seca*, reordenando-as, posteriormente, em cadernos separados a serem preservados para uso futuro (*Mon. paed*., II, 22).

Na *lectio*, com exceção dos textos ditados pelos mestres, as anotações não eram transcrições literais: os alunos deveriam ater-se às coisas notáveis da lição (*Mon. paed*., II, 1). E o que seria uma coisa notável? Enquanto os alunos de Gramática restringiam-se às anotações marginais e interlineares, os discípulos das classes superiores, em especial os de Humanidades e Retórica, apoiavam-se em anotações muito mais sofisticadas. Como indica Diego de Ledesma (*Mon. paed*., II, 76, tradução minha),

> Portanto, nas classes inferiores, serão extraídos somente sinônimos ou significados de palavras no estilo familiar. O que desconhecem é disposto com letras; igualmente, copiarão tudo o que for ditado pelo professor. Também nas classes superiores, e sobretudo os alunos de Retórica e Humanidades, extrairão frases, significados e diferenças de palavras, histórias e fábulas, antiguidades, sentenças notáveis, provérbios, ditos agudos ou respostas, apotegmas, epigramas, facécias, metáforas, figuras e tropos, lugares e argumentos deles derivados; todo, enfim, artifício retórico dos autores que ouvem[24].

[24] "*Igitur in inferioribus classibus excipientur solum sinonima vel significationes vocabulorum vulgari sermone, quem nesciunt, cum litera ordinatur; item, incipient omnia ea quae dictantur a magistro. In superioribus vero classibus, et praesertim rhetorices ac humanitatis, excipient frases, verborum significationes ac differentias, historias et fabulas, antiquitates, sententias egregias, proverbia, dicta acuta aut responsa, apophthegmata, epigrammata, facetias, methaphoras, figuras et tropos, locos et argumenta ex iis deducta, totum denique artificium rhetoricum auctoris quem audiunt*."

Para a classe de Retórica, em que o aprendizado e aplicação de técnicas retóricas naturalmente toma lugar privilegiado, era relevante, portanto, compor coleções de coisas notáveis a serem utilizadas posteriormente em exercícios de disputa, *disputatio*, e composição, *themata*. Essas anotações em particular, convém destacar, guardam similaridades com os índices de Vieira, que, essencialmente, fornecem impresso um conjunto extenso de excertos de natureza vária, ainda que restrito aos próprios *Sermões*, destinados à *inuentio* e *elocutio* discursivas.

Além dessas diretrizes gerais, também eram aceitas, exceto para os noviços, práticas alternativas (*Mon. paed*., II, 76). Assim, era possível incluir em um só *libro* tanto as anotações da *lectio* quanto as resultantes das leituras realizada no *studium privatum*, descritas adiante. Nesse caso, regras gramaticais e técnicas retóricas deveriam ser transcritas literalmente, bem espaçadas entre si e com margens amplas. Para as classes mais avançadas, as anotações deveriam ser feitas nas margens superiores, laterais ou inferiores, com indicação da página do impresso *ad hoc* comentado pelo mestre. Devido ao tempo e ao esforço envolvidos na anotação do texto ditado, era facultado, mesmo para alunos de Gramática, sua substituição por edições impressas especialmente para o curso, ainda que claramente essa não fosse a opção preferível, uma vez que, para eles, como dito, havia um valor instrutivo peculiar na anotação do texto ditado. Outra alternativa admitida por Ledesma envolvia a mescla do impresso com livros de anotação. No caso, as anotações no impresso ficavam restritas a breves anotações marginais e interlineares enquanto os livros eram reservados às anotações mais longas. Neles, a primeira palavra da passagem comentada era inscrita, como entrada, entre parênteses, sendo sucedida pela anotação. A existência de tais práticas alternativas evidencia que, conforme a própria natureza da Companhia de Jesus, os jesuítas eram flexíveis em relação às anotações, sempre adaptando seus métodos de acordo com a variável realidade de cada colégio.

Na América portuguesa, por exemplo, em que pese a controvérsia aparentemente insolúvel em torno da existência ou não de atividade tipográfica nos colégios[25], a imprensa esteve proibida até a instalação da Impressão Régia, em 1808, por ocasião da ida de D. João VIII e sua Corte ao Rio de Janeiro. Assim, era inviável a impressão dos textos de aula, embora não seja descartável a remessa de tal material de Portugal para a América, como sugere um pedido de livros para os discípulos do Colégio da Bahia (LEITE, 1938). De todo modo, em casos em que o acesso a textos de aula impressos

[25] A esse respeito, ver Leite (1938); Moraes (2006); Silva (2008) e Rodrigues (2011).

estivesse interditado por qualquer razão, eles eram ditados mesmo para as classes superiores. No Colégio de São Paulo de Piratininga, por exemplo, José de Anchieta fazia apontamentos de próprio punho para distribui-los aos seus alunos (LEITE, 1938). Nos maiores colégios, mesmo que houvesse, em suas respectivas bibliotecas, livros impressos suficientes para toda a classe, era vedada a anotação neles, como se disse. Portanto, o mais provável é que, com acesso restrito a textos de aula impressos, proibidos de anotar nos livros da biblioteca e de, como todo jesuíta, possuir qualquer bem material, incluindo livros, as anotações tenham assumido um lugar relevante para os alunos dos colégios luso-brasileiros, que inevitavelmente se apoiavam nas anotações para assimilar a *lectio* e preservar as coisas notáveis para as atividades que a sucediam.

Dentre tais atividades, encontrava-se a *repetitio*, tarefa que sucedia a *lectio* e que, embora não tivesse uma estrutura fixa, consistia, basicamente, em exercícios de memorização da matéria tratada na *lectio* (*Mon. paed*., I, 14). Ocorria em dois momentos. No primeiro, realizado logo após a *lectio* e como exercício prévio para a atividade seguinte, a *disputatio*, solicitava-se a alunos escolhidos aleatoriamente uma recapitulação da exposição oral do mestre. Durante esse exercício, os discípulos poderiam recorrer livremente às suas anotações. Adicionalmente, realizavam-se mais exercícios do gênero em duplas ou trios. Na *disputatio*, importante sobretudo para alunos de Filosofia e Teologia, supunha-se já a assimilação da matéria durante a *repetitio*, de modo que o uso de notas era desaconselhado. Realizada antes da *lectio* do dia seguinte, a segunda *repetitio* era realizada por um pequeno grupo de alunos e, como a *disputatio*, idealmente dispensava o auxílio de anotações (*Mon. paed*., II, 76). Além das recapitulações diárias, aos sábados, ainda eram realizados exercícios de rememoração semanal (*Mon. paed*., I, 13), como a *repetitio*, a *recitatio* – repetição literal da matéria – e outras atividades, todas elas particularmente relevantes para os alunos de Gramática (*Mon. paed*., I, 2). A dinâmica das recapitulações semanais, em pares, estabelecia uma verdadeira disputa entre colegas, em que era declarado vencedor o discípulo que mais correções fosse capaz de apontar na fala de seu companheiro. Para os jesuítas, o modelo da *repetitio* semanal motivava os discípulos a se aplicarem nos estudos e ajudava a torná-los mais atentos (*Mon. paed*., I, 12).

Fundamentais na *lectio* e na *repetitio*, as anotações também eram empregadas durante o *studium privatum*. Nesse período, os discípulos reforçavam as tarefas realizadas publicamente, como a *disputatio*, composições e declamações, além das próprias *lectio* e *repetitio*. Assim, era o momento em que, dentro ou fora da sala de aula, individualmente,

em dupla ou em pequenos grupos, as anotações feitas durante a *lectio* eram revisadas (*Mon. paed*., II, 76). Essa ocasião conduzia os alunos a consultarem comentadores, a fim de esclarecerem dúvidas residuais a respeito do texto estudado, reunirem *copia rerum* e *copia uerba* para os exercícios de *themata* e reorganizarem suas anotações, ordenando-as convenientemente em um *libro blanco*. As leituras complementares, feitas com o material disponibilizado na *bibliotheca communis* do colégio, deveriam contribuir para a compreensão do texto da *lectio* (*Mon. paed*, I, 14), mas, em especial para alunos da classe de Retórica, também serviam para compilar material para os exercícios de *themata* – isto é, exemplos, comparações, *sententiae*, provérbios e outras coisas julgadas pertinentes para aprimorar a *elocutio* dos discípulos (*Mon. paed*., II, 76). Como propõe Jerônimo Nadal (1883), o reforço proporcionado por essas atividades resultava em melhor inteligência da matéria, bem como em exercitação do juízo e fortalecimento da memória. Do mesmo modo, ao orientar dois jesuítas que, entre 1547 e 1549, estavam em Roma para aperfeiçoar seus estudos em Filosofia, Diego Laínez (*Mon. paed.*, I, 5) aconselha-lhes a elaboração de uma *memoria scrita*, contendo notas de aula, meditações e excertos colhidos em comentários indicados por seus professores. A *utilitas* da *memoria scrita*, segue Laínez, deve-se ao máximo proveito alcançado das obras lidas com a mínima intervenção nos livros impressos consultados e ao refresco fornecido por ela à *memoria naturale*. Essa concepção dos *excerpta* enquanto auxiliares da memória natural, bastante clara nessa passagem, é ainda mais enfatizada pelas *artes excerpendi* seiscentistas, como se verá no segundo capítulo deste trabalho.

Os discípulos jesuítas também eram incentivados a comporem livros de lugares-comuns similares, posto que manuscritos[26], aos índices de Vieira. Ledesma (*Mon. paed*., II, 76) aconselha os alunos a selecionarem aproximadamente quarenta *loci*, suficientemente abrangentes para alocarem tudo o que fosse extraído das *lectiones* ou de suas leituras durante o *studium privatum*. Apesar de explícito quanto à sua importância, Ledesma não avança na discussão do *excerpere*, como o fazem as *artes excerpendi* jesuítas do século XVII. De todo modo, a utilidade dos livros de lugares-comuns não se esgotava na assimilação da matéria: eles eram fundamentais nos exercícios de composição a que os alunos eram submetidos e feitos em um livro exclusivo para eles (*Mon. paed*., II, 76). Uma vez ditado um tema qualquer em aula, os discípulos de Humanidades e Retórica aproveitavam o *studium privatum* para realizarem tais

[26] Para uma discussão a respeito de índices manuscritos e impressos no século XVII, cf. o capítulo 3 deste trabalho.

exercícios, que consistiam na elaboração de pequenos discursos de gêneros diversos, como cartas, orações, narrativas históricas e outros relacionados ao tema enunciado pelo mestre, consultando *auctoritates* disponibilizados na *bibliotheca communis* que os ajudassem na *inuentio* e *elocutio* (*Mon. paed*., II, 76). Nesse sentido, era decisiva a ordenação em *loci* tanto dos livros com anotações das *lectiones* quanto das leituras no *studium privatum*, haja vista que agilizavam sua consulta e, portanto, tornavam mais eficazes os *themata*.

Sobre as livrarias dos colégios, nucleares para a fatura dos livros de lugares-comuns, falemos mais um pouco. Desde a primeira versão das *Constituições* (1541), encontram-se, na documentação jesuítica, referências ao fornecimento de livros aos estudantes que se instalavam nos colégios da Ordem (*Mon. paed*., I, 9). Em outro documento dos primórdios da Companhia, *Fundación de Colegio* (1541), os colégios são comparados a um "*hospital bien ordenado*" (*Mon. Ig.*, I, 10-10bis) dotado de botica, livraria, fogo, açúcar e tudo o mais necessário para aqueles que os procurassem. Ainda na década de 40, publicou-se a primeira normativa librária jesuíta, *Bibliothecae custos* (1545), de Simão Rodrigues, redigida para melhor administrar a livraria provida por D. João III, em 1542, ao Colégio de Coimbra (*Mon. Ig*., IV, 20). Nos oito artigos que compõem o documento, é possível identificar três eixos normativos (JULIA, 1997). O primeiro incide diretamente na *ordo libraria*. Assim, os livros deveriam ser registrados em um rol geral de livros (regra 1), identificados, na lombada, por seus respectivos títulos (regra 6) e distribuídos nas estantes conforme a diversidade dos saberes (regra 2), embora não se especifique quais são eles. O segundo eixo diz respeito à manutenção tanto do acervo quanto do espaço físico das livrarias. Desse modo, "o que tem cargo dos livros" deveria manter o asseio da livraria, varrendo-a a cada dois dias (regra 7), retirando o pó dos livros e verificando se algum volume padecia de humidade, enxugando-o se necessário (regra 5). Além disso, indica-se todo o material a ser disponibilizado para proveito dos alunos, como papel, tinta, penas, canivetes, tesouras, escrivaninha (regra 8). O último eixo do documento refere-se ao controle librário. Na parte externa da livraria, deveria haver uma "mão de papel" em que se registrariam, de um lado, os livros tomados por empréstimo pelos internos e, de outro, os livros emprestados a externos, cuja operação dependia de autorização do Reitor (regras 3 e 4), com o devido registro de pessoas, ano e dia, que era então apagado quando devolvido o livro (regra 3), indicando o caráter algo público da livraria coimbrã. Modelar na sua precisão, o *Bibliothecae custos* tornou-se o paradigma da normativa librária jesuítica, ainda que modificações importantes tenham

sido introduzidas posteriormente, como a regra oito da tradução quase integral para o espanhol de Jerônimo Nadal, em 1553, que a ela acrescenta a proibição de anotação nos livros, exceto em caso de correção de erro de impressão (*Mon. Ig*., IV, 94). Encontra-se similar repreensão ao tratamento descuidado com os livros em Sacchini (1613, p. 94-95, tradução minha), que remete a uma prática de grifar coisas notáveis com a unha, censurando-a severamente:

> Que dirias sobre esses aos quais basta gravar marcas com sua unha? Essas certamente não auxiliam a sua memória, maltratam os livros e causam dano nas mesmas passagens notáveis, que desfiguram com um sinal horrível e quase uma marca de condenação[27].

A marca de condenação a que se refere Sacchini lembra o expurgo de passagens ou expressões imorais impostas pelos jesuítas nas *Constituições* de 1556, logo após complementado pela primeira versão das *Regulae praefecti bibliothecae* (1567), que estabeleceu a aquisição obrigatória do recém vigente *Index librorum prohibitorum* romano, de 1564, por parte dos colégios. Quando a expurgação não fosse possível, como na obra de Terêncio, prescrevia-se mesmo sua eliminação do currículo escolar (*Mon. paed*, I, 27). No caso das livrarias jesuítas da América portuguesa, desde a fundação do Colégio da Bahia, em 1549, Manuel da Nóbrega preocupou-se com o provimento de livros tanto para instrução dos meninos quanto para aprofundamento doutrinário dos padres. Assim, foram instaladas livrarias por todo o território, mesmo distantes de centros urbanos mais desenvolvidos. Os acervos variavam em quantidade, sendo o do Colégio da Bahia certamente o maior, mas, a julgar pelas indicações de Nadal (1883), eles mantinham, ou deveriam manter, alguma congruência[28] e autores como Plauto, Terêncio, Horácio, Marcial e Ovídio eram recebidos impressos, expurgados e adaptados, tal como usados no Colégio Romano (LEITE, 1938).

---

[27] "*Quid porro de iis dixeris, qui fatis habent ungue notas imprimere? Illi quidem nec memoriam sublevant, et male de libris merentur*: *et ipsis iniuriam locis insignioribus faciunt, quos foedo, ac damnationis fere indice signo deformant*." Doravante, todas as traduções das citações diretas do *Ratio* de Sacchini serão feitas a partir da tradução espanhola (2021), da tradução francesa (1785) e da tradução parcial italiana (2006), ainda que com cotejo do original latino.

[28] Recente cotejo de inventário das bibliotecas de oito colégios localizados em distâncias geográficas consideráveis – Santiago, Madrid, Córdoba, Paris, Mérida, Caracas, Budapeste, Concepción e Castro – revelou de fato uma notável harmonia entre tais acervos, caracterizando o que alguns autores denominaram de "isomorfismo" librário jesuíta. Ver Tezanos (2014).

No fim do ano letivo, finalmente, os alunos produziam um sumário do curso. O sumário consistia em uma reelaboração das notas coletadas ao longo as aulas, incluindo possíveis acréscimos extraídos de leituras complementares, cujo objetivo era torná-las mais concisas e bem-acabadas. Espécie de etapa preparatória para a classe seguinte, cumpria uma função rememorativa, consolidando a assimilação da matéria e ajudando na retomada de pontos eventualmente esquecidos ao longo do curso. Havia um empenho coletivo em sua elaboração, de modo que os alunos que encontrassem dificuldades ao compor seu próprio resumo poderiam recorrer aos de outros alunos (*Mon. paed*., I, 4; *Mon. paed*., I, 13; *Mon. paed*., I, 14). Na versão de 1556 das *Constituições*, entretanto, estipula-se que apenas alguns alunos de mais doutrina deveriam fazê-lo; em alguns casos, o próprio professor compunha um de uso comum (*Mon. paed.*, I, 14). Apesar de ser prática usual em todas as classes, os sumários eram essenciais para os jesuítas na iminência de deixarem os colégios e serem enviados para missões distantes. Como preceitua Nadal (*Mon. paed*., I, 3), a anotação diligente servia para suprir tanto a ausência de livros quanto a falta de memória. Os futuros missionários tinham ali um recurso valioso para ministrar lições e inventar sermões em lugares possivelmente afastados de bibliotecas bem providas. Nesses casos, recomendava-se ainda a elaboração de um sumário dos preceitos do bem predicar, um livro de assuntos adequados para lições públicas e orientações de interpretação e ensino – instrumentos todos que, ao que tudo indica, Antônio Vieira mantinha consigo até o fim da vida. Portanto, o *excerpere* era prática sistêmica entre os jesuítas: e, mais importante do que o domínio de uma matéria escolar, seu fim era subsidiar os *negócios espirituais* da Companhia de Jesus (NELLES, 2007), vinculados, no caso luso-brasileiro, à política católica ibérica (HANSEN, 2001):

> Façam-se excertos – Todos, especialmente artistas e teólogos, deveriam empenhar-se em fazer esses excertos do que estudaram. Se alguns por si não o puderem fazer, tomem a ajuda de outros que os tenham feito melhor, porque, com isso, compreende-se melhor o que se estuda e mais se imprime-o na memória. Quando a memória se perde, há o recurso do excerto. Para aqueles que têm de tratar dos negócios espirituais, e, além disso, estudar prédicas ou lições, fá-lo-ão muito em menos tempo e com menos embaraço dos livros se tiverem esses excertos dos seus estudos ordenados e, ao fim, poderão escolher aqueles que mais se estima ou fazer um novo resumo e dele fazer um livro ou livros com um indice para achar as matérias (*Mon. paed*., I, 3, 35)[29].

[29] "*Háganse extractos – Todos, especialmente artistas y theólogos, deberían usarse a hazer estos extractos de lo studiado; y se algunos por sí no pudiesen, ayúdense de otros que los ayan hecho mejor, porque con esto mejor se comprehende lo que se estudia, y más se imprime en la memoria; y quando la memoria se perdiese, ay recurso al extracto; y para los que han de atender a negocios espirituales, y con todo ello estudiar prédicas o lectiones, muy en menos tiempo y con menos embarazo de libros lo harán, si tuvieren*

No caso de Antônio Vieira, a imbricação entre negócio espiritual e *excerpere* pode ser lida no "Sermão da Sexagésima", essa espécie de arte de pregar jamais escrita pelo autor. Ao descrever o sermão como Árvore da Vida, Vieira propõe-no como um discurso composto por raízes, troncos, ramos, folhas, varas, flores e frutos, associando cada uma dessas partes a um elemento obrigatório do gênero. Assim, sua fundação deve ser feita nas sólidas raízes da Verdade do Evangelho, restringir-se a um assunto e matéria, que é o tronco; do tronco, surgiriam ramos que diversamente tratam da mesma matéria. Os ramos, por sua vez, seriam preenchidos pelas *uerba*, que são as folhas. Além disso, a árvore deve ter varas, que são a repreensão dos vícios, as flores, que são as *sententiae*, e, finalmente, os frutos, que são o fim do sermão. Quantos às flores, propõe:

> As flores, umas caem outras secam, outras murcham, outras leva o vento; aquelas poucas que se pregam ao tronco e se convertem em fruto, só essas são as discretas, só essas são as que duram, só essas são as que aproveitam, só essas são as que sustentam o mundo. (VIEIRA, 1679, p. 13).

Após esboçar o que seria um sermão eficaz porque decoroso, Vieira prossegue: "tudo o que tenho dito pudera demonstrar largamente [...] com os preceitos dos Aristóteles, dos Túlios, dos Quintilianos (VIEIRA, 1679, p. 13). Demonstremo-lo, dizendo o que Vieira não diz. Quintiliano (*Inst. orat.*, VIII, V), autoridade que, dentre os preceptores, mais extensivamente discute as *sententiae*, lembra que os antigos assim denominavam todos os pensamentos. Porém, pelo costume, passou-se a reservar o termo unicamente àqueles pensamentos considerados luminosos ou, se se quiser uma denominação mais tipicamente seiscentista, agudos. Quintiliano ainda assinala para a existência de diferentes espécies de sentenças, dentre elas, as sentenças gnômicas, isto é, ditos que, não se aplicando a casos particulares, mas universais (*uox universalis*), são dignos de elogio, mesmo tomados autonomamente – definição certamente tomada de Aristóteles (*Ret*., II, 1394a). Quanto ao seu uso, contrapõe aqueles que exageram em seu uso, como Sêneca, aos que as condenam, como os oradores chamados áticos, conhecidos pela ausência de ornatos em seus discursos. Ao comparar o discurso à pintura, Quintiliano aponta que, assim como as figuras de um quadro devem alternarem-se com as sombras, as *sententiae* devem ser empregadas com moderação, porque seu uso excessivo enfraquece seu efeito justamente

---

estos estractos ordenados de sus studios, y al fin de los podrían escogerse los que hombre más estimase, o hacerse uno nuevo de los, y hazer dello un libro o libros con un índice para hallar las materias."

por estar cercado de muita luz. Além disso, a concisão demasiada provocada por esse emprego desmedido torna o discurso truncado e desconexo, uma vez que toda *sententia* assemelha-se a uma conclusão, maculando o discurso e conferindo um aspecto desigual ao discurso como um todo. Em suma, o uso exagerado de *sententiae* necessariamente desaguará em vulgaridade, pois "não pode haver escolha onde o que se procura só é o número" (*Inst. orat*, VIII, 30). Quanto àqueles que condenam o uso de *sententiae*, Quintiliano ressalta sua utilidade em relação aos meios de persuadir e mover, observando seu emprego por grandes oradores, como Demóstenes. Assim, propõe um caminho intermediário entre as duas opiniões: considerando as *sententiae* os olhos da eloquência (*oculi eloquentiae*), reconhece seu lugar capital em relação ao corpo do discurso, mas pondera a necessidade de evitar levá-la a tomar as funções das demais partes. Ao emular os antigos, conclui, não se deve tentar excedê-los nos ornatos, exagerando no emprego de *sententiae*, pois, assim procedendo, o orador nem os superará naquilo que lhes falta, nem alcançará as virtudes que os caracteriza.

Quer dizer, a justa medida na aplicação das *sententiae* preceituada por Quintiliano pressupõe o juízo na *selectio* das *sententiae* a serem aplicadas na invenção discursiva. Se o procedimento for aplicado sem juízo, o discurso ferirá o decoro imposto pelo gênero e pelo auditório – quando excessivamente ornado por flores, diz o Padre Vieira (1679, p. 13), o sermão torna-se "ramalhete". Entretanto, a censura aqui não é apenas ao excesso *per se*, mas também à dissociação que tal excesso revela: apartadas das outras partes da árvore que compõem o sermão, as flores tornam-se conjunto de matéria verbal autônoma igualmente dissociadas dos signos factuais do divino. Ao ressaltar a necessidade de as flores converterem-se em fruto, Vieira propõe que, no sermão sacro, a moderação das *sententiae* por si não é suficiente para que seu uso seja decoroso. Se, por um lado, as *sententiae* são os olhos da eloquência e, portanto, devem manter uma relação decorosa com as demais partes do corpo do discurso, por outro, deve-se estabelecer uma relação eficaz entre as flores, que são as *sententiae*, e os frutos resultantes, isto é, a movência dos afetos do destinatário ao pacto de sujeição ao corpo místico do Império Português. Posto esse entendimento de Vieira da *sententia* discreta como flor que se converte em fruto, seus índices não são conjunto de mero ornamento, matéria verbal autônoma, mas de flores impregnadas pela palavra da Providência. Se, no "Sermão da Sexagésima", Vieira propõe que o erro da pregação dominicana repousa no rompimento entre retórica, tropos ornamentais e signos factuais do divino (PÉCORA, 2008) – o que, em termos de *sententia*, significa emprego de flores sem frutos –, seus índices só "[dão] luz e [abrem] o caminho

a outros pensamentos e discursos" (VIEIRA, 1928, p. 651) justamente porque reúnem um conjunto de *sententiae* escolhidas e ordenados sob conselho de outra luz, a da Graça inata, que evidenciam a relação fundamental violada por aqueles que censura. Mas, como se proporá adiante, isso não garante, por parte dos pregadores que os consultam, um uso julgado, sob essa perspectiva, decoroso. Não nos adiantemos, porém. Antes, passemos pelas *artes excerpendi* seiscentistas a que tanto já se aludiu e tão pouco se disse.

2 A NUTRIÇÃO DO ENGENHO E A ORDENAÇÃO DA VONTADE

A análise da documentação jesuítica a propósito da prática do *excerpere* nos colégios permite concluir que, para os jesuítas, a *inuentio* não se restringia à busca de coisas notáveis imaterializadas nos infinitos palácios da memória prescritos pelas antigas artes mnemônicas: para os jesuítas, a *memoria scrita* de coisas notáveis também era um aparato decisivo à *inuentio* e *elocutio* discursivas. Deve-se, viu-se com Laínez, delegar a um suporte material os *excerpta* a serem, fácil e oportunamente, recuperadas e mobilizadas em um sermão ou em outros gêneros retóricos e poéticos. Para a eficácia da memória escrita, como vem se demonstrando, são básicos dois procedimentos: seleção e ordenação dos *excerpta*. Por um lado, deve-se selecionar apenas as coisas *mais* notáveis das leituras feitas, pois anotar tudo implica nada anotar. Por outro, a *selectio* não garante, *per se*, a *utilitas* inventiva e elocutiva dos *excerpta*: inúteis são aqueles excertos desprovidas de índices, único meio pelo qual se pode recuperá-los facilmente (ESTRADA GIJÓN, 1667). Por isso, nos documentos arrolados, tanto se insiste em sua *ordo*. Eis mais algumas instruções relativamente ao *sumario* a ser realizado no fim do ano acadêmico:

> Depois de frequentado um curso, é muito útil repassá-lo e dele fazer um extrato ou resumo mais ordenado e com mais inteligência [...] e colocá-lo em um livro que se possa levar consigo [...]. E, para isso, é bom ter a indústria para ordenar um tal extrato, retirando à margem algo que mostre o que está nele e fazendo uma tábua por ordem alfabética das matérias de que tratam (*Mon*. *paed*., I, 5, 44)[1].

Mas avancemos na matéria e no tempo. Como se viu, grande parte das diretrizes do *excerpere* jesuíta, inicialmente dispersas, foi depurada e incorporada ao *De ratione et ordine studiorum Collegii Romani* (1565). Curiosamente, as redações do *Ratio studiorum* (1586, 1591 e 1599), que muitas lições colheram das diretivas do Colégio Romano para consolidarem o modelo disciplinar da Companhia, omitiram tais orientações, mantendo referências, no entanto, ao vasto conjunto de atividades nos quais os excertos eram utilizados. Esse desaparecimento na versão definitiva do *Ratio studiorum* não significou, todavia, o fim do *excerpere* entre as práticas da Ordem. Poderia indicar, por exemplo, que, nessa matéria, os mestres dos colégios passaram a encarregar-se de instruir seus

[1] "*Después de oyda una facultad, el repasarla y hazer un extracto o sumario más ordenado y con más intelligentia* [...] *y ponerle en un libro, que se pueda hombre llevar consigo, es muy útil* [...]; *y para esto es bien tener industria en ordenar tal extracto, sacando a la margen algo que muestre lo que ay dentro, y haciendo una tabla por orden del alfabeto de las materias que se tratan*."

alunos de acordo com as particularidades dos textos estudados – sinal, dentre tantos, da notória flexibilidade jesuítica (NEUMANN, 2001). É possível. Ainda assim, é notável que, durante o século XVII, justamente quando o *Ratio studiorum* vigora em sua versão final, são impressas e sucessivamente reimpressas aquelas duas *artes excerpendi* jesuítas já citadas[2]: *De ratione libros cum profectu legendi libellus* (1613), *Livrinho sobre como ler proveitosamente*, de Francesco Sacchini, e *Aurifodina artium et scientiarum omnium* (1638), *Mina de ouro de todas as artes e ciências*, de Jeremias Drexel. Atualmente esquecidas, essas duas obras lograram enorme êxito em sua época, sendo ainda traduzidas e reimpressas em pleno século XIX. Como que para amplificar tamanho sucesso, vejamos alguns números não necessariamente exaustivos. Ao longo do século XVII, o opúsculo de Sacchini foi impresso, em Roma, em 1613, 1614 e 1650. Também veio a lume em Würzburg (1614), *sine loco* (1614), Ingolstadt (1614, 1616), Saint-Michel (1615), La Fléche (1617), Bordeaux (1617), Dillingen (1621) e Kalisz (1661). No século seguinte, foi impresso e reimpresso em Leipzig (1711, 1738), além de ter sido traduzido para o francês (1785) e, no século XIX, para o alemão (1832). Ainda no XIX, uma edição latina foi impressa em Vannes (1832). A *Aurifodina*, por sua vez, foi impressa, em 1638, em Antuérpia, sendo aí reimpressa em 1641, 1642, 1657, 1658 e 1691. Logo após sua primeira edição recebeu uma tradução para o alemão, em 1645, e, ao longo do século XVII, ainda foi impressa em Colônia (1638, 1643), Munique (1638, 1642), Brastislava (1659, 1695), Frankfurt (1670), *sine loco* (1671), Lyon, (1675) e Naumburg (1695). No século XVIII, foi novamente impressa em Colônia (1715) e recebeu uma adaptação inglesa muito resumida (1795), republicada no século XIX (1814)[3].

Como seus autores são jesuítas hoje quase anônimos, alguma notícia de suas respectivas vidas também pode ser útil para situá-los historicamente. Comecemos por Francesco Sacchini (1570-1625). Nascido em Paciano, pequeno povoado situado em Perugia e Úmbria, legação dos Estados Pontifícios, Sacchini ingressou no noviciado de Sant'Andrea, em Roma, em 1588. Depois de ter sido professor durante alguns anos em Florença, volta a Roma, em 1594, para concluir seus estudos em Filosofia e, então,

[2] Convém lembrar que o gênero não é exclusivamente jesuítico. Embora seguramente as preceptivas citadas estejam entre as editorialmente mais bem sucedidas do período, há também, tanto entre católicos quanto entre protestantes, muita tinta impressa no século XVII e no XVIII sobre o *excerpere*. Na maior parte dos casos, porém, são capítulos inseridos em obras cuja matéria principal é outra. Para uma ampla introdução do *excerpere* para além das *artes excerpendi* aqui discutidas, com muitos exemplos, ver o excelente estudo de Nakládalová (2020). Para uma bibliografia cronológica das *artes excerpendi*, ver Cevolini (2006).

[3] Sobre as impressões e reimpressões das obras de Sacchini e Drexel, ver Zedelmaier (2003) e Cevolini (2018).

assumir a cátedra de Retórica do Colégio Romano em 1597. Em 1603, retorna ao noviciado de Sant'Andrea para participar da elaboração do primeiro projeto historiográfico da Companhia de Jesus, as *Historiae Societatis Iesu*, iniciado por Niccolò Orlandini. Com a morte de Orlandini, falecido após a publicação do primeiro do que viriam a ser cinco volumes, Sacchini assume sua organização, publicando os dois volumes seguintes, deixando inconcluso o quarto e não tendo iniciado o quinto, posteriormente finalizados. De 1619 até sua morte, em 1625, foi ainda secretário do então Superior Geral da Companhia, Muzio Vitelleschi[4].

Por seu turno, Jeremias Drexel (1581-1638) teve uma atuação política mais proeminente. Nascido em uma família luterana de Ausburgo, no então Ducado da Baviera, Drexel converteu-se ao Catolicismo na juventude, tendo estudado com os jesuítas no Colégio de Ausburgo e concluído sua formação em Filosofia e Teologia em Ingolstadt. Em 1598, torna-se noviço da Companhia, sendo professor de Humanidades e Retórica em Ausburgo por muitos anos. Em 1615, foi convidado para ser *Hofprediger*, Pregador da Corte, de Maximiliamo I, Eleitor da Baviera, ofício desempenhado por 23 anos, isto é, até sua morte, em 1638. Além da *Aurifodina*, publicou mais de 30 livros, em geral obras de cunho devocional, muitos sucessivamente reimpressos no século XVII. Vale lembrar que o período em que Drexel foi Pregador da Corte coincidiu com a maior parte da Guerra dos Trinta Anos (1618-48), o duríssimo conflito que opôs católicos e protestantes no seio do Sacro Império Romano-Germânico durante a primeira metade do século XVII[5]. Assim, como espécie de *speculum principis*, Drexel dedica sua *Aurifodina* aos Príncipes da Baviera Carlos João Francisco, Maximiliano Henrique e Alberto Segismundo, filhos de Alberto VI, futuro Duque da Baviera-Leuchtenberg e irmão de Maximiliano I. Não me deterei nos aspectos teológico-políticos dessa questão, cuja análise extrapolaria os objetivos e os limites geográficos estabelecidos para esta dissertação, mas, observado o sucesso editorial tanto do *Ratio* quanto da *Aurifodina*, nota-se sua ampla difusão, especialmente, no espaço em que o dissenso protestante avançava com mais vigor e, portanto, onde circulavam mais livremente livros considerados heréticos pelo Santo Ofício (DÉCULTOT, 2003).

[4] Para mais informações a respeito de Sacchini, ver Martínez Sobrino; Laspalas (2017).
[5] Sobre a vida e atuação de Drexel e de outros jesuítas na Guerra dos Trinta Anos, ver Bireley (2003).

Apesar da boa fortuna editorial dessas *artes excerpendi* no século XVII, há escassa informação sobre seus usos empíricos ou, pelo menos, sobre a prática efetiva do *excerpere*, como se assinalou no capítulo anterior – lacunas, aliás, que já têm recebido alguma tímida atenção[6]. Sem evidências materiais que sugiram o uso dos textos de Sacchini e Drexel em colégios jesuítas luso-brasileiros, como sua presença em catálogos de bibliotecas pertencentes à Ordem[7], a escolha dessas obras como preceptivas privilegiadas para pensar as práticas do *excerpere* nesse âmbito poderia ser questionada. É inegável que essa opção exige um exercício de natureza especulativa, mas, em que pese esse e outros fatores, como as condições econômicas particulares de cada colégio, que afetavam seu funcionamento em diversas instâncias, inclusive na capacidade de ampliação e manutenção de seus acervos bibliográficos, penso haver uma razão *a fortiori* para utilizá-las. A cultura escolar jesuítica foi, desde suas primeiras décadas, marcada por um crescente esforço de uniformização mesmo antes da edição definitiva do *Ratio studiorum*, cujo êxito deve-se, em muita medida, à sua padronização curricular internacional. No que diz respeito às práticas do *excerpere*, por exemplo, percebe-se, a partir da documentação discutida no capítulo anterior, o esforço emanado de Roma para as demais localidades no sentido de normalizá-las. Assim, as instruções de Diego de Ledesma escritas para o Colégio Romano eram presumivelmente tomadas como paradigmáticas pelos demais colégios da Ordem, substituindo o *modus parisiensis* que

[6] A esse propósito, veja-se o que diz Michael Stolberg (2016, p. 243-44): "*Note-taking in the early modern period has attracted considerable attention in recent historical writing. Scholars have examined, in particular, contemporary advice books on note-taking, like those of Sacchini and Drexel, and they have studied encyclopedic collections of knowledge like those of Gessner, Bodin or Zwinger which were presumably based, in turn, on their authors' – personal notes. Much less attention has so far been devoted to the actual practice of note-taking itself. With very few exceptions, the manuscript notes which have come down to us among the papers of early modern scholars have not been studied in depth in this respect. Those historians who examined them at all usually were primarily interested in what they might learn from these notes about the genesis and background of the printed works of these authors and their ideas in general. As a result, we are, somewhat paradoxically, much more familiar with early modern ideas about scholarly note-taking and with its printed products than with the ways in which early modern scholars actually went about it, sitting at their desks, quill in hand and paper before them*." No âmbito das letras portuguesas e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII, a questão levantada por Stolberg, embora não seja abordada nesta dissertação, merece séria consideração.

[7] Embora haja notícia de que Antônio da Costa teria produzido, por volta de 1694, um catálogo de livros então alocados na livraria do Colégio da Bahia, certamente a maior da América portuguesa, o documento permanece desaparecido. Atualmente, sabe-se da existência apenas dos catálogos do Colégio do Rio de Janeiro e da Vigia, no Pará; ambos, porém, foram elaborados mais de uma década após a expulsão dos jesuítas do território português, de modo que seu exame merece cautela. Um dos problemas decorrentes da catalogação tardia repousa na dispersão do acervo bibliográfico da Ordem entre o momento da expulsão dos jesuítas e a inventariação de seus acervos. Sobre isso, ver Silva (2008) e Rodrigues (2011). Essa questão, aliás, não afeta apenas os colégios luso-brasileiros, sendo relatadas situações similares em vários locais. Sobre o caso das livrarias jesuítas na Espanha, de destino muito semelhante, ver Vergara Ciordia; Sánchez Barea (2011).

esteve em sua origem por um mais particular *modus Collegii Romani* (CODINA MIR, 2004). Além disso, como sugere cotejo recente de diversos catálogos e inventários sobreviventes de lugares tão distantes quanto Santiago e Budapeste, havia uma tendência a um "isomorfismo" librário nos colégios (DE TEZANOS, 2014). Drexel, mesmo sendo pouco ou nada referido entre jesuítas alocados na América portuguesa, não era deles desconhecido. No catálogo da livraria do Colégio do Rio de Janeiro, por exemplo, menciona-se a existência de três jogos de dois tomos de obras suas (IHGB, 1973, p. 222)[8]. Se indico a existência de Drexel no catálogo, é para sublinhar que suas obras, mesmo impressas fora de Portugal, certamente circulavam na América portuguesa, sinalizando o caráter internacional das livrarias dos colégios jesuítas. Quer dizer, o fundamental, aqui, é destacar que o *excerpere* e as *artes excerpendi* estão menos vinculadas a um espaço nacional do que a certos círculos do saber, dos quais a Companhia de Jesus surge como instituição privilegiada (NAKLÁDALOVÁ, 2020). Assim, mesmo que houvesse adaptações locais, os jesuítas operavam dentro do mesmo universo de práticas librárias e disciplinares. Nos próprios textos de Sacchini e Drexel, tal padronização interna é encenada, de modo a sugerir a continuidade entre as *auctoritates* jesuítas quinhentistas e as preceptivas seiscentistas. Por exemplo, para reforçar a *utilitas* dos *excerpta*, o mestre do *Ratio* de Sacchini (1613, p. 55) recorre ao *exemplum* de Diego Laínez, um dos jesuítas mais empenhados na elaboração das diretrizes de anotação nos colégios, como se viu. Conta que "nosso Laínez" – inserindo na Ordem tanto a si próprio como o estudante de Retórica a quem se dirige –, assoberbado por ofícios diversos, não teria deixado de acumular *eruditio* graças à leitura assídua apoiada em extratos que realizava: nada lia sem estar com o *stylus* na mão. Já Eulógio, personagem do diálogo de Drexel (1638), diz conhecer muitos jesuítas que não apenas elogiam a prática, como também fazem extratos solertemente. Sacchini mesmo é citado por Eulógio como *exemplum* da prática, além de outros jesuítas, como Martin Delrio, teólogo antuerpiano de ascendência espanhola. Portanto, dado esse conjunto de referências, incluindo a ampla documentação analisada no primeiro capítulo, é verossímil propor que, mesmo indiretamente, as *artes excerpendi* de Sacchini e Drexel eram ensinadas, aprendidas e empregadas por letrados educados nos colégios jesuítas luso-brasileiros, como Vieira. Isso esclarecido, avanço uma breve apresentação dos textos.

[8] Provavelmente por imperícia do escrivão, que comete deslizes similares na grafia do nome de outros autores e obras, Drexel é citado no catálogo como "Geremias Druxeli".

Discurso em prosa que imita uma disputa argumentativa[9], o diálogo *Aurifodina* centra-se na resolução das questões suscitadas por sua matéria, isto é, a *utilitas* dos *excerpta* para o jovem que almeja tornar-se um douto. Seguindo o modelo ciceroniano das *Partitiones oratoriae*, o gênero de disputa da *Aurifodina* pode ser definido como doutrinal, propondo o ensinamento e a exortação por meio da imitação de duas personagens: um mestre, que expõe a doutrina, e um discípulo, que pontualmente intervém e levanta algumas objeções surgidas ao longo da exposição do mestre, que as refuta prudentemente. Esse modelo, praticado no século XVI por outros jesuítas, como Antonio Possevino, difere do modelo grego, propriamente socrático, em que o mestre pontua as questões que constituem a matéria do debate e conduz seu discípulo a determinadas conclusões (TASSO, 1586). Além de imitar uma disputa argumentativa cujo gênero é doutrinal, a *Aurifodina* caracteriza-se, conforme define a preceptiva, pela imitação de personagens cujo caráter nitidamente se distingue. Conduz o diálogo *Eulogius*, um letrado versado nos mais diversos saberes – aquele que fala bem, como seu nome indica. Contracena com ele *Faustinus*, aquele que é afortunado, jovem que, aplicado em seus estudos, dirige-se a *Eulogius* em busca de conselhos para melhor aproveitar suas leituras.

Do mesmo modo, o *Ratio* de Sacchini põe em cena duas personagens, um douto e um discípulo de Retórica. No caso, porém, elas são inominadas e o estudante jamais se manifesta, embora seja muitas vezes referido, tornando o texto uma espécie de monólogo. Similar ao Eulógio da *Aurifodina*, o letrado, caracterizado como um tipo prudente, cioso de seu ofício, acata ao pedido do jovem para ensiná-lo sobre a *utilitas* da leitura diligente. Já o discípulo, ao dirigir-se ao mestre em busca de conselho e instrução, pode ser descrito como um ouvinte-rapaz[10] dócil, *ethos* juvenil que justifica a ausência de longas elocubrações teológicas por parte do mestre, que se atenta à discussão de matéria útil para a juventude, especialmente para o estudante de Retórica. Além disso, diferentemente da *Aurifodina*, espécie de *ars excerpendi stricto sensu*, o *Ratio* é, antes, uma *ars legendi* da qual o *excerpere* é prática ancilar, posto que destacada, de maneira que a leitura aqui ocupa lugar privilegiado.

[9] Valho-me aqui das lições de Torquato Tasso (1586) a respeito do gênero *diálogo*.
[10] Alcir Pécora (1999) emprega o termo a propósito do interlocutor da *persona* rústica do narrador do *Galateo*, de Giovanni Della Casa, mas sua caracterização convém perfeitamente ao interlocutor do mestre do *Ratio*.

Convém salientar que, invenções realizadas a partir de convenções retóricas, nem a *Aurifodina*, nem o *Ratio* são identificáveis com alguma espécie de estudo científico, pelo menos não em termos modernos. Talvez seja verossímil que a matéria de que se ocupam seja, hoje, própria de pesquisas que traçam relações entre leitura e escrita, sobretudo em idade escolar, baseadas no que há de mais avançado em áreas como Psicologia Cognitiva e Psicolinguística, nas quais um conjunto de hipóteses são testadas de acordo com um método científico e as conclusões do experimento são comunicadas aos pares por meio de uma linguagem pretensamente neutra. Não assim no caso de Sacchini e de Drexel. Esses escritos deliberadamente visam *persuadir*, por meio do discurso, seus destinatários a aplicarem, em seus usos empíricos dos livros, as técnicas de leitura e *excerpere* propostos. Digo, não se postulam técnicas de eficácia cognitiva empiricamente comprovadas. As provas são artifícios discursivos: alega-se a autoridade de um Plínio, de um Sêneca ou recorre-se ao *exemplum* de um douto que assim era reconhecido depois de muita leitura e, sobretudo, muito excerto. Tratando de matéria opinável, portanto, são discursos forjados por meio de técnicas retóricas, de maneira que as técnicas *úteis* de leitura e *excerpere* que propõem não têm lastro no paradigma científico moderno.

Como se dizia, no *Ratio*, a *ars excerpendi* subordina-se à *ars legendi* na medida em que é apresentada como técnica privilegiada para tornar a leitura proveitosa. Mesmo na *Aurifodina*, *ars excerpendi* estrita, o *excerpere* é um *sine qua non* para a leitura que se pretenda útil: "para fazer excertos com proveito, escolha e colete durante a leitura; para aproveitar a leitura, faça excertos. Cada uma dessas duas atividades sem a outra resulta em esforço inútil e vão" (DREXEL, 1638, p. 58, tradução minha)[11]. Essa indissociabilidade entre *excerpta* e leitura sugere um ponto decisivo nas preceptivas: o *excerpere* seiscentista está estreitamente ligado às práticas de leitura do período. Os livros são fonte primacial de saber. A partir do século XVIII, ao contrário, aquilo que é ouvido e visto passa a tomar um espaço cada vez maior em cadernos de anotação (BLAIR, 2004). No caso jesuíta, cabe aqui, porém, alguma consideração. Nos colégios, como se viu no primeiro capítulo, a anotação era empregada não apenas durante a leitura, mas também durante as lições dos professores e ainda em outras atividades. Mesmo nesses casos, mantém-se estreito o vínculo entre leitura e anotação – lembre-se que os mestres de

[11] "*Ut compendios e excerpas, lege*; *ut utiliter legas, excerpe*. *Alterum sine altero, inanis et cassus labor*." Doravante, todas as traduções de *Aurifodina* serão feitas a partir da tradução parcial italiana da obra (2006), mesmo que cotejadas com o original latino.

Retórica comentavam e explicavam as *auctoritates* dos gêneros retóricos-poéticos estudados em classe. Mas as anotações também desempenhavam um papel fundamental nos relatos, sempre retoricamente codificados, de jesuítas em missão das experiências e circunstâncias vividas, além de aspectos locais, como costumes e línguas indígenas (NELLES, 2020): a *peregrinatio* auxilia em outra espécie de leitura, revelando a pletora de causas segundas na variedade do mundo – auxilia a ler os signos da Paixão em uma banana, como faz Pero de Magalhães Gandavo (2008, p. 64), que entende as coisas do mundo como as coisas da página: sendo o mundo um livro, a cruz é símbolo legível como os signos linguísticos, e artífice o Deus, que escreve *o* e *no* mundo, como aquele que escreve na página[12]:

> Estas pequenas [bananas] têm dentro em si uma cousa estranha, a qual é que quando as cortam pelo meio com uma faca ou por qualquer parte que seja acha-se nelas um sinal à maneira de crucifixo, e assim totalmente o parecem.

Quer dizer, a anotação do "visto" não é uma prática que se inicia no século XVIII, mas, seguramente, adquire outra significação uma vez tomada dentro de uma chave empirista, realista, não providencialista, não retórica. Antes, é leitura daquilo que o Padre Vieira (1685, p. 570) sentencia em um dos índices dos *Sermões*: "Muitas vezes o que parece acaso, é Providência Divina". Nesse sentido, se é lícito falar de algo como "experiência científica" no século XVII, trata-se da *experientia litteraria* que fundamenta a invenção de discursos de gêneros diversos sobre matérias igualmente diversas – e o "visto" não refuta, mas atualiza as *auctoritates*. Ao contrário, portanto, do que prevê a noção moderna de ciência, em que a "experiência" pressupõe o controle empírico de determinadas variáveis (GRAFTON, 1997). Veja-se um exemplo sugestivo do século XV, ainda válido no século XVII. Em passagem de *A cultura do Renascimento na Itália*, Jacob Burckhardt (1993, p. 86) escreve que "[...] sentindo a memória para palavras enfraquecida, mas o sentido dos fatos não prejudicado, dispôs-se [Leon Battista Alberti] a estudar física e matemática". Ao citar esse trecho, no século XIX, Burckhardt, que atribuía uma visada essencialmente empírica à filosofia natural humanista, omite justamente o excerto determinante que se segue à passagem acima, extraída de uma "vida" setecentista anônima de Alberti, *Vita Anonyma* (1843, p. XCIV): "*quod sine literis esse non posset*". O significado da passagem acaba distorcido, pois leva a crer que Alberti teria passado a

[12] Agradeço a Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto por essa observação.

estudar campos do saber que, na época de Burckhardt, já são entendidos como do domínio da empiria quando, na verdade, o que se quer dizer é que há uma mudança em suas leituras, antes jurídicas e históricas, mas não na sua concepção de saber, que permanece essencialmente livresca (GRAFTON, 1997). Essa centralidade da leitura entre os humanistas, da qual os jesuítas são caudatários, embora com alguma matização, como se disse, traduziu-se na proliferação de tratados disciplinares que, no século XV, buscavam estabelecer uma espécie de cânone de autores a serem lidos (GREENE, 1982). A partir do século XVI, entretanto, a atenção dos letrados volta-se menos para listas de autores e mais para o *modus legendi* adequado (NAKLÁDALOVÁ, 2008). Muito do aumento dessa preocupação com a leitura *correta* decorre da cisão religiosa que marcou o século XVI europeu: resultado da leitura incontrolada, sintetizada no preceito da *sola Scriptura*, é o caos da Reforma (GRAFTON, 1990). E, para controlar o caos, instruindo à leitura isenta da infecta heresia protestante, a censura librária tornou-se prática regular do Santo Ofício.

Em Portugal, marco para sua instituição é a impressão do *Rol de livros defesos* (1551), de autoria do Cardeal-Infante D. Henrique, então Inquisidor-Geral português. Por meio dele, proibiu-se a leitura e posse de livros contrários à Fé Católica, reafirmando orientações do rol manuscrito de 1547, o primeiro índice de livros proibidos português, sobejamente baseado no índice de Lovaina de 1544 (RODRIGUES, 1980). Com o *Rol*, a atividade censória portuguesa, que se organizava desde o estabelecimento da Inquisição local, em 1536, desenvolve um importante instrumento para a censura preventiva realizada pelo Conselho Geral do Santo Ofício (censura papal), pelo Ordinário da Diocese (censura episcopal) e, a partir de 1576, também pelo Desembargo do Paço (censura real). Como declarado no preâmbulo do *Rol*, sua impressão objetivava evitar alegações de desconhecimento dos livros defesos em Portugal. Além disso, retomando o rol de 1547, estabelecem a excomunhão daqueles que não atendessem às imposições aplicadas:

> Como sendo nos informado que algumas pessoas não deixaram de ter e ler por livros que são defesos e proibidos: por não saberem quais eram os tais livros defesos e proibidos / mandamos ora imprimir o Rol deles abaixo conteúdo para poderem vir a notícia (polo que mandamos a todas as pessoas de qualquer estado e condição que sejam: em virtude de obediência e sob pena de excomunhão) (HENRIQUE, 1551, n. p.).

Com isso, admite-se a capacidade de difusão da heresia impressa e a utilização exatamente da mesma tecnologia para refreá-la. Mas, embora o *Rol* impresso garantisse, ao menos virtualmente, maior disseminação e clareza para leitores e impressores dos livros proibidos e as sanções estipuladas no caso de infração, também previa regras que permitiam ampla margem interpretativa ao estipular que quaisquer livros suspeitos, mesmo aqueles não previstos no *Rol*, estariam igualmente sujeitos à censura. E, quando em posse deles, deveriam ser imediatamente apresentados à Inquisição, assim como se deveria denunciar pessoas que se sabia em posse deles. Em 1653, pouco mais de cem anos após a publicação do *Rol* e já sob tutela do Índice de 1624, devidamente orientado pelo Índice Tridentino (MARTINS, 2011), a censura e autocensura seguem sólidas em Portugal: "o clima reinante era suficiente para que cada cristão católico fizesse a sua autocensura, sem que fosse necessário a intervenção das rusgas do Santo Ofício" (ESPÍRITO SANTO, 2002, p. 178). Autocensura como a de Antônio Vieira mesmo, que indica ao padre André Fernandes as chamas a que um "caixão de livros proibidos", adquirido para escritura de apologia contra os mesmos hereges, havia de perecer:

> E, já que falámos em escrúpulos, seja o primeiro aquele caixão de livros proibidos, que está na livraria de S. A., os quais foram trazidos do Norte com os intentos da apologia que a V. Rer.ª disse, e posto que já não tem lugar fora melhor que aqueles livros o tiveram no fogo que em casa tão sagrada. Enfim eu descarrego minha consciência; V. Rev.ª faça e faça fazer a S. A., o que lhe ditar a sua (VIEIRA, 1928, t. III, p. 700).

A *ars legendi* de Sacchini, portanto, surge em meio a esse conjunto de esforços no âmbito católico para regular a leitura[13] (NAKLÁDALOVÁ, 2009), entre os quais a censura aparece como prática juridicamente repressiva. Seu resultado material mais bem acabado, como se sabe, são as sucessivas edições do *Index librorum prohibitorum*, inicialmente promulgado em 1559, pelo Papa Paulo IV, e logo suavizado em 1564. Obrigatório nas livrarias dos colégios jesuítas desde a publicação da primeira versão das *Regulae praefecti bibliothecae* (1567), esteve, desde 1571, sob permanente revisão da Congregação do Índice, órgão católico responsável ainda pela interdição e supervisão de escritos considerados suspeitos[14]. Mas, mesmo que o *Index* seja evidentemente um dos aparatos centrais para compreender a censura católica nesse período, chamo a atenção para outra obra que, se não detinha o mesmo poder jurídico do *Index*, constituiu-se, tal

[13] Uma discussão das resoluções tomadas no Concílio de Trento a esse respeito pode ser lida em Julia (1999).
[14] Para uma introdução histórica ao *Index librorum prohibitorum*, ver De Bujanda (2002).

qual o *Ratio* de Sacchini, como linha auxiliar da repressão librária. Refiro-me à *Bibliotheca selecta* (1593), de Antonio Possevino, jesuíta de atuação destacada junto às monarquias católicas mais sensíveis ao avanço protestante na Europa[15]. Não por acaso, a primeira parte de sua obra é dedicada ao Papa Clemente VIII, *caput* da Cristandade, e a segunda a Sigismundo III, Rei da Polônia e da Suécia, partidário dos jesuítas e então em disputa tremenda para manter o trono sueco[16]. Contra Conrad Gesner, que havia escrito a paradigmática *Bibliotheca universalis* (1545-48) assentado em princípios teológicos de Ulrico Zuínglio, líder da Reforma Protestante suíça (SERRAI, 2019) e que havia inclusive contribuído para a elaboração do *Rol* português de 1551 (RÊGO, 1982), Possevino (1593) aponta que, nessa obra, escritores católicos, heréticos, judeus e pagãos são elencados sem discernimento algum, pondo em risco o leitor pio[17]. De fato, Gesner rejeita o papel de mediador e confere ao leitor a responsabilidade pela escolha de suas leituras enquanto a contraposição posseviana investe em procedimentos que mutilam as heresias dos autores, como a *emendatio* e a *purgatio librorum* (BALSAMO, 2006). Assim, e considerando o cerrado aparelho censório interno a que a obra de Possevino foi submetida até sua publicação (BALSAMO, 2001), pode-se dizer que, complementarmente ao *Index*, propunha-se a *Bibliotheca selecta* como "biblioteca católica modelo" (BIONDI, 1981), cujo objetivo declarado era propagar a Fé cristã, extirpar heresias e tolher cismas (POSSEVINO, 1593). De custo elevado, impressa *in quarto*, um formato grande e pesado, indicando seu caráter pouco móvel e de consulta pontual, era na mão dos *Praefecti bibliothecae* dos colégios jesuítas que, junto ao *Index*, a *Bibliotheca selecta* fazia-se instrumento efetivo no saneamento doutrinário e na constituição das livrarias dos colégios (MANCINI, 2018). Enquanto biblioteca modelo, Possevino inventa uma obra que fornece frutos sem perigos para a Fé católica e para os bons costumes, como escreve em carta endereçada a Ludovico Gagliardi, datada do dia 13 de junho de 1597:

> E visto que, para dano de muitas cidades, circulava a Biblioteca de Gesner, misturada com um entulho de autores heréticos ao qual outros estavam acrescentando outros trabalhos semelhantes, bem como aumentava todos os dias o número de livros obscenos e danosos, fui pensando em como poderia ir de encontro à dita biblioteca para desviar o seu uso também entre os hereges e, ao mesmo tempo, para insinuar de alguma forma entre os leitores e estudantes a maneira e o uso de bons livros (POSSEVINO, 1597, f. 29 *apud* BALSAMO, 2006, p.15-16, tradução minha)[18].

[15] Sobre a atuação política de Possevino, ver Donelly (2004).
[16] No que diz respeito à fundamentação teológico-política da *Bibliotheca selecta*, ver Carella (1993).
[17] Para um minucioso estudo comparativo entre esses dois modelos de bibliotecas, ver Zedelmaier (1992).
[18] "*Et vedendosi che andava con danno di molte città intorno la Biblioteca di Gesnero mista con una farragine di Autori Eretici, alla quale altri andavano aggiungendo altre fatiche simili, oltre che cresceva*

Homologamente ao "uso de *bons livros*" proposto na *Bibliotheca selecta*, Sacchini (1613, p. 11-12, tradução minha), evidencia o entendimento tridentino da leitura como um ato moral e explicitamente recusa a *lectio voluptatis*: "uma vez que há duas razões para a leitura, uma para formar os estilos, outra para adquirir erudição (pois com aqueles que leem por prazer nós não temos nada a tratar) [...]"[19]. Rejeitando a leitura que sobrepõe o deleitoso ao útil e dedicando a obra a um jovem estudante de retórica, "*ad studiosum artis Rhetoricae Adolescentem*", (SACCHINI, 1613, p. 11), seu objetivo manifesto coincide ainda com aquele estabelecido no *Ratio studiorum* para a classe de Retórica: "[...] pode-se dizer que [a classe de Retórica] abrange três pontos principais: regras de oratória, estilo e erudição" (FRANCA, 2019, p. 150). Para isso, Sacchini preceitua um *modus legendi* que propõe o *excerpere* como prática por meio da qual o discípulo eficazmente alargaria, sempre de acordo com o dogma católico, sua *eruditio* e aprenderia os estilos das mais variegadas *auctoritates*, tornando-se apto a aplicá-los decorosamente a cada gênero letrado ao qual eventualmente inclinar-se-ia, seja ele um futuro jurisconsulto, historiador, poeta, pregador etc. Assim, analogamente ao *Ratio studiorum*, propõe-se um discípulo que, progressivamente adestrado no controle racional de si, domina, no ato da leitura, os efeitos do livro sobre si (ZEDELMAIER, 2003). Nesse sentido, o texto de Sacchini pode ser lido, tal qual a *Bibliotheca selecta* (BALSAMO, 2006), como um complemento mesmo do *Ratio studiorum*, uma vez que este, embora pressuponha leitura e anotação para diversas atividades desenvolvidas pelos estudantes, não estipula regra alguma que as regule. No *Ratio studiorum*, não há sequer menção ao *excerpere*, enquanto a leitura merece um breve comentário nas regras referentes à formação dos discípulos de Retórica, em que se prescreve a leitura diligente para cultivo da memória (FRANCA, 2019).

Se não se depreende, do *Ratio studiorum*, uma concepção clara de leitura, ela é, no *Ratio* de Sacchini, assim como em outras *rationes studiorum* quinhentistas e seiscentistas, definida metaforicamente (CALAHORRA MARTÍNEZ, 2008). O eixo metafórico central de Sacchini (1613, p. 13, tradução minha), buscado em Sêneca, assenta na analogia seguinte: "[...] porque para os corpos é o alimento o que é a leitura para os

ogni dì il numero de' libri osceni et dannosi, andai pensando come potrebbe andarsi incontro alla detta biblioteca, per distogliere l'uso anco fra gli Eretici, et insieme insinuare in qualche modo fra i lettori et scolari la maniera et l'uso di buoni libri."

[19] "*Cum autem gemina sit causa legendi vel styli formandi, vel percipiendae doctrinae (nam cum iis, qui voluptatis causa lectitant, nihil nobis negotii est*) [...]."

engenhos"[20]. Dentro do conjunto de metáforas daí derivadas, talvez a com mais larga emulação seiscentista seja a da abelha diligente. Segundo Sêneca (*Epistulae*, 84, 5-7), os leitores devem imitar as abelhas, que selecionam o melhor das mais variadas flores para produzirem o mel: singular, o mel é, entretanto, resultado do trabalho sobre uma matéria prima cuja origem é distinta e vária. Esse mesmo processo de reelaboração, prossegue Sêneca, é realizado por nosso corpo, que forma carne e sangue a partir da transformação e assimilação dos alimentos ingeridos. Nos séculos XVI e XVII, essa formulação abrange todas as operações que envolvem a formação da *copia*, isto é, o conjunto de pensamentos (*copia rerum*), palavras (*copia verborum*) e figuras (*copia figuraram*) que o letrado acumula ao longo de suas leituras para futuras invenções e elocuções discursivas. Desse modo, imitar a abelha diligente, nesse período, significa selecionar os livros a serem lidos, acumular os *excerpta* úteis à *amplificatio*, além de dar-lhes a devida *ordo* a fim de torná-los rapidamente acessíveis (CALAHORRA MARTÍNEZ, 2008). A tópica é amplamente explorada por Sacchini em seu *Ratio*, tornando-se chave central para sua compreensão: a nutrição por meio da leitura é associada ao enriquecimento da *elocutio*, à aquisição da *eruditio*, à *selectio* dos livros a serem lidos e, enfim, à *meditatio*, etapa final da leitura simultaneamente análoga ao corte dos alimentos com os dentes e à digestão, processo por meio do qual o alimento finalmente se torna apto para ser assimilado:

> Deve-se acrescentar a essas coisas a meditação, que é de enorme utilidade. De fato, ela parece semelhante não só à trituração dos alimentos com os dentes, mas também à sua digestão, mediante a qual se transformam em uma substância idônea e conveniente ao corpo. Na verdade, a escrita ajuda a tudo isso e é semelhante ao exercício do corpo, por meio do qual se potencializa a boa compleição e regulam-se certos processos fisiológicos. Com efeito, o exercício não só é fruto de uma boa constituição como é, ao mesmo tempo, sua causa e seu cimento. E, segundo o testemunho de Macróbio, esse é o fruto da leitura: 'emular o que aprovas nos outros e as expressões que neles admiras especialmente e reoriente-las para teu uso pessoal com uma apropriação oportuna'. (SACCHINI, 1613, p. 59-60, tradução minha)[21].

[20] "[...] *quod corporibus cibus est, id ingeniis esse lectionem*."

[21] "*Adiicienda his meditatio utilitatis immensae. Nam similis videtur ciborum non modo, quae dentibus fit comminutioni, sed etiam concoctioni, per quam in aptum, et habilem corporibus succum alimenta vertuntur. Stylus vero omnia haec adiuvat*: *estque similis exercitationi corporis, per quam, et bonus habitus augetur, et vitae quaedam negotia administrantur. Nam exercitatio simul bonae constitutionis est fructus, simul causa ac firmamentum. Atque hic est Macrobio teste fructus legendi: aemulari ea, quae in aliis probes: et, quae maxime inter aliorum dicta mireris, in aliquem usum tuum opportuna derivatione convertere*."

Nesse sentido, o fim material da leitura, em Sacchini, é a *copia* escrita, instrumento para a emulação e resultado da digestão de um conjunto de leituras que, bem incorporadas, transformam-se já em outra coisa quando mobilizadas em um novo ato de invenção discursiva. Sacchini ainda expande a metáfora, mantendo a analogia nuclear entre corpo e engenho, alimento e leitura: se a abelha busca as flores, a cabra procura os botões dos arbustos, o porco granjeia a raiz, animais outros ainda preferem sementes ou frutos diversos. Com isso, afirma-se a potencialidade de *compilationes* várias, porque, assim como são diversificadas as preferências alimentares de cada animal, também é vário aquilo que, no limite da ortodoxia, é *notável* para os leitores, igualmente diversos: no ato da leitura, a alguém pode chamar a atenção a história, a outro a elegância, um terceiro pode ainda ter em conta os preceitos morais.

Mas, se vários são os leitores, como definir os livros a serem lidos? Ainda que seja aconselhável o *excerpere* de tudo aquilo que por qualquer razão distinga-se do restante do texto, as *compilationes* dependem, em última análise, justamente dos fins particulares da leitura de cada leitor: "Portanto, que cada um examine qual é o propósito específico para o qual deseja conduzir o curso de seus estudos e mantenha nele, enquanto lê, sua mente constantemente fixa, para que direcione seus passos" (SACCHINI, 1613, p. 41, tradução minha)[22]. Para Eulógio, o mestre da *Aurifodina*, o poeta deve fazer excertos de Virgílio ou Ovídio, o historiador de Cúrcio Rufo ou Plutarco, o retor de Arnóbio de Sica ou Cícero, o filósofo de Aristóteles ou Platão, o matemático de Ptolomeu ou Tico, o médico de Hipócrates ou Galeno, o jurista de Bartolo, Baldo ou Justiniano, o teólogo e o pregador de Crisóstomo ou Bernardo. O mestre do *Ratio* (SACCHINI, 1613, p. 33, tradução minha), por sua vez, também propõe uma via de leitura ordenada e moderada, restrita a poucos e bons livros em oposição à *peregrinatio* da *lectio varia*, reiterando mais um princípio senequista: "pois assim como a variedade nos alimentos consideram-se pouco saudável, igualmente dana a variedade de escritores e a dispersão das leituras"[23]. Se a leitura das *auctoritates* e quais sejam elas é ponto aproximadamente pacífico entre os jesuítas, mais importante parece ser definir a quais artes e ciências os discípulos devem se dedicar.

---

[22] "*Videat igitur unusquisque quid proprie sibi propositum sit, quo velit studiorum suorum curriculo pervenire, eoque inter legendum habeat assidue mentem intentam, eo dirigat cursum*."

[23] "*Nam vt ciborum varietatem minus salubrem corporibus medendi periti censent, ita nocet ingeniis varietas, & inconstantia lectionis*."

Nesse ponto, o opúsculo de Sacchini apresenta uma relação entre engenho e temperamento que evidencia a circulação e atualização, entre os jesuítas, da teoria dos temperamentos como aspecto primordial na organização de seu corpo social (MASSIMI, 2000). Desde a segunda metade do século XVI, as diferenças do engenho relacionadas à diversidade dos temperamentos vinham sendo propostas, por exemplo, por Juan Huarte de San Juan, em seu *Examen de ingenios para las ciencias* (1575). Ainda no fim do século XVI, a obra foi apropriada pelos jesuítas (GARCÍA GARCÍA; MIGUEL ALONSO, 2005) e seu argumento central chegou a ser incorporado à *Coltura degli'ingegni* (1598), de Possevino, capítulo da *Bibliotheca selecta* impresso à parte (GARCÍA GARCÍA; MIGUEL ALONSO, 2003). No proêmio da obra, dedicada ao então rei espanhol, Felipe II, Huarte observa a pertinência da matéria para a manutenção da saúde da República. A partir da identificação do engenho de cada homem do Reino desde a mais tenra idade, propõe Huarte, seria possível encaminhá-lo aos mais adequados estudos: não convém ao carpinteiro exercer o ofício de lavrador, ao tecelão tomar o posto de arquiteto, nem ao jurisperito o de médico e vice-versa. Na Companhia de Jesus, o princípio fundamentou catálogos que informavam aspectos de seus membros quanto ao *ingenium*, *iudicium*, *prudentia*, *experientia*, *profectus in litteris*, *complexio*, *talentum* entre outros. Em geral, os coléricos eram enviados às missões, os sanguíneos, considerados pouco inclinados à vida religiosa, eram recusados pela Companhia, os melancólicos tornavam-se professores e aos fleumáticos era reservado o trabalho burocrático da Ordem (MASSIMI, 2000). Nesses catálogos, Antônio Vieira, por exemplo, é descrito, em 1649, como "melancólico fleumático". Posteriormente, em 1665, é já caracterizado com a *"cholerica adusta*" e, no fim da vida, em 1694, como "*cholericus*" (RODRIGUES, 1917). Essa mudança temperamental ao longo da vida era prevista desde a leitura dos Conimbricenses, os comentadores coimbrãos de Aristóteles, da teoria dos temperamentos, que propunham, ao contrário da ortodoxia galênica, a mutabilidade da constituição humoral dos indivíduos, passível de aperfeiçoamento ao longo da vida (MASSIMI, 2000). Dessa maneira, Sacchini (1613, p. 24, tradução minha) propõe o equilíbrio humoral do engenho por meio das leituras adequadas a cada caso, sanando vícios e despertando virtudes na emulação efetuada pelos discípulos. Assim, depois de ler autores como Demóstenes e Cícero, o estudante de Retórica deveria buscar a justa medida de suas leituras a partir da análise de seu temperamento. Aquele dotado de imaginação fecunda deveria moderá-la com o "sal lacônico" de autores cuja escrita fosse desprovida de figuras. O aluno

possuído, ao contrário, de engenho limitado deveria recorrer a autores cujos escritos fossem repletos de figuras agudas, estimulando sua imaginação:

> Agora, porém, deve-se cuidar para que os extremos sejam evitados e que os remédios opostos sejam aplicados, conforme a necessidade, aos vícios opostos. A natureza excessivamente vivaz e fértil de alguns é exuberante; é necessário podá-los de certa maneira com a leitura de um escrito que o limite, e quase enfraquecê-la, adicionando-lhe um sal lacônico. E sem dúvida o contrário deve ser feito com quem tem um engenho débil e muito limitado, desenvolvendo-o e expandindo-o com estilo abundante e florido. Devemos também levar o talento mais seco aos lugares mais floridos, os mais floridos aos mais secos; e, por sua vez, aos mais elevados, o mais humilde, e o mais elevado aos mais humildes, até o colocarmos, com uma moderação saudável, no meio-termo dourado, na medida do permitido[24].

Conforme a apropriação jesuítica dos temperamentos, para Sacchini, a *utilitas* do exame precoce do engenho não está restrita à esfera particular, pois o corpo social, seja o da Companhia, seja o da República Cristã, deve ser organizado de modo que cada órgão desempenhe o ofício que naturalmente lhe cabe. Nesse sentido, os livros a serem lidos são pensados como remédios do engenho que, ao regularem humores excessivos, dispõem os meios para o futuro desempenho excelente do ofício para o qual o discípulo naturalmente se inclina – ofício esse sempre pensado em benefício do bem comum. Entretanto, mesmo que a seleção dos livros seja, no *Ratio*, nuclearmente definida por meio de um juízo humoral prévio, há aí uma outra dimensão, talvez ainda mais decisiva. Veja-se o seguinte trecho:

> Nesse ponto, também aconselharia não só que nos livros que se lê para instrução procure-se, em primeiro lugar, o que é útil para a piedade e a moral, mas também que, sejam quais forem os livros piedosos que se leia, deve-se utilizá-los precisamente para esse fim. De fato, é justo que, como as coisas divinas superam as humanas, também elas devem ser geridas com o maior zelo e governarem as coisas humanas (SACCHINI, 1613, p. 20, tradução minha)[25].

---

[24] "*Sed illud tamen videndum est, ut extrema declinentur*: *et contraria, ut opus est, remedia vitiis adhibeantur contrariis*. *Quorum laeta plus nimio, ac ferax exultat indoles, depascenda quodammodo est lectione codicis limatioris, et quasi attenuanda sale affricto laconico*. *Nec sane aliter, quibus exile est, pressumque nimis ingenium, augendum, atque laxandum laeto, et amplo dicendi genere*: *item horridior natura in amoena loca*; *amoenior in horridiora: rursusque in alta humilior, in demissiora elatior deducenda*: *dum salubri temperamento in aurea mediocritate, quantum licebit consequi, consistamus*."

[25] "*Quo loco etiam monverim non solum in libris, qui disciplinae causa leguntur, praecipue confectanda, quae pietati opitulentur, ac moribus*; *sed etiam pios quemque habere libros debere, quos eo proprie studio terat. Aequum est enim, uti rebus humanis diuinae praestant, sic eas praecipua cura tractari, et humanarum esse moderatrices*."

Quer dizer, afora toda a questão humoral, a aquisição da *eruditio* e exercitação dos estilos, as práticas de leitura e *excerpere* não devem descurar o desenvolvimento virtuoso do estudante de Retórica. Ou, sendo mais incisivo: o exercício das virtudes deve conduzir inteiramente tais práticas. Para compreender a dimensão teológica do que se coloca, deve-se ter em conta o conceito de *ação humana* que o subjaz. Segundo Tomás de Aquino (*Summa*, II, 6-21), o que a define propriamente e que a distingue das ações compartilhadas com os demais animais, é seu domínio por meio do *intelecto* e da *vontade*, exclusivas do ser humano. Ambas ligam-se a diferentes potências da *razão*: à *intelectiva*, que diz respeito à nossa capacidade de conhecer e entender; e à *apetitiva*, que se refere à *vontade*, desejo natural do *bem conhecido*. Apesar de estarem conectadas a diferentes potências da razão, elas permanecem unidas na medida em que a vontade é movida pelo intelecto, justamente por seu objeto ser o bem *conhecido*, ao mesmo tempo em que a vontade move o intelecto, pois, tendo como objeto o Bem em termos universais, funciona como causa eficiente para o intelecto, que visa a um bem particular. Embora o bem conhecido seja o fim da vontade, isso não significa que, na ação particular, o bem, considerado genericamente, seja o mesmo para todo indivíduo. Para alguns, pode ser a riqueza, a outros a beleza, a um terceiro o conhecimento etc. Nem sempre, porém, se age retamente nos particulares, seja por conta de erros deliberativos do intelecto, seja por paixões excessivas que inclinam o homem a agir equivocadamente. Se há equívoco é porque há bens que fornecem gratificação imediata enquanto outros, apesar de oferecerem obstáculos para que sejam alcançados, aproximam-se do verdadeiro Bem. Nesse sentido, a questão que se coloca concerne justamente ao que seria o *verdadeiro* Bem para o qual a vontade naturalmente se inclina. Para Santo Tomás, a causa final da vontade, espécie de catalisador do desejo para o qual se orientariam todas as ações particulares, expressa como Fim último, é Deus, único capaz de cumprir plenamente o desejo do Bem. Há, porém, o livre-arbítrio. E daí a vulnerabilidade do lugar mesmo da *escolha* dos livros:

> No entanto, é um fato extremamente prejudicial que, pela sedução do infernal inimigo e pelo vício de homens reprováveis, em parte antigos, em parte modernos, com suas boas criações, como ervas daninhas entre plantas salutíferas, tenham misturado coisas adulteradas, para que sejam tanto mais efetivas para danar quanto mais sedutoras por sua aparência. Venenos que, em seu afã de ler, o incauto jovem recorre por imprudência, enquanto persegue crédulo os úteis frutos (SACCHINI, 1617[26], p. 8, tradução minha)[27].

[26] Essa passagem encontra-se na *editio tertia* impressa em La Flèche, na França, não constando na *editio princeps* da obra.

[27] "*Sed factum est perincommode fraude Tartarei hostus, atque hominum vitio improborum partim veterum partim recentium*; *qui bonis operibus adulterina quaedam*, *velut herbis salubribus mala graminha*,

Vulnerável porque ingênuo, o jovem encenado no texto de Sacchini corre o risco de ter sua vontade desordenada, pois ainda não firmemente direcionada para o Fim último, se vier a escolher livros viciosos que o afastem de Deus. Nessa perspectiva, a escolha e leitura dos *bons livros* realinha o criado com o Criador, sua Causa e Fim, e decisivamente orienta a vontade do Ser – orientação essa que se manifesta por meio do exercício das virtudes, que, movidas, no caso, pela leitura de livros pios, definem o bom uso do livre-arbítrio. O complemento é repressivo e prescreve o imediato e definitivo afastamento daquelas obras prejudiciais à consecução dessas mesmas virtudes e, portanto, dos meios através dos quais se alcança o Fim último. O resto é danação. Assim, a perda de tempo, entendida enquanto leitura de livros inúteis e perniciosos, torna-se perigosíssima, pois, índice da vontade desordenada, equivale à perda da vida eterna:

> A isso acresce a perda de tempo, que, embora seja o menos importante para muitos, é, no entanto, muito grave. Não é certamente perda de outra coisa senão da nossa própria vida, que, embora confinada nos estreitos limites da natureza, pode, com trabalho árduo, ser prolongada e prolongada por toda a eternidade. É, pois, necessário abster-se não só de livros perniciosos, mas também de livros inúteis ou recreativos e daqueles que ensinam ou tratam de frivolidades, para que a riqueza da breve vida, dada aos mortais com vistas à eternidade, não seja malgasta seja por preguiça, seja por trabalho vão (SACCHINI, 1613, p. 20, tradução minha)[28].

Portanto, é necessário *escolher bem* os livros para *viver bem* e alcançar a Eternidade: "Para [se] salvar não só basta morrer bem, é necessário viver bem", sentencia Vieira (1685, p. 589) em um de seus índices. Para isso, influi a prudência, *recta ratio agibilium*, a virtude decisiva que dispõe os meios adequados para alcançar o Fim ditado pela razão natural, levando o homem a aplicar na ação aquilo que foi deliberado pela invenção e julgado pela razão especulativa. Como expõe Santo Tomás (*Summa*, II, 48), a prudência possui partes integrantes[29], como que paredes, teto e fundações de uma casa, isto é, "elementos que concorrem necessariamente para o ato perfeito dessa virtude".

---

miscuerunt, eo certiora ad noxam, quo blandiora ad speciem. *Quae dum incautius studio legendi utiles fruges simplex interdum consectatur adolescens, venena per imprudentiam carpit*".

[28] "*Accedit iactura tempois, quae quamquam minimi a plerisque fit, tamen est maxima. Est enim iactura non alienae rei, sed vitae nostrae: quae cum brevibus sit definita naturae spatiis, extendi in omnem aeternitatem, et propagari potest industria. Providendum est igitur non modo ne noxii, sed etiam ne leviculi, ne ludicri, ne qui friuola docent, tractantue libri habeantur: ne concessa mortalibus lucis usura brevis per se, at semen aeternitatis, sive per inertiaem, sive casso labore perdatur*."

[29] São oito as partes integrantes da prudência: memória, intelecto ou inteligência, docilidade, sagacidade, razão, previdência, circunspecção e precaução. As cinco primeiras dizem respeito à prudência enquanto cognoscitiva e as três últimas referem-se à prudência enquanto preceptiva. Além das partes integrantes, a prudência possui mais duas espécies de partes: subjetivas e potenciais.

Dentre elas, encontra-se a *docilitas*, o "dispor-se alguém para receber bem a instrução"[30] (*Summa*, II, 49, 3), especialmente adequada ao *ethos* de ambos os discípulos a quem os mestres de Sacchini e Drexel dirigem suas instruções. Parte integrante da prudência, a docilidade do discípulo é mobilizada, no *Ratio*, como componente constitutivo do desenvolvimento de seu engenho:

> O engenho humano é flexível, manejável como a cera, e suscetível a todas as impressões que queremos lhe dar. Isso posto, vemos claramente a utilidade da leitura, e mesmo a necessidade de fazer a escolha dos livros, para adquirir, ao mesmo tempo, a ciência da virtude e a das letras: por medo de que a docilidade do engenho que Deus deu-nos para nossa salvação, não se torne fatal para nós, voltando-se para coisas perigosas (SACCHINI, 1613, p. 16)[31].

Natural enquanto aptidão, a docilidade depende da ação humana para que se realize, seja para o bem, seja para o mal. Uma vez que a prudência refere-se a ações particulares, que, por sua vez, são virtualmente infinitas, seria impossível reunir todos os fatores a serem considerados em todas as situações que a demandam. Assim, se é prudente solicitar conselhos, deve-se ser dócil de modo a, se válido, acolhê-lo e aplicá-lo (SÉLLES, 1999). Dessa maneira, a docilidade compõe a prudência na medida em que se dispor para a reta instrução é o reconhecimento dessa insuficiência – que não deixa de ser um reconhecimento da própria insuficiência humana porque substancialmente dependente de Deus. Algo precária, a *docilitas*, uma vez corrompida, pode levar o jovem à imprudência, como Sacchini (1625, p. 53-54, tradução minha) melhor evidencia em um opúsculo póstumo, *Protrepticon ad magistro scholarum inferiorum Societatis Iesu*, *Exortação aos mestres das classes inferiores da Companhia de Jesus*, recorrendo à imagem socrática:

> Mas toda essa predisposição e inclinação da natureza, a menos que haja um mestre idôneo ao seu lado, ou desvanecer-se-á e perecerá em suas raízes ou, infelizmente, corromper-se-á, ou decompor-se-á, da mesma forma que costuma acontecer com um parto se não for provocado, atendido, canalizado pela mão experiente de uma parteira[32].

---

[30] No século XVIII, o conceito mantém-se essencialmente o mesmo: "disposição natural para tomar ensinos, conselhos, preceitos e facilidade em se deixar governar [...]. Sinalou o Filósofo a Docilidade por parte essencial e integrante da prudência." (BLUTEAU, 1713, p. 278).

[31] "*Molle, et quasi cereum est humanum ingenium*: *ad eam facile formam ad quam apprimitur figuratur*. *Hinc vero non legendi solum demonstratur utilitas, sed etiam necessitas intelligitur adhibendi librorum delectus, utriusque disciplinae causa, virtutis, et literarum ne diuinitus ingenita nobis ad salutem docilitas, si applicetur ad noxia, perniciem et exitium creet*."

[32] "*Sed hic omnis apparatus, conatusque naturae, nisi idoneus magister accedat, vel funditus evanescit ac perit, vel misere depravatur et iacet*; *quemadmodum solet partus, nisi perita manus obstetricis evocet, suscipiat, fingat*." Tradução feita a partir da tradução espanhola (2017).

Assim, o jovem, para agir prudentemente, deve dispor-se a ser aconselhado por homens prudentes, identificados, nos textos, pelos mestres de Sacchini e Drexel, atendendo com "solicitude, assiduidade e respeito ao ensinamento dos mais velhos, evitando negligenciá-los por preguiça, nem os desprezar por soberba" (*Summa*, II, 49, 3). O preceito é resumido, em termos homólogos, em um excerto de Vieira (1683, p. 571) do índice do terceiro tomo dos *Sermões* que remete ao "Sermão de Santa Catarina": "Quem não é dócil não pode ser sábio".

No sermão, pregado, em 1663, na Universidade de Coimbra, Antônio Vieira não se dirige aos discípulos tanto quanto aos doutos, incitando-os a imitarem não a santa a quem o discurso é consagrado, mas os cinquenta filósofos por ela derrotados, de uma só vez, em uma disputa doutrinal representada no palácio do Imperador Maximino. Para isso, diz, é necessária, além da constância, que permitiria a defesa da Fé católica mesmo em situações de martírio iminente, a docilidade. Em sua definição, de acordo com a tomista exposta acima, docilidade e ciência são sinônimas, uma vez que a docilidade é *conditio sine qua non* para "o conhecimento claro de muitas verdades" (VIEIRA, 1683, p. 285) que caracteriza a ciência. Desse modo, aqueles desprovidos de docilidade "são os tenazes do próprio juízo, e ferrados à sua opinião ainda que a verdade se lhe represente, não são capazes de a receber". Segundo propõe Vieira, a docilidade, único atributo dos verdadeiros sábios que os filósofos derrotados por Santa Catarina possuiriam, seria a principal responsável por lhes tirar "dos olhos o véu da cegueira", facultando-lhes, desse modo, conhecer a Verdade. Para o Padre Vieira, portanto, o verdadeiro douto é dócil: ainda que esteja cego em falsas doutrinas, é capaz de despir-se do orgulho que muitas vezes acomete os doutos e render-se à Fé católica. Mesmo orgulho que faz muito deles serem inconstantes na defesa da doutrina católica para que não deixem de ser considerados doutos pelos Reis. Em outras passagens dos *Sermões*, figuram-se doutos obstinados e, por isso, indóceis, que insistem na ignorância e no erro, como alerta Vieira (1679, n. p.) no índice do primeiro tomo: "Os doutos, quando perguntam, é para tentar", associando o ato provocativo da indagação não ao desejo de conhecer a Verdade, mas de conduzir aquele a que se pergunta a duvidar da mesma Verdade. Nessa chave, o douto tentador, munido de questões capciosas, é caracterizado como uma espécie de Sócrates perverso. É esse falso douto – néscio, portanto – que não reconhece na doutrina católica a Verdade e não resiste à vaidade alimentada pelas benesses dos soberanos, pondo em risco sua Salvação, que o discreto Vieira combate. Encena, como se em um campo de batalha discursiva, os "escrupulosos doutos" a questionarem seus argumentos,

amplificando sua *refutatio* amparada em seu juízo superior iluminado pela luz da Graça. O exemplo é do "Sermão de Santo Antônio", pregado no Maranhão, em 1657:

> E se algum douto escrupuloso me puser dúvida a este paralelo, por serem aquelas vestiduras de Estevão só em opinião, posto que em opinião de tão grande autor; vistamos a comparação com outras, em que não possa haver dúvida [...] (VIEIRA, 1682 p. 226).

Assim, um *modus legendi* adequado, que propõe a imitação das abelhas na seleção correta dos livros, aquisição da erudição e no aprendizado dos estilos, contribuiria para evitar a formação dos falsos doutos censurados por Vieira. Se, por um lado, essa seleção orienta-se pelo exame do engenho particular do discípulo, de modo a, visando ao bem-comum, filtrar suas leituras de acordo com as ciências e artes para as quais se inclina, por outro ela liga-se à ordenação da Vontade e ao desenvolvimento da prudência, virtude que incide retamente no desejo do Ser: "O imprudente aconselha-se consigo: o prudente com os homens: e o prudentíssimo com Deus", como diz o Padre Vieira (1690, p. 293), no índice do décimo terceiro tomo. Portanto, o que está posto, no *Ratio* de Sacchini, é a relação entre prudência e docilidade: enquanto a primeira, já plenamente desenvolvida, caracteriza o mestre que instrui, ou o já reconhecido douto pela nobreza letrada, a docilidade é disposição própria do discípulo que é instruído para dela participar. Poder-se-ia ainda dizer que os textos encenam a típica relação do mestre jesuíta com seu discípulo, cuja base encontra-se no *modus parisiensis* que moldou, em grande medida, o ensino da Companhia. Como apontado no primeiro capítulo, essa relação previa uma firme condução dos jovens em seus estudos inexistente no *modus italicus*, tido como um modelo mais liberal para os alunos. Assim, o mestre deveria apresentar-se como *exemplum* e deveria conduzir ativamente a formação de seus discípulos (SANTOS, 2014).

Mobilizando as noções de prudência e docilidade, os textos de Sacchini e Drexel pressupõem a concepção seiscentista de infância assentada em duas categorias simultaneamente intelectuais e políticas, a *discrição* e a *vulgaridade*, distinção típica das monarquias absolutistas dos séculos XVI e XVII caracterizadas por uma nobreza letrada subordinada a um Rei e a uma Corte (HANSEN, 2019). Definido enquanto modelo de excelência humana, o discreto denotava justamente um tipo prudente, capacitado a agir retamente em todas as ocasiões, e era formado, no caso português e luso-brasileiro, especialmente pela Companhia de Jesus. Era também um letrado, entendendo-se pelo termo como "alguém que exercita as 'letras'" (HANSEN, 2019, p. 44), o que implica a

aquisição da reta doutrina e dos estilos por meio da leitura, como vem se demonstrando neste capítulo. Tanto Sacchini quanto Drexel supõem tais classificações, de modo que sistematicamente associam o *excerpere* à prudência a ser praticada pelo *discípulo discreto* em oposição à imprudência do *discípulo vulgar*, que, quando não opta pelos *maus livros*, lê os *bons livros* inadequadamente, sem se apoiar em excertos. É nesse sentido que Eulógio, na *Aurifodina*, censura os *lectores otiosi*, que dispensam anotações. Retomando a metáfora da leitura como nutrição do engenho, amplamente empregada por Sacchini, diz que o fazer equivale a comer muito sem digerir nada. Quer dizer, o discípulo vulgar será falso douto. Assim, a prática do *excerpere* é partícipe decisiva no adestramento do discípulo na *discretio*, tipificando, na página dos *Sermões*, pregador e leitor suposto de índices e sermões. Por isso, solicitando a *docilitas* de seus discípulos, é conselho prudente dos mestres de Sacchini e Drexel: fazer extratos.

Na *Aurifodina*, Eulógio define a prática a partir do juízo com que a escolha e a anotação dos excertos são feitas, pensando-os de acordo com sua utilidade futura e classificando-os nas categorias pertinentes a eles, como se verá no próximo capítulo. Ao sustentar essa *utilitas*, Eulógio apresenta o auxílio à leitura justamente como uma de suas principais provas, prescrevendo o ler e o fazer extratos como atividades indissociáveis: "Todas as leituras estão misturadas com a anotação. Acredito que nenhum livro deva ser lido sem ser acompanhado de anotações" (DREXEL, 1638, p. 83, tradução minha)[33]. Da mesma forma, o mestre de Sacchini (1613, p. 62) observa que se deve considerar esquecido e perdido tudo aquilo que foi lido e não anotado: "[...] observe-se [a anotação] com grande constância, dando diretamente por esquecida e perdida qualquer coisa que tenha lido por alto, por preguiça, ou tenha confiado à memória (pois ao fim ela engana)[34]. Com tinta e papel na mão, a atenção do leitor é aguçada devido ao cuidado que a anotação exige, conduzindo-o a uma reflexão demorada nas passagens em que se detém e permitindo maior assimilação e fixação na memória daquilo que é lido:

[33] "*Omni ergo lectioni misceatur enotatio. Nec ullum censuerim legendum librum, quin simul etiam excerpendum*."
[34] "*Ideque, sive in ordinaria, sive in extraordinaria lectione summa tene constantia, prorsus oblita, et amissa existimans quaecumque, vel per ignaviam praeterieris, vel memoriae fidelitati (nam demum fallit) credideris*."

> [...] a ocupação mesma de escrever e anotar estimula a aplicação do leitor, de modo que a leitura torna-se muito mais reflexiva e, por isso, mais claramente se compreendem as coisas e mais sutilmente se ponderam-nas. Além disso, a própria escrita também é útil para a compreensão e grava as coisas mais profundamente na memória, enquanto nós, por longo tempo, debruçamo-nos sobre o que escrevemos, relendo-o e retrabalhando-o várias vezes (SACCHINI, 1613, p. 54, tradução minha)[35].

É o que fazia Diego Laínez, sucessor de Loyola como Superior da Companhia de Jesus e um dos principais responsáveis pela sistematização do *excerpere* nos colégios, como se viu no capítulo anterior:

> E, para dar um exemplo da Companhia, nosso Diego Laínez acumulou enorme ciência e doutrina em meio às suas muitas ocupações, sem nenhum outro grande esforço a não ser extrair de suas inúmeras leituras o que lhe parecia adequado. Dele se diz que normalmente não tomava um livro antes da pena (SACCHINI, 1613, p. 55, tradução minha)[36].

A partir da constância na prática, seria possível compor mesmo uma biblioteca inteira, espécie de "biblioteca portátil" (BLAIR, 2008), propõe Sacchini (1613, p. 56, tradução minha), evitando colocar-se à mercê das contingências dos deslocamentos contínuos dos jesuítas:

> Finalmente, a vantagem, que só por si bem o recompensará por todo o seu trabalho, é que, no fim de algum tempo, terá, de forma resumida e em um pequeno volume, uma biblioteca selecionada, que poderá ter à mão, na ausência de outros livros, da qual fará uso corrente e que transportará sem grande dificuldade para onde quiser[37].

É, portanto, verossímil supor a pertinência ainda mais decisiva da prática para missionários da Ordem, como Vieira, também douto já há muito tornado mais homem[38] nas classes do Colégio da Bahia, mercê da docilidade bem orientada que o tornou

---

[35] "*Primum ipsa scribendi, adnotandique cura intentionem legentis exacuit: itaque lectio fit multo meditatior*; *eoque claruius res intelliguntur, et subtilius expenduntur. Deinde ipsa quoque scriptio et intelligentiam iuvat, et altius menti res imprimit, dum diutius immoramur in eodem, saepiusque relegimus, ac retractamus*."

[36] "*Ut aliquid afferam exemplorum domesticorum. Noster Iacobus Lainius ingentem scientiam, atque doctrinam inter plurimas occupationes, non alia magis industria comparavit, quam ex multa lectione excerpens quicquid commodum videretur: quem ferunt non ante solitum prehendere librum, quam stylum*."

[37] *"Illa ad extremum est opportunitas, quae vel sola laborem rependit: quod post aliquod tempus, breve electorum volumem pro bibliotheca est, quam ubi libri ipsi non adsint, ad manum habere, et familiarem tibi facere, et quocumque libitum sit, circumferre modico negotio possis*."

[38] Como afirma Hansen (2019, p. 127), "[...] a educação deve 'tornar mais homem', lema do *Ratio Studiorum* usado pela Companhia de Jesus a partir de janeiro de 1599 em seus colégios. Para tanto, deve dar conta das três faculdades, ensinando-lhes antes de tudo o autocontrole, que visa ao meio-termo dos apetites e à amizade com o restante do corpo político do Estado."

prudente, nascido em Portugal para morrer no mundo, como diz em um "Sermão de Santo Antônio" (VIEIRA, 1682). Lê-se, em diversos lugares de suas cartas, referências a pedidos de livros, lamentos pela sua falta e agradecimentos pelo seu envio[39]. Por exemplo, em carta datada de 15 de fevereiro de 1665 e endereçada a D. Rodrigo de Meneses, Antônio Vieira agradece seu interlocutor *per absentiam* por ter remetido-lhe um livro do Abade Joaquim, como chama Joaquim de Fiore, "porque vêm no mesmo volume obras várias de outros autores daquele tempo, que eu tinha curiosidade de ver, e, por não me parecer que se podiam achar, deixava de fazer diligência por eles" (VIEIRA, 1926, t. II, p. 122). Em setembro do mesmo ano, Vieira novamente manifesta gratidão a Meneses "pela mercê, que [lhe] tem feito, de descobrir e [lhe] mandar tantos livros, e ainda de [lhe] buscar fora do Reino os que não têm chegado" (VIEIRA, 1926, t. II, p. 249). Anos antes, alimpando seus papéis para impressão no Maranhão, por ordem do Provincial, lamenta as condições nas quais se encontrava para a tarefa, tão distante das "comodidades das impressões, das livrarias" (VIEIRA, 1925, t. I, p. 473) de Lisboa, França e Holanda, por onde havia deambulado em missões diplomáticas. Quer dizer, diante de incertezas dessa natureza, a impossibilidade de acesso a um livro tal que, não estando à mão na ocasião propícia, compromete a fatura de discursos vários é prova fundamental para que todo pretenso letrado dedique-se, desde jovem, à elaboração de sua própria coleção de notas, que, facilmente transportáveis, preveni-lo-ia de circunstâncias afins:

> Há não muito tempo, um padre queixava-se fortemente comigo: os livros de Ausburgo, dizia, aqueles de Ingolstadt, Dillingen, Lovaina, Colônia ou de outras cidades, que passaram pelas minhas mãos, agora os procuro e não os encontro em lugar algum, ou foram dados a um cavalheiro que não quer deles privar-se. É por isso que usufruo dos meus excertos, que constituem a minha biblioteca, a qual pode ser transportada facilmente para qualquer lugar. Era feliz em Lovaina, onde tinha os poetas e historiadores antigos e todas as obras de Lípsio; onde tinha os filósofos e teólogos de maior relevo na minha biblioteca, em meio a todos os outros. Agora continuo atracado à rocha como um pescador livre de ocupação. Encontro muito poucos historiadores e certamente em edições pouco confiáveis. Acredito que este volume de Lípsio tenha seguido o caminho de Penteu, tal é o ponto em que está rasgado e em pedaços. Dele encontro poucas coisas e em uma edição completamente diferente. Em todos os outros livros melhores, encontro muito pouco. Por isso, imito o urso e vivo chupando as minhas unhas. Utilizo os meus excertos. Se eu não os tivesse feito, não teria nada a dizer ou a escrever. Faltam os livros, a memória não vem em socorro, as coisas uma vez lidas já se foram há muito; entretanto, é preciso escrever ou dizer alguma coisa. Retiro-me, portanto, para a minha biblioteca. Retomo as minhas anotações (DREXEL, 1638, p. 62, tradução minha)[40].

[39] Para um exame detido dessas referências, ver Espírito Santo (2002).

[40] "*Non ita pridem vir Religiosus mihi grauiter questus*: *Quos libros Augustae, inquiebat, quos Ingolstadii, quos Dilingae, quos Louanii, quos Coloniae, quos alibi ad manum habui, illos iam quaero, et nusquam*

Se uma "biblioteca portátil", construída por meio de muita leitura e não menos anotação, é instrumento imprescindível para todo aquele que busca a erudição e, ainda mais, para aquele que, já letrado afamado, irá empregá-la na invenção e elocução de gêneros vários, igualmente necessário é poder localizar-se nos *excerpta* coletados. Mas isso é já matéria para o próximo e último capítulo. Antes, porém, lembremos daquele índice de manuscritos encontrados na cela de Vieira logo após sua morte, enviado a Tirso González, então Geral da Companhia de Jesus, por Francisco de Sousa, Reitor do Colégio da Bahia. Nele, atesta-se que certamente Vieira tinha seus *promptuaria*. Além dos nove volumes próprios para a pregação já referidos, encontraram-se três prontuários relativamente à *Clavis Prophetarum*, uma coleção de profecias de santos e outros autores acerca do tempo futuro, fragmentos de sermões próprios e alheios, além de uma miscelânea, com versos e enigmas: *excerpta* espalhados, jamais espalhados e a terem sido espalhados das choupanas dos sermões pregados no interior do Maranhão aos palácios altíssimos e talvez por isso mesmo inconclusos da *Clavis Prophetarum*.

---

reperio, aut tali domino mancipatos, qui eis carere nolit. Meis itaque fruor Excerptis, quae mihi bibliotheca sunt, facili negotio in omnem locum asportanda. Felix eram Louanii, ubi poetas veteres, ubi priscos historicos omnes, et omnia Lipsii opera; ubi melioris notae Philosophos et Theologos in meo museo inter ceteros numerabam. Nunc subinde vacuus in scopulo piscator haereo. Vix pauculos historicos, et quidem editionis flagitiosae cerno; Lipsium hoc loci in Pentheum migrasse credo, adeo lacer et dissipatus est; illius pauca inuenio, et editionis dissimillimae. In melioribus libris ceteris supellex curta. Itaque ursum aemulor, et suctu unguium meorum victito, Excerptis meis utor. Excerpta non confecissem, nec dicere quidquam, nec scribere haberem. Libri destituunt, memoria non succurrit, olim lecta iam pridem effluxerunt, interim dicendum aliquid et scribendum est. Ad meam igitur bibliotheculam memet recipio, Notas meas repeto."

3 A PORTA DOS FUNDOS E A COMODIDADE DO LEITOR

Em certo momento da *Aurifodina*, Faustino questiona seu mestre: "se há índices copiosos e muito bem-feitos nos livros de quase todos os escritores, por que trabalhar em vão?"[1] (DREXEL, 1638, p. 72, tradução minha). Refutativa, a resposta de Eulógio à indagação investe na censura aos índices impressos. Muitos consulentes, diz, ignoram a própria arte de buscar (*ars quaerendi*) nos índices, haja vista a grande variedade entre eles. Além disso, não raro os leitores são enganados, pois muitos livros prometem copiosidade em seus índices e oferecem não mais do que poucas coisas notáveis – muitos livros, aliás, sequer possuem índices. Ademais, os próprios autores não elaboram os índices acrescentados às suas obras, encomendando o esforço de fazê-los a outros, o que produz inúmeros erros. Tais razões levam então Eulógio a concluir:

> Mesmo supondo que esses índices que você propôs em sua objeção sejam perfeitamente confiáveis, deve-se dizer que não usamos os de terceiros com tanto prazer e vantagem quanto os nossos. E, meu Faustino, quando se trata de demonstrar erudição, é tarde demais para tentar escavá-la de livro alheio ou dos índices de livros. É uma atividade arriscada e muitas vezes enganosa querer se tornar um erudito a partir de Elencos e Nomenclaturas desse tipo[2] (DREXEL, 1638, p. 73-74, tradução minha).

Lugar-comum em discursos seiscentistas sobre índices impressos, censura similar também aparece em artes de pregar do período, como a *Arte de predicar la palabra de Dios* (1667), do Padre Ivan de Estrada Gijón, que inclui um capítulo sobre o *modo de hazer indices con facilidad y aprovechamiento*. Ao justificar a incursão na matéria, diz: "[...] tendo experimentado não só nos estudos manuscritos, senão também nos livros impressos defeituosas tábuas, [...] julgo que se poderá suportar com paciência o que eu digo aqui sobre o modo de fazer índices"[3]. Surge também em Jonathan Swift (1704), para quem o índice impresso seria o instrumento por excelência do néscio interessado no prestígio do *scholar*, mas indisposto a se dedicar com o afinco exigido para adentrar pela porta da frente daquele supracitado *Palace of Learning*: seu uso manifestaria desleixo pelo conhecimento, pelos próprios livros e contentamento apenas com uma falsa

---

[1] "*Sunt hoc aevo scriptorum paene omnium indices copiosi, indices optimi. Quid fatiger frustra*?"

[2] "*Verum, ut sint ista, quae opponebas, verissima, numquam tamen alienis tam iucunde, nec tam apposite, neque utilitate tanta, ut nostri utimur. Et, o mi Faustine, serum nimis est, cum monstranda eruditio, eam ex alienis libris, aut librorum indicibus conari effodere. Negotium anceps et revera fallax est, velle fieri eruditium eiuscemodi Elenchis et Nomenclaturis.*"

[3] "[...] *habiendo experimentado no solo en los estudios manuscritos, sino en los libros impresos defectuosas las tablas* [...] *juzgo que se podrá llevar em paciencia el que yo diga aquí el modo de hazer índices*."

erudição. Como se agarrasse um peixe pela cauda, prossegue ironicamente, seria possível decorar títulos e índices de livros e se gabar do saber aí adquirido. Passíveis de falhas inúmeras, portanto, índices impressos, muitas vezes, causam confusão nos leitores com sua diversidade, contêm remissões equivocadas e passagens truncadas, são vendidos por copiosos mesmo quando breves: sem nada comparável ao que anunciam, enfim, disseminam a vulgaridade com suas promessas de fácil erudição.

A *refutatio* de Eulógio às objeções de Faustino, bem como as censura do Padre Estrada e de Swift aos índices impressos, permitem associar as práticas indiciais ao estigma da impressão característico do Antigo Regime Tipográfico[4]. Como historiadores do campo têm demonstrado, a manuscritura não se tornou imediatamente obsoleta com a invenção da imprensa, mantendo-se, pelo contrário, corrente até, ao menos, o fim do século XVIII. O fato é que a imprensa, a qual já se atribuiu um papel revolucionário não apenas no que diz respeito à história do livro, mas também em relação à própria estrutura do pensamento ocidental (EISENSTEIN, 1998; ONG, 2012), foi comumente preterida pelos letrados em determinadas circunstâncias e deles recebeu censuras de natureza vária, seguramente contribuindo para a manutenção da cultura escribal (BOUZA, 2016). Alguns dos principais juízos desfavoráveis a ela incluíam o receio da vulgarização de certos escritos, que poderiam cair em mãos néscias, a submissão das letras aos interesses econômicos dos livreiros e ainda o descuido das oficinas tipográficas, cuja ignorância de seus compositores e revisores resultava em adulterações indevidas nos manuscritos levados à prensa. Ademais, o manuscrito permitia alguma margem de contorno à censura e a ágil manipulação por uma pluralidade de mãos letradas, característica relevante de antologias poéticas circulantes nesse período (CHARTIER, 2014).

Como se viu nos exemplos acima, algumas dessas suspeitas também recaíam sobre índices impressos. Com isso, põe-se em dúvida algumas leituras já feitas a seu respeito. De acordo com uma tese clássica, apenas com a reificação da palavra, supostamente ocasionada pela distinção entre palavra e letra permitida pela invenção dos

[4] A expressão "Antigo Regime Tipográfico" designa o período que, aproximadamente, se estende, na França, de 1470, ano de fundação da oficina tipográfica de Sorbonne, até 1830. No que diz respeito às práticas editoriais, esses três séculos e meio seriam caracterizados – e não só na França – pela estabilidade de longa duração, assentada, sobretudo, na estabilização tecnológica, ainda muito similar ao fabrico de livros manuscritos; no domínio do capital mercantil, em que os mercadores livreiros possuíam amplo protagonismo em diversas etapas da produção e venda dos livros, e, por fim, na tiragem reduzida. O ponto de ruptura com tal sistema tem sido situado em meados do século XIX devido à industrialização na fabricação do livro, que permitiu maior e mais ágil produção de impressos e o surgimento de novas categorias de leitores, que passaram a consumir com mais facilidade (e mesmo mais avidez) outros objetos impressos, como publicações periódicas. Sobre o assunto, ver Chartier (1993).

tipos móveis, que a estrutura de pensamento ocidental, até então predominantemente oral-auditiva, teria sido transposta para o espaço visual: se a escritura reconstituía a palavra falada, seria apenas com a impressão que ela de fato seria incorporada a esse espaço visual. Assim, o livro deixava de ser um enunciado e tornava-se uma coisa. Segundo tal perspectiva, o índice, especialmente o alfabetado, seria uma evidência privilegiada dessa transição, situando-se "na encruzilhada entre as culturas oral e visual" (ONG, 2012, p. 123). Índices alfabéticos, além de raros, seriam ineficientes na cultura manuscrita, pois cada cópia do mesmo texto possuía uma paginação distinta, gerando a necessidade de um novo índice para cada cópia particular. Além disso, índices manuscritos, até a invenção da imprensa, continuariam funcionando de maneira auditiva, nem sempre respeitando uma ordem estritamente alfabética. Em oposição a essa tese, outros estudos têm demonstrado que, já no século XIII, índices alfabetados eram amplamente utilizados em universidades e mosteiros e seria um equívoco investir em sua suposta ineficiência, uma vez que a paginação diversa das cópias era compensada por outros mecanismos de remissão – a volumes e capítulos, por exemplo (ZEDELMAIER, 2007). Assim, se os índices desempenham um papel decisivo na história do livro, esse lugar recua alguns séculos antes do surgimento da imprensa, visto que, junto a outros aparatos textuais característicos do livro até a atualidade, índices alfabéticos resultam, na verdade, de práticas escolásticas de leitura, que dotaram os livros de divisão por capítulos, parágrafos, notas de rodapé e índices, facilitando sua leitura e estudo (CAVALLO; CHARTIER, 1998). De fato, os códices manuscritos produzidos a partir do século XIII parecem-se mais com o impresso de hoje do que seus antecessores assemelham-se a eles (PARKES, 1991).

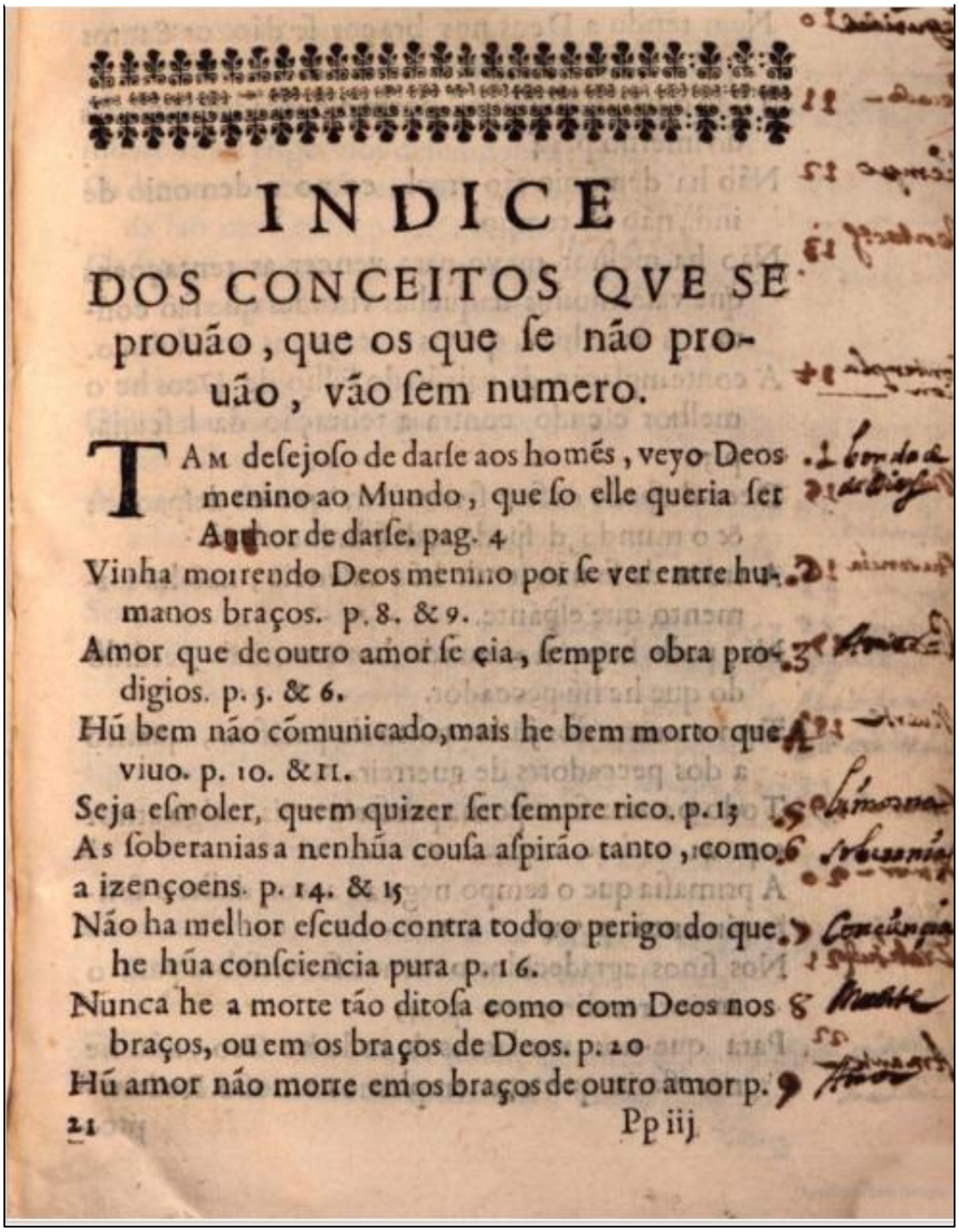
Nesse sentido, parece inverossímil afirmar que a imprensa tornou os índices manuscritos obsoletos, como se fossem uma fatal evolução sua. Pelo contrário, o que se vê é certa resistência letrada a eles. Por isso, Alonso Víctor Paredes (1680, p. 37, tradução minha), autor de uma *arte de la imprenta* seiscentista, aconselha aos impressores especial atenção à ordenação dos fólios, uma vez que qualquer descuido nessa etapa poderia causar uma incongruência entre eles e as remissões do índice. Erros dessa natureza causariam aborrecimento tamanho, diz Paredes, que seriam capazes de levar o leitor a abandonar o livro consultado, julgando-o inferior:

> É muito útil que esses fólios [dos índices das coisas mais notáveis ou dos lugares da Escritura] corram bem e em ordem; pois nada é mais desanimador do que alguém ver, no Índice, citada uma coisa que deseja saber e, quando vai procurá-la pelo número, não a encontra e, depois de se cansar, deita fora o livro, ou não lhe dá mais atenção[5].

Por dependerem da numeração estabilizada do impresso e para evitar as remissões equivocadas referidas por Paredes, índices, assim como os demais discursos prologais, frequentemente eram impressos somente após a impressão do corpo do livro e por isso não compunham o original manuscrito (ANDRÉ ESCAPA *ET AL*, 2000). De qualquer modo, essas e outras falhas ocorriam, muitas vezes, devido a singularidades atinentes à própria fatura indicial, sempre de acordo com a *dispositio* de cada espécie. Tábuas de conteúdo, geralmente antepostas ao texto principal da obra e que remetiam às subdivisões correspondentes à *dispositio* de seus capítulos (no caso de Vieira, de seus sermões) eram elaboradas por impressores, pois exigiam um trabalho meramente mecânico. Por sua vez, índices de conceitos ou de coisas mais notáveis, comumente acrescentados no fim dos livros, sendo alfabetados a partir de lugares-comuns, não obedeciam à *dispositio* do texto a que remetia. Devido à complexidade envolvida em sua elaboração, preferencialmente eram compostos pelos próprios autores, por eles supervisionados ou então por alguém familiarizado com o texto (ANDRÉS ESCAPA *ET AL*, 2000). Nem sempre, entretanto, essa espécie de índice era elaborada por um letrado, seja o próprio autor, seja um conhecedor do texto, como o trecho supracitado do diálogo drexeliano evidencia-o. Há outros testemunhos ainda. Juan Caramuel (1664), por exemplo, lembra que, sendo responsabilidade do impressor ou do livreiro, raramente letrados, índices tornaram-se passíveis de erros frequentes. Em casos como esse, muitas vezes os leitores elaboravam índices manuscritos independentes dos índices impressos (TAVONI, 2010) ou intervinham manuscritamente no índice impresso considerado deficiente. É o que se vê em uma cópia impressa do "índice dos conceitos" acrescentado aos *Sermões das Tardes das Domingas da Quaresma* (1670), do Frei Álvaro Leitão (figura 1). Nesse índice, desconsiderou-se a *dispositio* típica de índices de conceitos, assentada na alfabetação dos *loci communes*, optando-se por seguir a *dispositio* do livro, tal como as tábuas.

[5] "*Es utilísimo que vayan estos folios bien, y por su orden; porque no ay cosa que más desazone, que ver un hombre em el Indice citada una cosa que desea saber, y quando la va a buscar por el número, no la haya, y después de averse cansado, arroja el libro, o no hace más caso del*."

Figura 1 – Página capitular do índice dos conceitos dos
Sermões das Tardes das Domingas da Quaresma (1670), do Frei Álvaro Leitão.



INDICE

DOS CONCEITOS QVE SE prouão, que os que ſe não prouão, vão ſem numero.

TAM deſejoſo de darſe aos homẽs, veyo Deos menino ao Mundo, que ſo elle queria ſer Author de darſe. pag. 4

Vinha morrendo Deos menino por ſe ver entre humanos braços. p. 8. & 9.

Amor que de outro amor ſe cia, ſempre obra prodigios. p. 5. & 6.

Hũ bem não cõmunicado, mais he bem morto que viuo. p. 10. & 11.

Seja eſmoler, quem quizer ſer ſempre rico. p. 13

As ſoberanias a nenhũa couſa aſpirão tanto, como a izençoens. p. 14. & 15

Não ha melhor eſcudo contra todo o perigo do que he hũa conſciencia pura p. 16.

Nunca he a morte tão ditoſa como com Deos nos braços, ou em os braços de Deos. p. 20

Hũ amor não morre em os braços de outro amor p.

21 Pp iij

Fonte: Álvaro Leitão (1670).

Além disso, como se sinaliza no título do índice, seu autor optou por subordinar a numeração dos conceitos à presença de provas nos sermões. Esse, porém, não parece um critério satisfatório, uma vez que, ao longo do índice, encontram-se remissões assinaladas manuscritamente em excertos julgados sem provas, indicando ou a pertinência de assinalar conceitos sem provas ou provas desconsideradas pelo autor do índice. Atento à incongruência e inadequação remissiva, que certamente confundiria muitos leitores, o

consulente adicionou, nas *marginalia* do índice, os lugares-comuns a que pertenciam os conceitos coletados. Por exemplo, o conceito impresso "As soberanias a nenhuma coisa aspiram tanto, como a isenções", visto na figura 1, é sucedido pelo lugar-comum, acrescentado pelo consulente, "soberania". No excerto seguinte, lê-se impresso: "Não há melhor escudo contra todo o perigo do que é (*sic*) uma consciência pura", acompanhado pelo lugar-comum manuscrito "consciência". E, apesar de quase todos os lugares referirem-se ao substantivo mais significativo dos excertos, há espaço para *loci* diversos, que não se atém a um vocábulo do enunciado, como o primeiro lugar-comum do índice: "Bondade de *Dios*", que contempla "Tão desejoso de dar-se aos homens, veio Deus menino ao Mundo, que só ele queria ser Autor de dar-se". De modo geral, os lugares-comuns acrescentados pelo consulente buscam atender, mesmo que não diretamente, a um preceito enunciado por Drexel (1638, p. 134-135, tradução minha) para a elaboração de índices:

> Trate disto em particular: tente criar com juízo o título a inserir entre os excertos em forma de lema, anotação ou argumento histórico, considerando cuidadosamente qual é o ponto central do tema que pretende indexar, o coração da questão, o que é mais conhecido ou desconhecido. Por exemplo, é preciso extrair excertos de argumento histórico sobre o extraordinário aumento da graça divina. Agirá de forma completamente inexperiente e insensata se inserir esse título sob a letra D ou sob a letra I, desta forma: *Incrementum incredibile divinae gratiae*, ou desta: *Divinae gratiae incredibile incrementum*. Agirá corretamente e com instrução se inseri-lo sob a letra G: *Gratiae divinae incredibile incrementum*. Pois neste título o tema fundamental é a graça[6].

A distinção feita por Eulógio decorre de característica fundamental da morfossintaxe latina, que permite que se diga a mesma coisa independentemente da ordem dos termos em uma frase qualquer. Assim, "*Incrementum incredibile divinae gratiae*, "*Divinae gratiae incredibile incrementum*" e "*Gratiae divinae incredibile incrementum*" significam, igualmente, "Incremento incrível da graça divina". Tal liberdade sintática, como se sabe, foi comumente aproveitada como recurso enfático por muitos escritores latinos. O caso aqui é exemplar: ao ressaltar que é na topicalização do genitivo "*Gratiae*" que repousa a correta indexação de um excerto tal sobre a graça divina, Eulógio indica

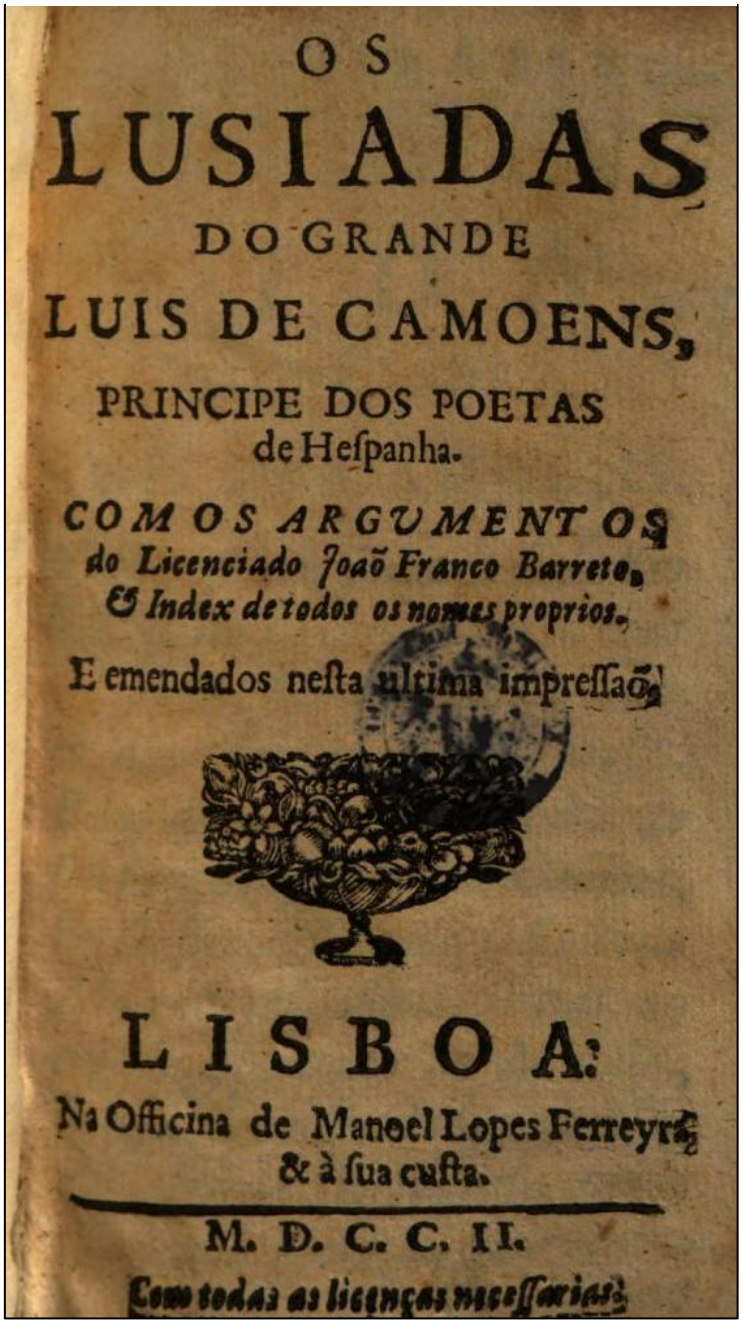
[6] "*Tu hoc unum maxime cura, ut titulum seu* Lemmatibus*, seu* Adversariis*, sive* Historicis *inscribendum cum iudicio formes, id sollerter considerando, quid in ea re, quam excerpturus es, cardo, aut caput, quid notius aut ignotius sit. Exempli causa. Excerpendum est quippiam in Historica de incredibili divinae gratiae incremento. Tu imperite prorsus et absurde feceris, si hunc titulum vel ad characterem D. vel ad I. retuleris hoc modo:* Incrementum incredibile divinae gratiae, *aut hoc modo*: Diviniae gratiae incredibile incrementum. *Rectius facies atque peritus, si eum ad elementum G. revocaris, hoc modo:* Gratiae divinae incredibile incrementum. *In hoc namque titulo caput rei est* Gratia."

que espera de seu discípulo não apenas o conhecimento do latim a nível sintático, de modo que se perceba a possibilidade de diferentes topicalizações, mas também a nível semântico, permitindo-lhe a compreensão de *Gratiae* como núcleo semântico fundamental da passagem hipotética a ser extraída[7]. Trata-se de procedimento afim, mesmo que não se trate de obra latina, efetuado na topicalização manuscrita feita às margens do exemplar dos *Sermões das Tardes das Domingas da Quaresma*.

Além disso, ao ilustrarem, materialmente, a verossimilhança das censuras a índices impressos, tais intervenções manuscritas apontam ainda para a necessidade de os autores e as oficinas tipográficas desenvolverem estratégias que conferissem credibilidade aos seus índices. Se se admite a analogia entre livro e discurso que estende ao "livro o modelo de composição do discurso retoricamente instruído" (CARVALHO, 2009, p. 6), discursos que antecedem a matéria tratada, entendidos retoricamente como exórdio, favorecem a constituição de verossimilhança da obra, colaborando com a composição de sua autoridade, configurando um decoro específico do gênero que principia e ocupando um lugar na disposição do livro (CARVALHO, 2009). Ao expandir o raciocínio para os próprios elementos tipográficos que compõem os livros, seria possível propor que a menção aos índices e de seu autor na folha de rosto de uma edição seiscentista de *Os Lusíadas* (figura 2), bem como a referência aos argumentos acrescidos no início de cada canto e às emendas da impressão, compõem uma estratégia de captação da benevolência que constitui a *fides* da própria edição.

[7] Devo a Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto, a quem agradeço, tal apontamento.

Figura 2 – Folha de rosto de *Os Lusíadas* (1702),
de Luís Vaz de Camões.


OS
LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMOENS,
PRINCIPE DOS POETAS
de Heſpanha.
COM OS ARGUMENTOS
do Licenciado Joaõ Franco Barreto,
& Index de todos os nomes proprios,
E emendados neſta ultima impreſſaõ.
LISBOA:
Na Officina de Manoel Lopes Ferreyra,
& à ſua cuſta.
M. D. C. C. II.
Com todas as licenças neceſſarias.

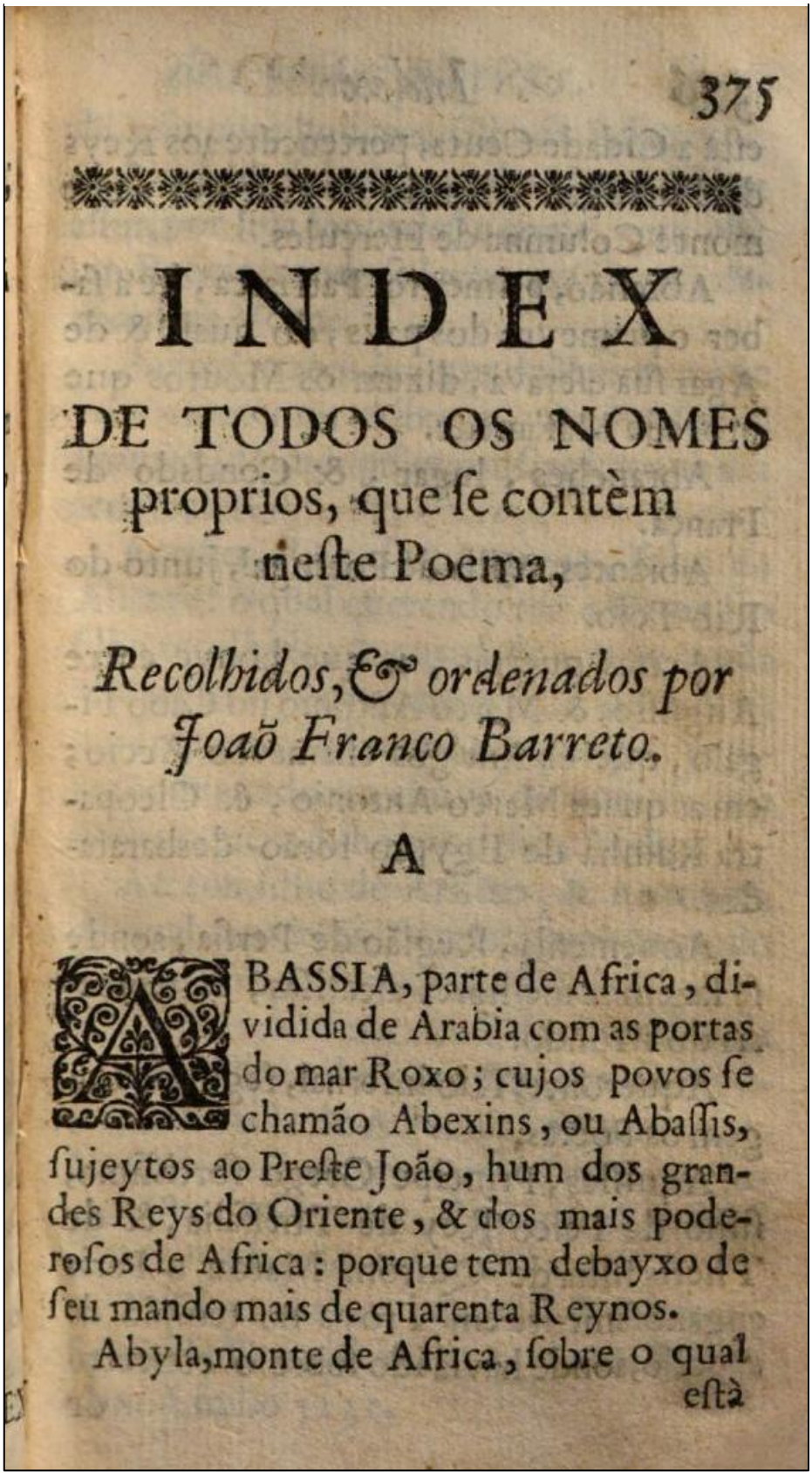
Fonte: Luís Vaz de Camões (1702).

Outro curioso exemplo de folha de rosto com indicação da presença de índices é o primeiro volume da obra do Padre Mateus Ribeiro, *Alívios de tristes, e consolação dos queixosos* (1688) (figura 4). Lê-se aí a sugestiva indicação: "[n]esta terceira impressão acrescentado com dous índices novos muito copiosos, e as quatro partes primeiras com as anotações às margens, que nunca tiveram". Aqui melhor se evidencia que, além de elemento mobilizado para captar a benevolência do leitor para a excelência editorial, a menção aos índices e a outros aparatos, revela uma estratégia comercial que passa por estabelecer uma diferença em relação às impressões anteriores: a presença de "índices novos muito copiosos" atualizaria e, portanto, aperfeiçoaria as edições anteriores, incentivando a aquisição da nova edição – talvez como muitas editoras fazem atualmente, relançando novas edições de seu catálogo com destaque, na capa, para sua atualização "de acordo com a nova ortografia".

Mas, para além das folhas de rosto, a hipótese de que a presença de índices compõe uma estratégia de captação da benevolência do leitor ao próprio impresso torna-se talvez mais verossímil a partir da análise do prólogo de *Alívios de tristes* e também do de um sermonário, as *Centúrias predicáveis dos Evangelhos*, do Frei Jorge da Natividade (1698, n. p.). Veja-se a passagem a seguir:

> Também acrescento os índices em duas cousas, na quantia, e na extensão: na quantia, como se testemunha o terceiro; e na extensão, como testifica o quarto. Tudo deves ao meu cuidado, que te propõe com novidade os rumos, os atalhos, e os caminhos; para achares com brevidade os passos, os lugares, e os conceitos. Alguns acomodo muitas vezes com uma prova somente, ou porque o pede assim o Santo, ou porque o manda assim o Texto: ou porque o Santo assim o pede, ou porque o Texto assim o manda: mas sem trabalhares muito, das palavras, que acomodo; e das palavras, que conceituo; podes formar duas provas, para que os passos te cresçam, e os lugares te sobrem. Deles podes fazer muitos sermões, se os teceres com a doutrina, com que se devem tecer, ainda que sejam panegíricos; e os vestires com a Retórica, com que se podem vestir, ainda que sejam doutrinais. E porque te não pareça impossível, antes de escrever os quatro índices, porei no fim quatro sermões, para que veja claramente, que podem ser doutrinais, ainda que sejam panegíricos.

Figura 3 – Página capitular do *index* de todos os nomes próprios de *Os Lusíadas* (1702), de Luís Vaz de Camões.



375

INDEX

DE TODOS OS NOMES proprios, que ſe contèm neſte Poema,

Recolhidos, & ordenados por Joaõ Franco Barreto.

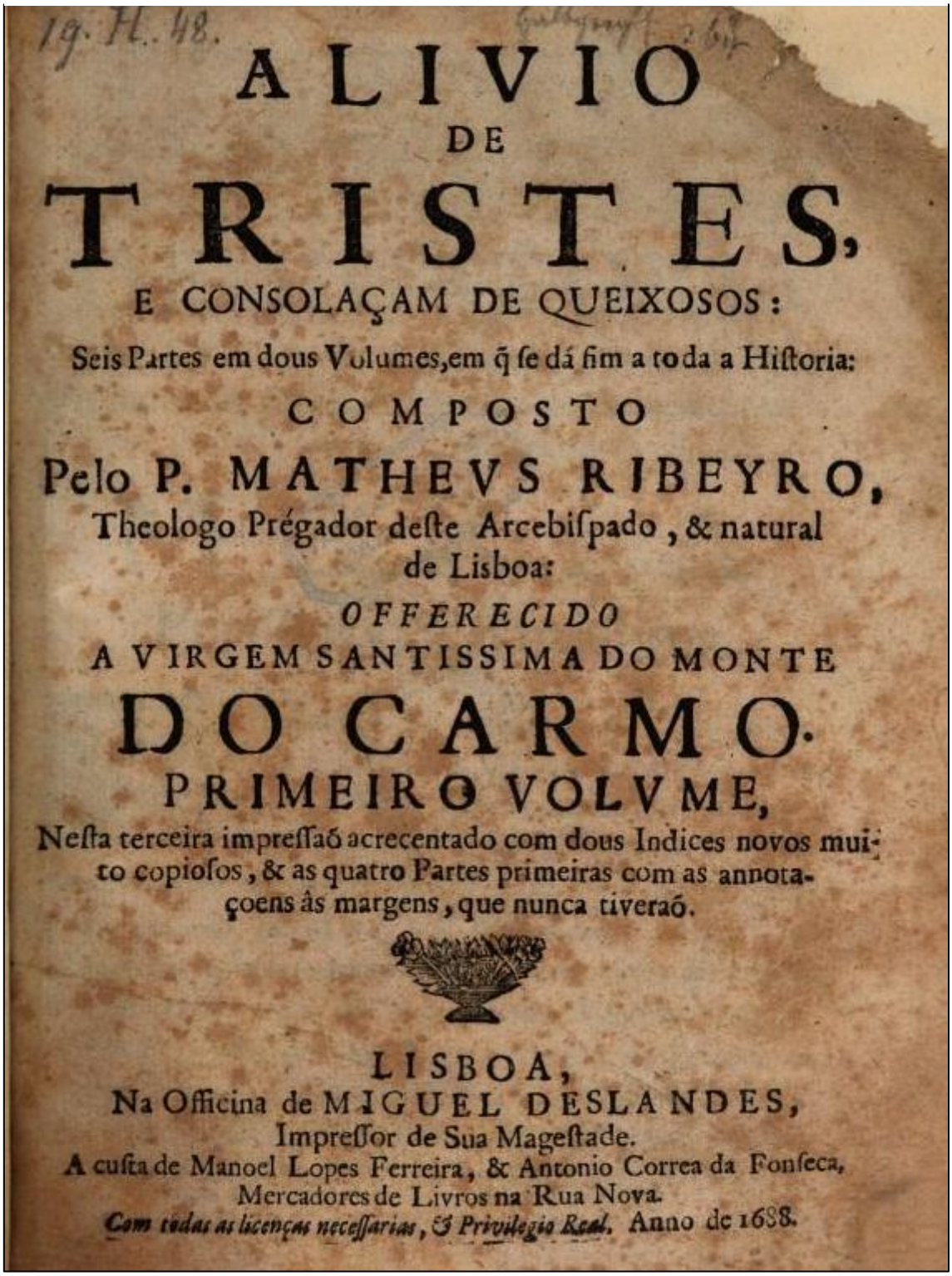
A

ABASSIA, parte de Africa, dividida de Arabia com as portas do mar Roxo; cujos povos ſe chamão Abexins, ou Abaſſis, ſujeytos ao Preſte João, hum dos grandes Reys do Oriente, & dos mais poderoſos de Africa: porque tem debayxo de ſeu mando mais de quarenta Reynos.

Abyla, monte de Africa, ſobre o qual eſtà

Fonte: Luís Vaz de Camões (1702).

Figura 4 – Folha de rosto de *Alívios de tristes, e consolação de queixosos* (1688), do Padre Mateus Ribeiro.



ALIVIO
DE
TRISTES,
E CONSOLAÇAM DE QUEIXOSOS:
Seis Partes em dous Volumes, em q̃ ſe dá fim a toda a Hiſtoria:
COMPOSTO
Pelo P. MATHEVS RIBEYRO,
Theologo Prégador deſte Arcebiſpado, & natural de Lisboa:
OFFERECIDO
A VIRGEM SANTISSIMA DO MONTE
DO CARMO.
PRIMEIRO VOLVME,
Neſta terceira impreſſaõ acrecentado com dous Indices novos muito copioſos, & as quatro Partes primeiras com as annotaçoens às margens, que nunca tiveraõ.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.
A cuſta de Manoel Lopes Ferreira, & Antonio Correa da Fonſeca,
Mercadores de Livros na Rua Nova.
Com todas as licenças neceſſarias, & Privilegio Real. Anno de 1688.

Fonte: Matheus Ribeiro (1688).

Nesse lugar de humildade instituído pelo prólogo-exórdio, Natividade realça o zelo empregado nos índices impressos da obra e propõe sua *utilitas* a partir da *comodidade* oferecida ao leitor: seu cuidado para tornar *útil* a obra é amplificado pela presença de não apenas um, mas quatro índices. Emulando o orador experimentado e prudente que se dirige a um jovem pregador ("não escrevo para os Mestres, escrevo para os discípulos", diz em outro trecho), Natividade busca persuadi-lo da *utilitas* dos índices, associando-os à tópica da *comodidade do leitor* ("para achares com brevidade"; "sem trabalhares muito") e aconselhando a conveniência de seu uso em ocasiões futuras ("deles podes fazer muitos Sermões"). De modo similar, procede o autor de *Alívios de tristes* (RIBEIRO, n. p.), recorrendo, em seu prólogo, à mesma tópica: "[n]eles [índices] buscamos mais o teu cômodo, e a facilidade de achares com toda a pressa as muitas descrições, e definições, de que abunda esta História, que é muito singular". Serve-se, ainda, de igual fórmula de humildade, lembrando do "zelo, e vontade, com que nesta obra te servimos [...]". Ao ressaltarem a comodidade do leitor e a acurácia indicial, autores e livreiro-editores previnem-se da acusação não incomum, como se viu, de acrescentarem índices por mero interesse comercial. De fato, desde a invenção da imprensa, com a proliferação desenfreada de livros, a "floresta", o "oceano" ou a "inundação" de livros estimularam a elaboração de ferramentas de leitura, como florilégios, notas marginais, sumários, bibliotecas e índices (BURKE, 2002). Assim, embora a imprensa não tenha inventado índices, tampouco índices impressos tenham superado os manuscritos, seguramente ela contribuiu para sua maior disseminação. A fabricação de um livro impresso, ainda que mais barata do que a de um livro manuscrito, era um investimento algo arriscado, uma vez que sua produção não necessariamente garantia um mercado consumidor imediato. Desse modo, livreiro-editores buscavam livros que permitissem um retorno financeiro sustentável, motivo pelo qual livros de consulta pontual, como dicionários e florilégios, eram populares no período, pois potencialmente atendiam a um amplo espectro de leitores, como pregadores, professores, estudantes abastados, nobres e homens de armas (BLAIR, 2011). Em Portugal, a publicação de obras desse gênero esteve restrita até pelo menos o século XIX (VERDELHO, 2007), mas isso não significa que índices não ocupassem aí um lugar importante nas estratégias comerciais das oficinas tipográficas. Embora, em grande parte dos casos, não tivessem existência autônoma, índices impressos operavam dentro da mesma lógica. Exemplo curioso é o de um livreiro que pede a Anton Koberger, famoso impressor de Nuremberg, a adição de um índice a um livro, pois isso tornaria a tarefa de vendê-lo muito mais fácil (ZEDELMAIER, 2007).

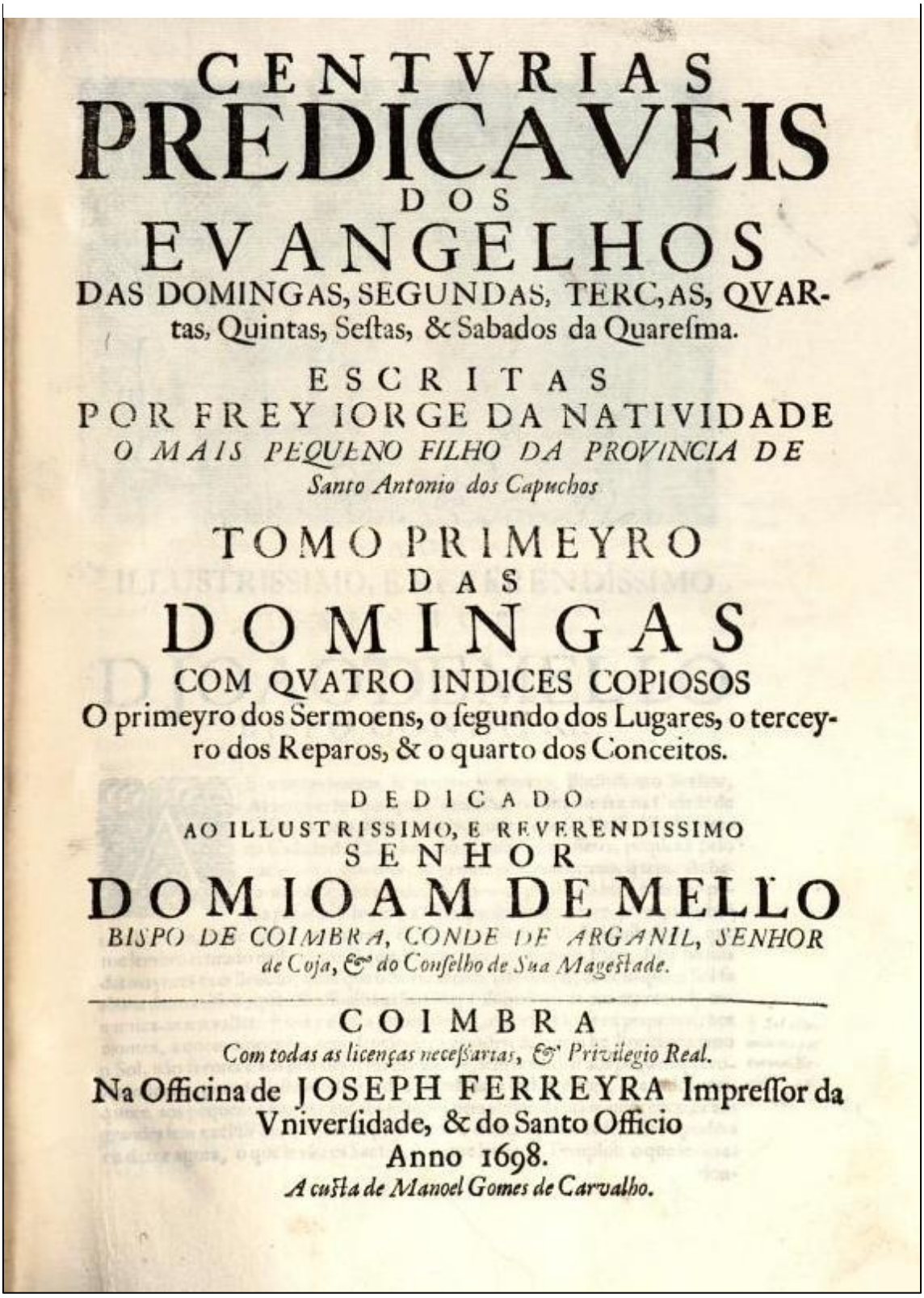
Nesse sentido, também a multiplicidade indicial não era incomum. No século XVII, o acréscimo de extensos índices era estratégia comercial sobretudo de sermonários, voltados para a formação de oradores sacros, que, igualmente por razões comerciais, com frequência eram intitulados com títulos chamativos (MENDES, 2003). O autor de um deles, João Cardoso (1628, n. p.), chega a comentar ter elaborado para sua *Ruth peregrina* "o que não pode deixar de ser", referindo-se ao "Index da Escritura, das cousas notáveis, e dos parágrafos, e capítulos", indicando seu caráter quase obrigatório em obras do gênero. Eram, por isso, também destacados nas folhas de rosto dos sermonários, como se vê no caso das supracitadas *Centúrias*, de Natividade (figura 5), que inclusive ressalta tipograficamente os "quatro índices copiosos" da edição.

Por outro lado, seria equivocado resumir tudo a mero subterfúgio de livreiro-editores desonestos. Não se deve subestimar a procura por índices impressos durante o Antigo Regime Tipográfico, inclusive devido à dificuldade envolvida na fatura de um sempre trabalhoso índice manuscrito, que, realizado sem um método eficaz, poderia custar muito papel, pouco escrito e resultado confuso (ESTRADA GIJÓN, 1667). Para além do uso dos índices enquanto estratégias comerciais, é interessante notar que eles sinalizam uma prática de leitura historicamente particular: ao não acusarem uma hierarquia das coisas indexadas, os índices alfabéticos permitiriam ao leitor um uso mais personalizado dos textos (PARKES, 1995). Assim afirma o Padre Manuel Bernardes (1706, n. p, grifo meu), conduzindo seu leitor para o bom uso dos índices acrescentados à sua *Nova Floresta*:

> [q]uerendo o Leitor buscar algumas notícias para seus particulares usos, não recorra só à tábua dos Títulos, ou lugares-comuns, se não principalmente ao Index geral das matérias [referindo-se ao índice das coisas mais notáveis]: *porque as diversas linhas, que procedem de qualquer deles levam a doutrina para mui diferentes lugares*.

Um reparo, porém. Ainda que índices alfabéticos de fato estabeleçam uma espécie de *dispositio* alternativa aos textos que acompanham, especialmente útil para os "particulares usos" de seus consulentes, o que não se diz é que a própria alfabetação é realizada sobre uma seleção – e, portanto, uma hierarquização – prévia de excertos. Nesse sentido, à semelhança do gênero comentário, corrente no século XVII, que busca "moldar o que será a [...] compreensão por um público curioso" (ALMEIDA, 2020, p. 38) da obra comentada,

Figura 5 – Folha de rosto de *Centúrias predicáveis dos Evangelhos* (1698), do Frei Jorge da Natividade.



CENTVRIAS
PREDICAVEIS
DOS
EVANGELHOS
DAS DOMINGAS, SEGUNDAS, TERCAS, QVARTAS, Quintas, Seſtas, & Sabados da Quareſma.

ESCRITAS
POR FREY IORGE DA NATIVIDADE
O MAIS PEQUENO FILHO DA PROVINCIA DE
Santo Antonio dos Capuchos

TOMO PRIMEYRO
DAS
DOMINGAS
COM QVATRO INDICES COPIOSOS
O primeyro dos Sermoens, o ſegundo dos Lugares, o terceyro dos Reparos, & o quarto dos Conceitos.

DEDICADO
AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO
SENHOR
DOMIOAM DE MELLO
BISPO DE COIMBRA, CONDE DE ARGANIL, SENHOR de Coja, & do Conſelho de Sua Mageſtade.

COIMBRA
Com todas as licenças neceſsarias, & Privilegio Real.
Na Officina de JOSEPH FERREYRA Impreſſor da Vniverſidade, & do Santo Officio
Anno 1698.
A cuſta de Manoel Gomes de Carvalho.

Fonte: Jorge da Natividade (1698).

índices das coisas mais notáveis, como os que se encontram nos *Sermões*, de Vieira, também podem ser entendidos como uma forma de interpretação dos textos indexados. Desse modo, os índices de Antônio Vieira não devem ser entendidos como frivolidade comercial, mas partícipes efetivos da *dispositio* dos *Sermões*: dissociando excertos da *dispositio* dos sermões, alocando-os em certos lugares-comuns e não em outros, estabelecendo uma dicotomia entre o que é mais ou menos notável no interior da matéria tratada, hierarquizando, enfim, sua matéria, como evidencia seu próprio nome. É curioso, por exemplo, que matéria tão decisiva para Vieira, "índio", não tenha lugar próprio em sequer um índice de seus *Sermões*[8]. De todo modo, em termos retóricos, pode-se dizer que seus índices ocupam o lugar de epílogo estendido dos *Sermões*, sinteticamente recapitulando, no fim de cada tomo, as coisas notáveis tratadas em todos os discursos: "porque os epílogos dizem muito em poucas palavras, e no pouco declaram tudo [...]", diz, ainda que em outro contexto, o autor da compilação setecentista *Vieira abreviado* (CAETANO, 1746) – não é isso mesmo que quer dizer o Padre Vieira quando afirma que seus índices são a "substância de tudo" de seus sermões?

Mas além de comporem a *dispositio* dos livros como epílogo, cada espécie indicial possui sua própria *dispositio*. Equivocar-se quanto a isso, como faz o indexador dos *Sermões*, de Álvaro Leitão, é ferir o "decoro" do índice das coisas mais notáveis, elaborando-o como se tábua de conteúdos fosse. Tal abordagem da questão, que considera o índice das coisas mais notáveis uma entre outras espécies de índices, parte de visão distinta daquela estruturalista, que designa de "paratexto" uma série de elementos que, embora não compreendam o texto propriamente dito dos livros, complementam e ampliam seu sentido (GENETTE, 2018, p. 9): "o paratexto é aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral, ao público", como nome de autor, títulos, dedicatórias, epígrafes, prefácios, intertítulos, índices, sumários, notas etc. O estudo inaugural de Gérard Genette, porém, volta-se para edições modernas francesas, desconsiderando as especificidades históricas que condicionam as funções dos ditos paratextos. Um exemplo é o tratamento dispensado aos mesmos índices, aos quais é reservado não mais que uma nota de rodapé na discussão sobre sumários e títulos correntes. Prevenindo-se de alguma crítica nesse sentido, Genette (2018, p. 19) declara a conveniência de "definir os objetos antes de estudar-lhes a evolução", sinalizando a natureza sincrônica de sua abordagem. Há, porém, outros modos

[8] Agradeço a João Adolfo Hansen por ter me chamado a atenção para esse ponto.

de compreendê-los: em vez de isolar os chamados "paratextos" a partir de taxonomias e definições trans-históricas, é possível lê-los historicamente, atentando antes para as relações que estabelecem entre si do que se atendo a tabelas classificatórias (CHARTIER, 2014). Nesse ponto, seria interessante retomar a analogia entre livro e discurso, atrás referida. Segundo tal entendimento, "[t]ábuas de conteúdos, índices [...] têm aproveitamento muito específico, mas ainda assim são reveladoras da disposição retórica que as prevê no universo livresco" (CARVALHO, 2009, p. 14). E a compreensão desse "aproveitamento muito específico" passa por pensar em práticas de leitura verossímeis dos *Sermões*, "um todo orgânico, uma obra oratória" (MENDES, 2003, p. 346), não dos *sermões*, textos abstratos, dissociados da materialidade que os constitui. Ao considerar tal materialidade, seria possível reconstituir um *corpus* de atitudes antigas diante da leitura, "[repondo] as referências históricas de uma pragmática já dissolvida no presente" (PÉCORA, 2010, p. 9). Compreender de que modo se dá essa leitura indicial, metonímica, espécie de leitura paralela dos sermões, exige especial atenção para a *dispositio* interna desses índices, isto é, o sistema remissivo por eles instaurado e a *ordo* de todos os elementos que o compõe.

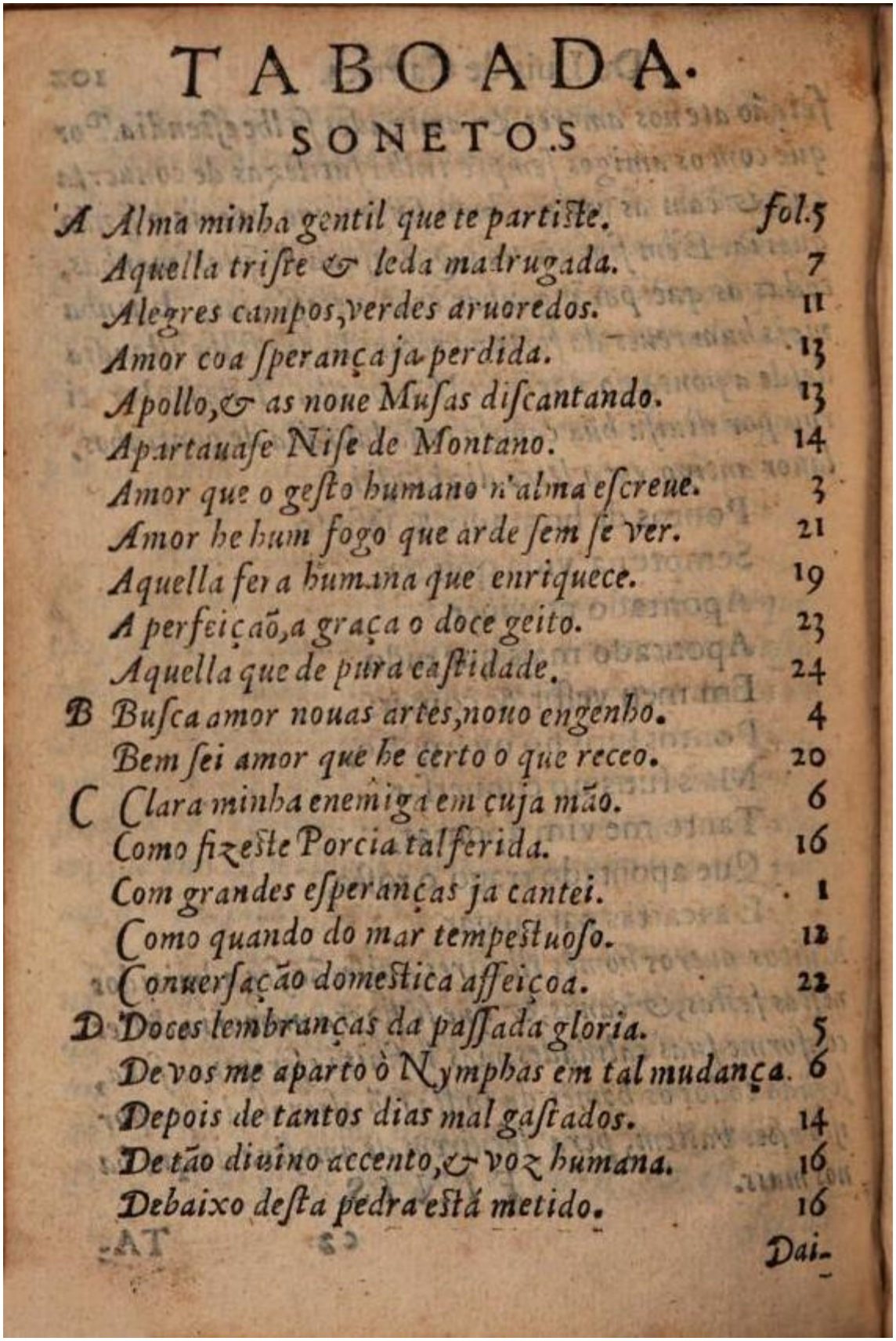
Para isso, é necessário, inicialmente, não resumir sua *dispositio* à ordenação alfabética dos *loci communes* e a remissão dos *excerpta* pelas páginas correspondentes. Há mais. No Antigo Regime Tipográfico, muitos índices combinavam uma espécie de hierarquia remissiva, de modo a indicar o mais precisamente possível o *locus* do excerto tanto no próprio índice quanto na *mise en page* dos textos indexados. Uma forma de pensar essa relação, distinta, em muitos aspectos, da encontrada em livros de hoje, é partindo da tópica supracitada da *comodidade do leitor*. Quando a considera, o autor do índice estabelece, para sua fatura, um ato de consulta verossimilmente conveniente para seu leitor. Tal ato constitui uma ordem consultiva suposta e hierarquicamente estabelecida, sempre iniciada a partir do elemento remissivo mais geral em direção ao mais particular. É essa sequência ideada que determina a *dispositio* indicial, dispondo-se, em sua *mise en page*, os elementos gerais centralizados e tipograficamente mais destacados (espécie indicial, gênero do poema, mês do calendário litúrgico etc.), uma vez que são os primeiros buscados; logo abaixo e à esquerda, com menor destaque tipográfico, o lugar-comum ou letra do alfabeto; passando à direita conforme a particularização da entrada, com a indicação do excerto contemplado e encerrando, finalmente, com o elemento mínimo remissivo (capítulo, página, fólio, coluna, parágrafo etc.), que é o que efetivamente remete ao corpo do livro. A comodidade do leitor, porém, não é entendida

universalmente, válida para todo e qualquer livro, pois depende, fundamentalmente, do gênero do livro indexado: é a partir dele que se irá determinar desde as espécies de índices (*index capitorum*, *index locorum Scripturae Sacrae*, *index res memorabilium* etc.) a serem acrescentados ao livro até o elemento remissivo mínimo a ser utilizado.

Por exemplo, a tabuada de *Rimas* (1607), de Luís de Camões (figura 6), possui, em primeiro lugar, centralizada e em maior destaque tipográfico, a espécie indicial (tabuada). Logo abaixo, ainda centralizado e em menor destaque tipográfico, mas ainda assim sobressalente, o gênero (soneto). Abaixo e à esquerda, há uma indicação recuada das letras do alfabeto a subdividirem o índice. Abaixo e à direita dessa indicação, temos o *incipit* dos poemas, ordenados alfabeticamente, ainda que apenas a partir de sua primeira letra. Finalmente, o índice sinaliza, no lado oposto à indicação das letras do alfabeto, o fólio correspondente aos poemas. O que essa *dispositio* mostra é que a alfabetação está hierarquicamente subordinada aos gêneros dos poemas, que, por sua vez, acompanham a *dispositio* livresca (soneto, canções, sextina, odes, elegias etc.). No índice, a combinação desses dois critérios dispositivos resulta em uma alfabetação que reinicia a cada gênero que compõe o livro. Nesse sentido, ao acompanhar, pelo gênero, a *dispositio* do livro, mas alfabetar o *incipit* dos poemas, essa tabuada sugere uma prática de leitura indicial que estabelece a comodidade do leitor no achamento de poemas particulares dentro de gêneros particulares em detrimento da leitura progressiva e linear do conjunto totalizado dos poemas, desconsiderando o gênero ao qual cada poema pertence: fosse assim, a tabuada optaria por uma disposição numérica simples, não alfabetada, que acompanha apenas a *dispositio* dos poemas no corpo do livro, sem menção aos seus respectivos gêneros. E aqui se evidencia a radical historicidade dos índices impressos, pois essa *dispositio* adquire pertinência apenas porque articulada à instituição retórica, que não identifica "poema" como categoria descritiva suficiente:

> [...] o que se tem chamado genericamente de 'poema' não se reconhece, numa preceptiva da tradição clássica, como 'poema' – termo cômodo pela totalização de objetos de tradições letradas muito distintas e, muitas vezes, impossíveis de justapor ou englobar –, mas, digamos, como *soneto*, como *madrigal*, como *romance pastoril*, como *epístola satírica*, formas poéticas precisas, com teoria, história e efeitos particulares (PÉCORA, 2018, p. 12, grifo do autor).

Figura 6 – Página capitular da tabuada de *Rimas várias* (1607),
de Luís Vaz de Camões



TABOADA.

SONETOS

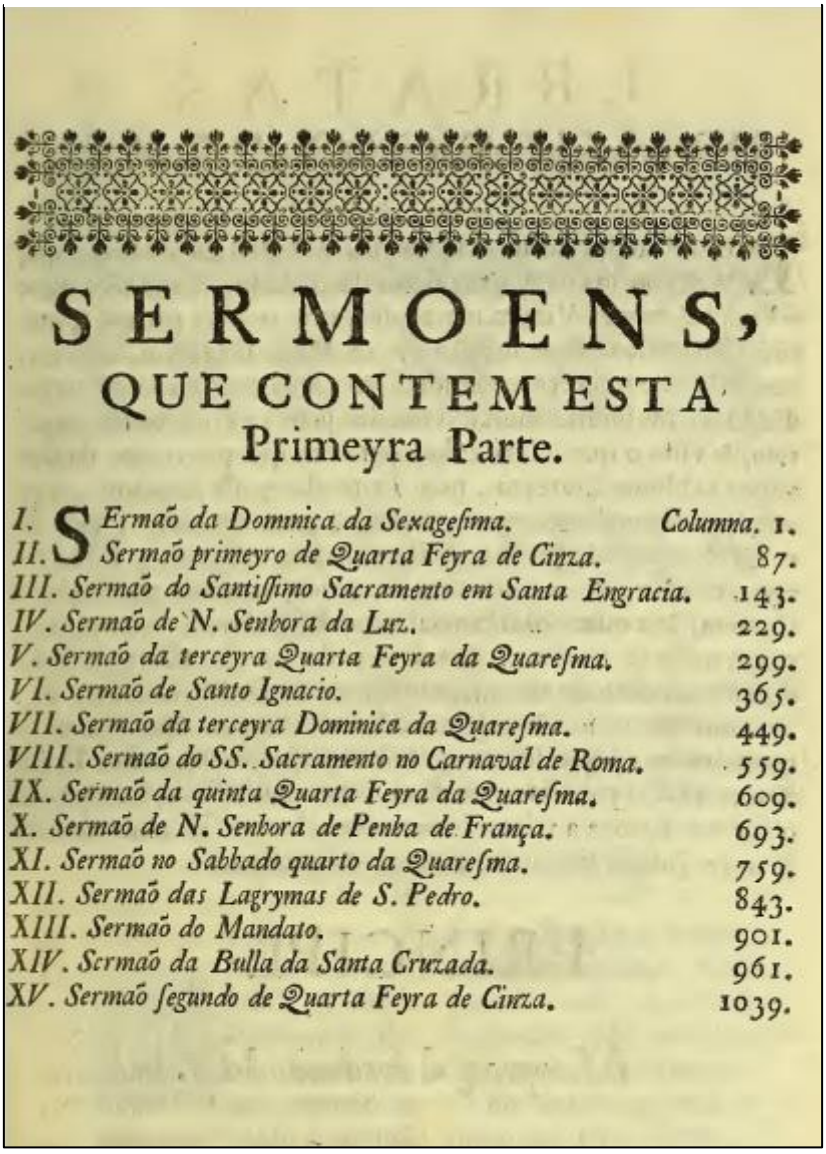
A Alma minha gentil que te partiste. fol.5
Aquella triste & leda madrugada. 7
Alegres campos, verdes aruoredos. 11
Amor coa ſperança ja perdida. 13
Apollo, & as noue Muſas diſcantando. 13
Apartauaſe Niſe de Montano. 14
Amor que o geſto humano n'alma eſcreue. 3
Amor he hum fogo que arde ſem ſe ver. 21
Aquella fera humana que enriquece. 19
A perfeiçaõ, a graça o doce geito. 23
Aquella que de pura caſtidade. 24
B Buſca amor nouas artes, nouo engenho. 4
Bem ſei amor que he certo o que receo. 20
C Clara minha enemiga em cuja mão. 6
Como fizeſte Porcia tal ferida. 16
Com grandes eſperanças ja cantei. 1
Como quando do mar tempeſtuoſo. 12
Conuerſação domeſtica affeiçoa. 22
D Doces lembranças da paſſada gloria. 5
De vos me aparto ò Nymphas em tal mudança. 6
Depois de tantos dias mal gaſtados. 14
De tão diuino accento, & voz humana. 16
Debaixo deſta pedra eſtá metido. 16

AT Dai-

Fonte: Luís Vaz de Camões (1607).

Vejamos, agora, a tábua do tomo I dos *Sermões* (figura 7). Começando com o elemento tipograficamente mais destacado, gênero (sermão); abaixo, parte (primeira); ainda, à esquerda, número do sermão (I, II, II etc.); sermão; e, finalmente, coluna (1, 87, 143 etc.). Ao contrário das *Rimas*, trata-se de obra cujos discursos são todos do mesmo gênero, de modo que basta englobá-los a partir do título da tábua (que coincide com o do próprio conjunto). Vieira (1679, n. p.) mesmo, na carta ao leitor, afirma que, não querendo fazer sermonário, não organizou seus discursos em "Quaresmais, Santorais, e Mariais inteiros". Por fim, sendo extensos os sermões, ao contrário dos poemas das *Rimas*, mais conveniente é reunir os conceitos alfabetados em um índice à parte, reservando à tábua apenas a *dispositio* dos sermões no tomo.

Figura 7 – Tábua do tomo I dos *Sermões*,
do Padre Antônio Vieira.



SERMOENS,
QUE CONTEM ESTA
Primeyra Parte.

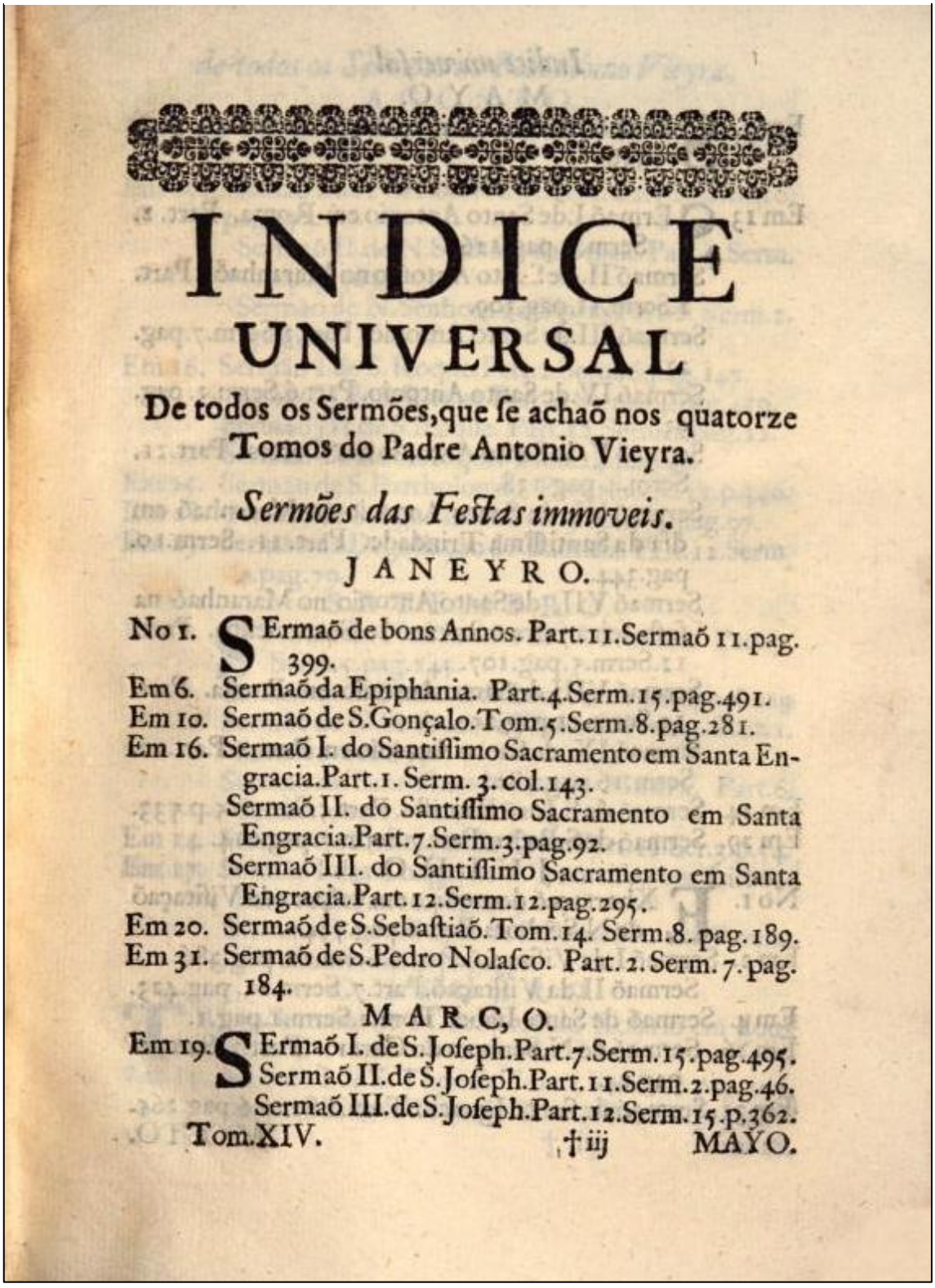
I.	Sermaõ da Dominica da Sexageſima.	Columna. 1.
II.	Sermaõ primeyro de Quarta Feyra de Cinza.	87.
III.	Sermaõ do Santiſſimo Sacramento em Santa Engracia.	143.
IV.	Sermaõ de N. Senhora da Luz.	229.
V.	Sermaõ da terceyra Quarta Feyra da Quareſma.	299.
VI.	Sermaõ de Santo Ignacio.	365.
VII.	Sermaõ da terceyra Dominica da Quareſma.	449.
VIII.	Sermaõ do SS. Sacramento no Carnaval de Roma.	559.
IX.	Sermaõ da quinta Quarta Feyra da Quareſma.	609.
X.	Sermaõ de N. Senhora de Penha de França.	693.
XI.	Sermaõ no Sabbado quarto da Quareſma.	759.
XII.	Sermaõ das Lagrymas de S. Pedro.	843.
XIII.	Sermaõ do Mandato.	901.
XIV.	Sermaõ da Bulla da Santa Cruzada.	961.
XV.	Sermaõ ſegundo de Quarta Feyra de Cinza.	1039.

Fonte: Antônio Vieira (1679).

Embora as tábuas dos demais tomos sejam todas muito similares entre si, o décimo quarto tomo possui ainda um "índice universal" (figura 8) cujas peculiaridades convém assinalar. Nesse índice, reuniram-se todos os sermões de todos os tomos a partir de uma *dispositio* assentada, sobretudo, no calendário litúrgico, exemplo da complexidade remissiva que mesmo uma tábua de conteúdos poderia assumir no Antigo Regime Tipográfico. Na *dispositio* indicial, há três categorias dispositivas básicas que subdividem o índice: festas imóveis; festas móveis e quaresmais; sermões e papéis vários, sendo os sermões de cada uma dessas categorias ordenados de modo peculiar. Aqueles das festas imóveis são ordenadas pelo mês e dia, enquanto os discursos referentes a festas móveis e quaresmais obedecem à sequência do calendário litúrgico, mas, é claro, sem referência a datas, e da *dispositio* dos tomos. Por exemplo, a primeira festa móvel, 1ª Dominga do Advento, possui três sermões a ela associada. No índice, o primeiro remete à parte II, o segundo à parte III e o último à parte V. A última categoria, por fim, parece não seguir nenhuma ordenação particular.

Trata-se, portanto, de um índice típico de sermonários, disposto de acordo com o calendário litúrgico. Como nos informa no prólogo da segunda parte dos *Sermões*, de Diogo de Paiva de Andrade (figura 9), o autor da compilação, Marcel da Conceição (1604, n. p.), sobrinho do pregador, explica que dispôs os discursos de seu tio pela ordem dos meses, a começar por dezembro, princípio do ano eclesiástico. Menciona, ainda, que basta acessar o índice para encontrar o dia do mês em que a festa é celebrada: "As pregações ordenei pela ordem dos meses, começando em dezembro, que é o princípio do ano eclesiástico: e em cada uma se aponta no *Index* o dia do mês, em que se celebra". O resultado é um índice muito similar, posto que simplificado, ao índice universal do décimo quarto tomo dos *Sermões* de Vieira. Em ambos os casos, uma vez que se trata de uma compilação de sermões, a comodidade do leitor não reside, como na tabuada das *Rimas*, no gênero do discurso como instância superior de indexação, que é sempre o mesmo, mas no calendário litúrgico: a comodidade do leitor é a comodidade do pregador. Como o calendário litúrgico é determinante para a *inuentio* sermonária, a *facilitas inueniendi* reside na especificação dos dados que o compõe (festa, mês, dia). Nesse sentido, ainda que o Padre Vieira indique na carta ao leitor que preambula seus *Sermões* que não pretende fazer um sermonário, o índice desse tomo póstumo permite essa leitura dos seus sermões, sugerindo uma prática de leitura instaurada que contraria o próprio projeto editorial de Vieira para a *editio princeps*.

Figura 8 – Página capitular do índice universal do tomo XIV, dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira.



INDICE UNIVERSAL

De todos os Sermões, que ſe achaõ nos quatorze Tomos do Padre Antonio Vieyra.

Sermões das Feſtas immoveis.

JANEYRO.

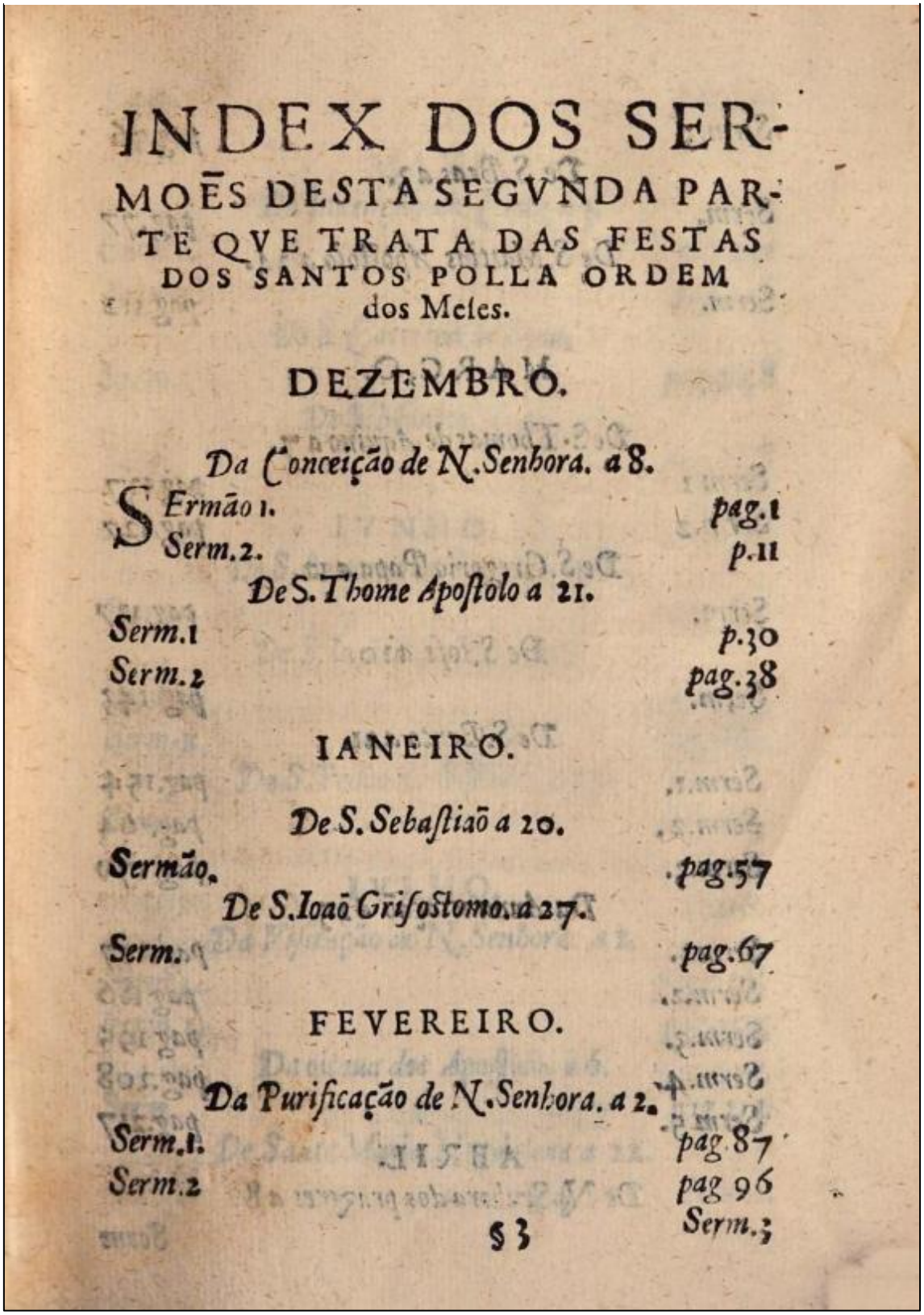
No 1. SErmaõ de bons Annos. Part. 11. Sermaõ 11. pag. 399.
Em 6. Sermaõ da Epiphania. Part. 4. Serm. 15. pag. 491.
Em 10. Sermaõ de S. Gonçalo. Tom. 5. Serm. 8. pag. 281.
Em 16. Sermaõ I. do Santiſſimo Sacramento em Santa Engracia. Part. 1. Serm. 3. col. 143.
Sermaõ II. do Santiſſimo Sacramento em Santa Engracia. Part. 7. Serm. 3. pag. 92.
Sermaõ III. do Santiſſimo Sacramento em Santa Engracia. Part. 12. Serm. 12. pag. 295.
Em 20. Sermaõ de S. Sebaſtiaõ. Tom. 14. Serm. 8. pag. 189.
Em 31. Sermaõ de S. Pedro Nolaſco. Part. 2. Serm. 7. pag. 184.

MARÇO.

Em 19. SErmaõ I. de S. Joſeph. Part. 7. Serm. 15. pag. 495.
Sermaõ II. de S. Joſeph. Part. 11. Serm. 2. pag. 46.
Sermaõ III. de S. Joſeph. Part. 12. Serm. 15. p. 362.

Fonte: Antônio Vieira (1748).

Figura 9 – Página capitular do "index dos sermões" da segunda parte dos *Sermões* (1604), de Diogo Paiva de Andrade



INDEX DOS SER-
MOẼS DESTA SEGVNDA PAR-
TE QVE TRATA DAS FESTAS
DOS SANTOS POLLA ORDEM
dos Meles.

DEZEMBRO.

Da Conceição de N. Senhora. a 8.

Sermão 1. pag. 1
Serm. 2. p. 11

De S. Thome Apostolo a 21.

Serm. 1 p. 30
Serm. 2 pag. 38

IANEIRO.

De S. Sebastiaõ a 20.

Sermão. pag. 57

De S. Ioaõ Grisostomo. a 27.

Serm. pag. 67

FEVEREIRO.

Da Purificação de N. Senhora. a 2.

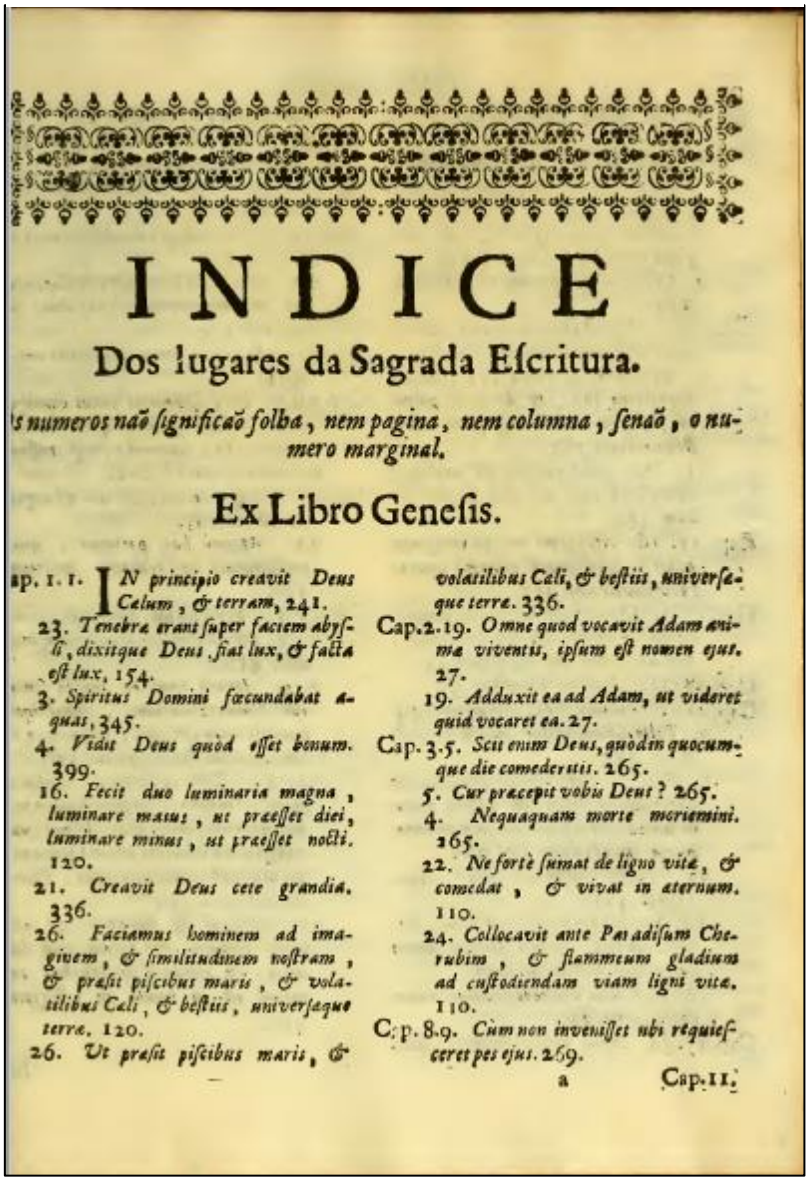
Serm. 1. pag. 87
Serm. 2 pag 96

Serm. 3

Fonte: Diogo Paiva de Andrade (1604).

Apresentadas as tábuas exordiais dos *Sermões* e percorrendo os tomos até seus epílogos, sempre se encontram dois índices respectivamente: o índice dos lugares da Escritura (figura 10) e o índice das coisas mais notáveis. Comecemos pelo primeiro:

Figura 10 – Página capitular do índice dos lugares da *Sagrada Escritura* do tomo II dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira



INDICE

Dos lugares da Sagrada Escritura.

s numeros não significaõ folha, nem pagina, nem columna, senaõ, o numero marginal.

Ex Libro Geneſis.

Cap. 1. 1. *IN principio creavit Deus Cælum, & terram*, 241.
23. *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi, dixitque Deus, fiat lux, & facta eſt lux*, 154.
3. *Spiritus Domini fœcundabat aquas*, 345.
4. *Vidit Deus quòd eſſet bonum*. 399.
16. *Fecit duo luminaria magna, luminare majus, ut præeſſet diei, luminare minus, ut præeſſet nocti*. 120.
21. *Creavit Deus cete grandia*. 336.
26. *Faciamus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram, & præſit piſcibus maris, & volatilibus Cæli, & beſtiis, univerſaque terræ*. 120.
26. *Ut præſit piſcibus maris, & volatilibus Cæli, & beſtiis, univerſaque terræ*. 336.
Cap. 2. 19. *Omne quod vocavit Adam animæ viventis, ipſum eſt nomen ejus*. 27.
19. *Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea*. 27.
Cap. 3. 5. *Scit enim Deus, quòdcumque die comederitis*. 265.
5. *Cur præcepit vobis Deus?* 265.
4. *Nequaquam morte moriemini*. 265.
22. *Ne fortè ſumat de ligno vitæ, & comedat, & vivat in æternum*. 110.
24. *Collocavit ante Paradiſum Cherubim, & flammeum gladium ad cuſtodiendam viam ligni vitæ*. 110.
Cap. 8. 9. *Cùm non inveniſſet ubi requieſceret pes ejus*. 269.

Fonte: Antônio Vieira (1682).

Também aqui a comodidade orientada pelo calendário litúrgico é que impõe sua presença: sermões eram inventados a partir de conceitos predicáveis, que consistiam justamente em *excerpta* da *Escritura*. Aqui, o elemento que hierarquiza a *dispositio* indicial não são os meses, mas os livros bíblicos, sempre nominados em latim e acompanhados pela fórmula "*Ex Libro*", "*Ex Prophetia*" etc., obedecendo a uma ordenação canônica. A partir daí,

distingue-se capítulo, versículo, excerto latino, e dependendo do tomo, as colunas, número marginal, páginas ou páginas e colunas. Nesses índices, a sacralidade do latim contamina o decoro do índice, nomeando os livros da *Escritura* e os excertos que o acompanham, sendo ainda usado no próprio título do índice, *Index locorum Sacrae Scripturae*, nos tomos XIII, XIV e XV dos *Sermões*.

Já se disse, o complexo processo de coleta e ordenação dessa espécie de índice, assim como o de coisas notáveis, torna-a bastante distinta da tábua de conteúdo, em que bastaria assinalar a página em que inicia cada sermão de acordo com a *dispositio* do tomo. Nesse sentido, não seria aconselhável sua elaboração sem um método que tornasse eficaz a coleta dos *excerpta* e sua ordenação indicial. Infelizmente, não é possível reconstituir o de Vieira, mas é possível imaginar que fosse algo similar ao *modo de hazer las tablas, o indices* prescrito por Estrada Gijón (1667, p. 34-36). A citação é longa, certamente, mas pertinente:

> Pode-se fazer [os índices] para a *Escritura*, para as matérias, ou ambos de uma só vez e depois dividi-los. Pegará, então, meia folha de papel, e irá dobrá-la longitudinalmente, na qual deve ser escrito em apenas um lado, porque não se pode cortá-la se tiver escrito no verso. Feito isso, se quiser fazer o índice para a *Escritura*, irá fazê-lo assim, tomando como exemplo as duas autoridades que pusemos no último capítulo:
>
> Matth. 2. 1. *Ecce Magi ab Oriente* etc. Cayet. Lug. 1.
> Genes. 4. 14. *Omnis igitur qui in venerit me* etc. Chrysol. Lug. 2.
>
> E, dessa forma, escreverá em colunas todos os lugares da *Escritura* que tiver apontado. Depois, cortará em cedulazinhas cada lugar sozinho e, ao cortá-las, sobre duas caixas, em dois lugares separados, ou em um bufete, em um colocará todas as que forem do *Velho Testamento* e em outros [lugares] as que forem do *Novo Testamento*. A seguir, reservará as do *Novo Testamento*, e comporá, sobre um bufete, em diferentes lugares, as cédulas do *Velho Testamento*, prestando atenção à ordem que os seus livros têm na Bíblia: o *Gênesis* em uma pilha, em outra o *Êxodo* etc. E, quando feita essa divisão, tomará um livro grande, e, em uma parte, colocará todas as cédulas do *Gênesis*: e, passando outra folha, colocará aí as do *Êxodo* e assim por diante com as restantes. Depois, retirará as cédulas do *Gênesis*, e irá compô-las, sobre a mesa, pela ordem dos capítulos e versos; e, se descobrir que uma mesma autoridade foi posta em dois ou mais lugares diferentes, para os quais tem cédulas diferentes, irá uni-las no que escreveu desta forma:
>
> Matth. 2. 1. *Ecce magi ab Oriente* etc. Cayet 1. Bern. 24.
>
> E escreverá a tábua de uma vez, deitando fora as cédulas que tiver escrito, para ir desembaraçando-se, e para que não causem confusão, e depois o *Êxodo* etc. O mesmo será feito com os lugares do *Novo Testamento*: e ficará a tábua copiosa e distinta.

> A tábua, ou índice das matérias, será trabalhada da mesma forma, escrevendo assim as cédulas:
>
> Igreja Deve se ter em sumo respeito, 1.
>
> Zelo Martirizam a alma, 7.
>
> Amor Pedir correspondência na pessoa amada, 28.
>
> E, depois, corte-as, e divida-as pelas letras, colocando em uma parte as que começam por A e em outras as que começam por B etc. [Uma vez] divididas, irá colocá-las pela sua ordem, distintas entre as folhas de um livro: daí retirará as [cédulas] de A e irá compô-las pela sua ordem, como Abstinência, Abraão etc., e, depois, irá escrevendo a tábua, e rasgando as cédulas que tiver já escrito[9].

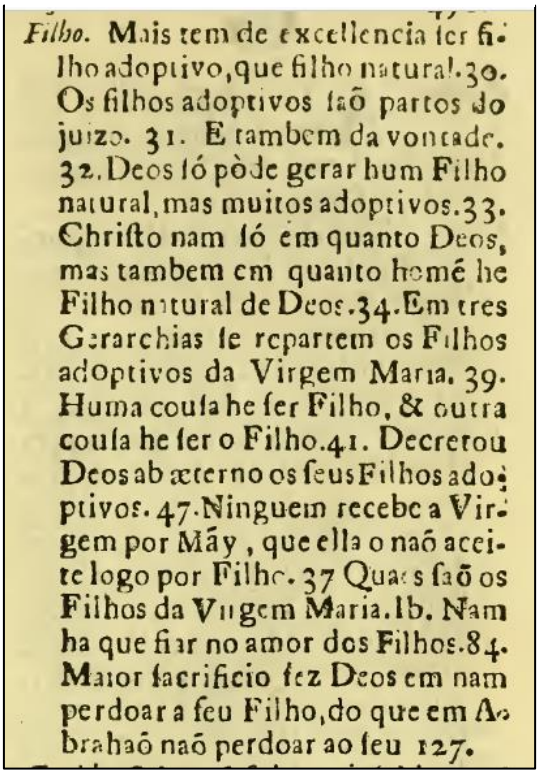
Se as instruções de Estrada, às quais os índices de Vieira adequam-se muito bem, são claras no que concerne à ordenação do índice da *Escritura* pela ordem dos livros da Bíblia e do índice das matérias (ou das coisas mais notáveis) por ordem alfabética, nada se diz a respeito da ordenação de *excerpta* oriundos do mesmo texto abarcados pelos mesmos

---

[9] "*Puede hacerse por la Escritura, o por las materias, o de una vez hazer ambos a dos juntos, y luego dividirse. Tomará, pues, medio pliego de papel, y le doblará a lo largo, en el qual solamente se ha de escribir por una parte en cada coluna, porque no puede cortarse si se escribe por las espaldas. Hecho esto si quiere hazer el indice por la Escritura hará assí, tomando por ejemplo las dos autoridades que pusimos en el capítulo pasado* […]. *Y de este modo irá escribiendo por colunas todos los lugares de la Escritura que tuviere apuntados. Luego cortará en cedulitas cada lugar de por sí, y al cortarlas sobre dos cajas, o en dos apartados lugares, sobre un bufete, en el uno echará todas las que fueren del testamento viejo, y en otras las que fueren del testamento nuevo. Luego guardará las del testamento nuevo, y irá componiendo sobre un bufete en distintos lugares las cedulas del testamento viejo, teniendo atención al orden que tiene sus libros en la Biblia: el Genesis en un montón, en otro el Éxodo, etc. Y luego que esté hecha esta división tomará un libro grande, y en una parte pondrá todas las cedulas del Genesis: y pasando otra hoja pondrá allí las del Éxodo, y consiguientemente todas las restantes. Luego sacará las cedulas del Genesis, y las irá componiendo sobre la mesa por el orden de los capítulos, y versos; y si hallare que una autoridad misma se pondera en dos, o más lugares diferentes, por lo qual tiene diferentes cedulas, las unirá en lo que escribiere de este modo.* […] *Y irá escribiendo la tabla de una vez, arrojando luego las cedulas que hubiere escrito por irse desembarazando, y que no causen confusión, y después el Éxodo, etc. Lo mismo se hará con los lugares del testamento nuevo: y quedará la tabla copiosa, y distinta. / La tabla, o indice de las materias se trabajará en la misma forma, escribiendo assí las cedulas. / Iglesia. Se ha de tener en sumo respecto, 1 / Zelos. Martirizan el alma, 7. / Amor. Pide correspondencia en el amado, 28. / Y luego las corte, y divida por las letras, poniendo en una parte las que comienzan por la A. y en otras las que comienzan por la B. etc. y divididas las pondrá por su orden, distintas entre las hojas de un libro: de allí sacará de la A. y las compondrá por su orden, como abstinencia, Abrahán, etc. y luego irá escribiendo la tabla, y rompiendo las cedulas que hubiere ya escrito*."

lugares-comuns. Nesse ponto, veem-se as maiores diferenças dispositivas entre os índices das coisas mais notáveis dos *Sermões*. Vejamos o caso do lugar-comum "Filho", no índice da terceira parte (figura 11):

Figura 11 – Lugar-comum "Filho", no índice das coisas mais notáveis do tomo III dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira



Filho. Mais tem de excellencia ſer fi-
lho adoptivo, que filho natural. 30.
Os filhos adoptivos ſaõ partos do
juizo. 31. E tambem da vontade.
32. Deos ſó póde gerar hum Filho
natural, mas muitos adoptivos. 33.
Chriſto nam ſó em quanto Deos,
mas tambem em quanto homẽ he
Filho natural de Deos. 34. Em tres
Gerarchias ſe repartem os Filhos
adoptivos da Virgem Maria. 39.
Huma couſa he ſer Filho, & outra
couſa he ſer o Filho. 41. Decretou
Deos ab æterno os ſeus Filhos ado-
ptivos. 47. Ninguem recebe a Vir-
gem por Mãy, que ella o naõ acei-
te logo por Filho. 37 Quaes ſaõ os
Filhos da Virgem Maria. 1b. Nam
ha que fiar no amor dos Filhos. 84.
Maior ſacrificio fez Deos em nam
perdoar a ſeu Filho, do que em A-
brahaõ naõ perdoar ao ſeu 127.

Fonte: Antônio Vieira (1683)

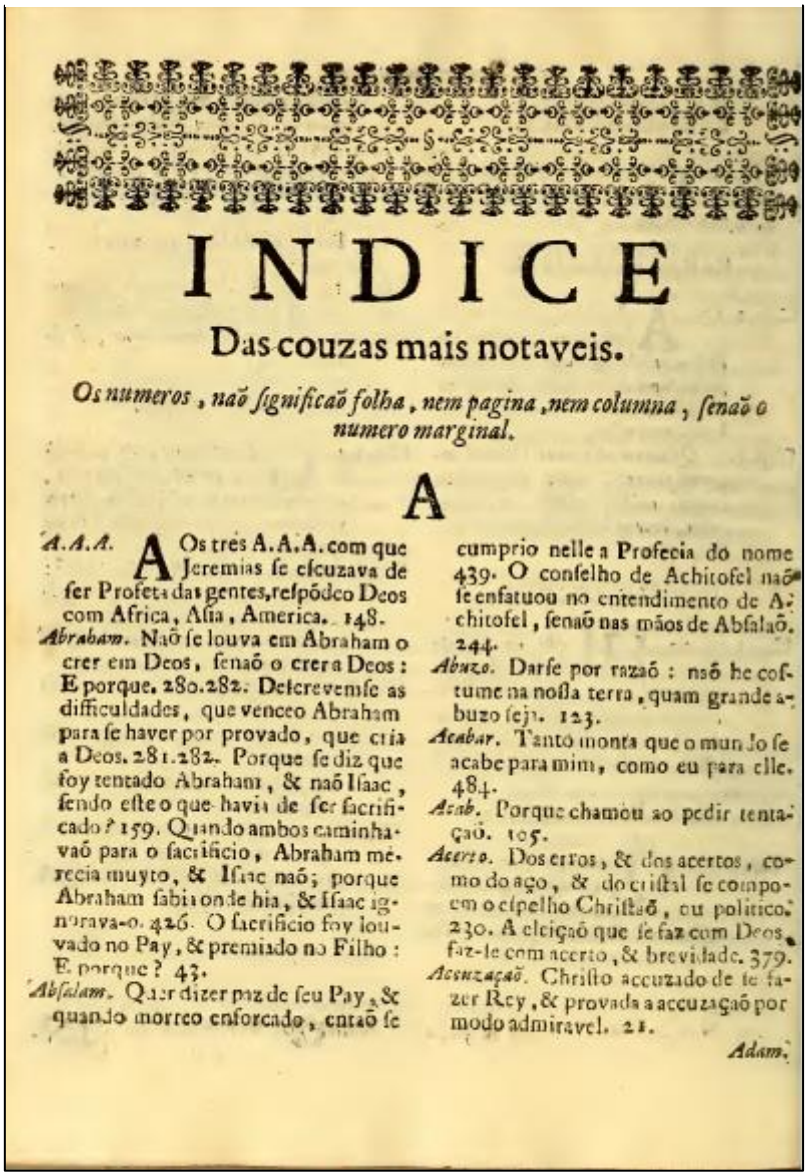
Como se vê, há onze excertos de acordo com a seguinte ordenação por página: 30; 31; 32; 33; 34; 39; 41; 47; 37; 84; 127. Note-se que sua ordem segue a *dispositio* do tomo até a página 47, quando então recua até a página 37, para depois retomar a *dispositio* do livro. Há outros exemplos. Um ainda mais contundente é o lugar-comum "Deus", na décima parte, em que, dos vinte sete excertos indexados, apenas um não acompanha a ordem do livro. Em outros casos, a ordenação dos *excerpta* parece não seguir qualquer lógica e o responsável pela indexação sequer tenta seguir a *dispositio* sermonária. É difícil identificar uma razão para essas incongruências. Uma hipótese imediata seria supor que haveria uma hierarquização interna regendo os *loci communes*. Mas supô-lo seria talvez enxergar no mais diminuto acidente tipográfico uma expressão autoral (MCKENZIE, 2018). Na prática editorial do período, eram comuns falhas na elaboração de índices, tanto na escolha dos *loci communes* e dos *excerpta* a comporem-no quanto em sua ordenação, como atrás demonstrado. É o que ocorre, por exemplo, no índice de *Pancárpia* (1694),

sermonário de Antônio López Cabral, em que a ordenação alfabética não é seguida com diligência, de modo que "Aflição" vem antes de "Afetos", "Contrição" antecede "Contenda", assim como "Dar" precede "Dádiva"[10]. No caso dos índices de Vieira, esse tipo de equívoco praticamente não ocorre, ao contrário da falta de uma *dispositio* clara dos *excerpta* relativos aos mesmos lugares-comuns. É visível que os excertos de alguns tomos foram ordenados mais cuidadosamente do que em outros. A ordenação dos excertos no índice da quarta parte, por exemplo, é acuradíssima e mesmo em *loci communes* extensos, em que essa ordem mais comumente é desconsiderada em outros tomos, como "Amor" ou "Deus", a *dispositio* dos sermões é seguida com notável diligência. Em outros tomos, como no primeiro, até *loci communes* com dois ou três excertos não acompanham a *dispositio* dos *Sermões*. Na maioria dos casos, porém, os excertos são ordenados de forma similar ao exemplo de "Filho", acima comentado: seguem a *dispositio* dos tomos, embora não estritamente, em especial no caso de lugares-comuns com muitos excertos, o que indica o zelo requerido pela tarefa. Esse pode parecer um detalhe insignificante, mas impacta diretamente na comodidade do leitor, especialmente no caso de lugares-comuns extensos, de modo que a falta de correspondência na ordenação de seus *excerpta* com a *dispositio* dos sermões pode tornar penosa a procura por um excerto específico.

Há, ainda, um último aspecto material desses índices epilogais que convém assinalar. Para guiar o leitor, abaixo do título da maioria dos índices dos lugares da Sagrada Escritura e das coisas mais notáveis dos *Sermões*, encontram-se brevíssimas instruções nas quais se esclarece a que se refere os números que acompanham os excertos (figura 12). Já foi dito que sua presença sugeriria a novidade do índice na cultura impressa, ferramenta de leitura com a qual os leitores estariam pouco familiarizados (GUTIÉRREZ MUELLER, 2015). Penso, entretanto, que é outra a razão para a existência dessas instruções. Como tenho argumentado, índices eram compostos conforme o gênero da obra indexada. Isso uma vez determinado, escolhiam-se os elementos remissivos que favoreceriam a comodidade do leitor em sua consulta. No caso dos numerais, eles referiam-se, normalmente, à página, fólio, coluna ou número marginal (parágrafo).

[10] Há, porém, casos em que a ordem alfabética parece ser intencionalmente sacrificada, como no índice de *Troféu evangélico* (1685), de Diogo da Anunciação, em que seu primeiro lugar-comum, Adão, vem imediatamente antes de Abraão, retomando, ainda que parcialmente, uma prática indicial anterior, em que a ordem indicial, não sendo alfabética, respeitava a hierarquia e cronologia da História Sacra (ROUSE; ROUSE, 1989).

Figura 12 – Página capitular do índice das coisas mais notáveis do tomo II dos *Sermões*, do Padre Antônio Vieira



INDICE

Das couzas mais notaveis.

Os numeros, naõ ſignificaõ folha, nem pagina, nem columna, ſenaõ o numero marginal.

A

A.A.A. AOs três A.A.A. com que Jeremias ſe eſcuzava de ſer Profeta das gentes, reſpódeo Deos com Africa, Aſia, America. 148.

Abraham. Naõ ſe louva em Abraham o crer em Deos, ſenaõ o crera Deos: E porque. 280.282. Deſcrevemſe as difficuldades, que venceo Abraham para ſe haver por provado, que cria a Deos. 281.282. Porque ſe diz que foy tentado Abraham, & naõ Iſaac, ſendo eſte o que havia de ſer ſacrificado? 159. Quando ambos caminhavaõ para o ſacrificio, Abraham méreceia muyto, & Iſaac naõ; porque Abraham ſabia onde hia, & Iſaac ignorava-o. 426. O ſacrificio foy louvado no Pay, & premiado no Filho: E porque? 43.

Abſalam. Quer dizer paz de ſeu Pay, & quando morreo enforcado, entaõ ſe cumprio nelle a Profecia do nome 439. O conſelho de Achitofel naõ ſe enfatuou no entendimento de Achitofel, ſenaõ nas mãos de Abſalaõ. 244.

Abuzo. Darſe por razaõ: naõ he coſtume na noſſa terra, quam grande abuzo ſeja. 123.

Acabar. Tanto monta que o mundo ſe acabe para mim, como eu para elle. 484.

Acab. Porque chamou ao pedir tentaçaõ. 105.

Acerto. Dos erros, & dos acertos, como do aço, & do criſtal ſe compoem o eſpelho Chriſtaõ, ou politico. 230. A eleiçaõ que ſe faz com Deos, faz-ſe com acerto, & brevidade. 379.

Accuzaçaõ. Chriſto accuzado de ſe fazer Rey, & provada a accuzaçaõ por modo admiravel. 21.

Adam.

Fonte: Antônio Vieira (1682).

Como, muitas vezes, simultaneamente o número da página, da coluna e do parágrafo compunham a *mise en page* dos livros, o leitor ficaria naturalmente confuso em relação a qual desses elementos o índice refere-se. Foram desenvolvidos, então, alguns modos para contornar esse empecilho. No caso de alguns tomos dos *Sermões*, como o XI, optou-se por um simples "n." junto ao número marginal e um "p." junto à página. No tomo X, a indicação "col." (coluna) é feita no primeiro excerto do índice e depois não é mais retomada. Mas, visando a comodidade do leitor, alguns impressores preferiram fornecer apenas o número ao lado do excerto e instruir, na página capitular do índice, o que aquele número "significa" ou "aponta".

Um exemplo. Em uma consulta hipotética ao índice das coisas mais notáveis do segundo tomo dos *Sermões*, o consulente que buscasse o lugar-comum "Exéquias", acharia apenas um excerto: "as exéquias dos mortos são ordinariamente obséquios aos vivos". Ao lado direito dele, encontraria dois números, 456 e 457. Na *mise en page* desse tomo, impresso em duas colunas, os números podem se referir tanto à página quanto ao parágrafo. Como saber a qual elemento o índice remete? Justamente pela instrução, espécie de didascália em que se lê: "Os números, não significam folha, nem página, nem coluna, senão o número marginal" (VIEIRA, 1682, n. p.). Consultando o número marginal 456, correspondente à página 418, o consulente encontrará o trecho distendido do que ficou sintetizado no excerto indexado. Em observância à comodidade do leitor, a escolha pelo número marginal, isto é, parágrafo, como elemento remissivo permite uma consulta mais fácil e rápida, pois reduz, em relação à página, o escopo do texto em que o excerto será buscado. Parece-me verossímil, portanto, que a presença dessas instruções seja antes uma tentativa de acomodar as múltiplas e comumente simultâneas possibilidades de remissão numérica nos livros do Antigo Regime Tipográfico sem prejudicar a eficácia dos índices do que um modo de familiarizar o leitor a um instrumento de leitura que supostamente lhe seria estranho.

Avancemos, agora, para além dos aspectos bibliográficos dos índices dos *Sermões*. Devido à quantidade e variedade dos 1.178 *loci communes* que os compõem, eles parecem, a princípio, refratários a qualquer espécie de leitura que não esteja assentada em sua própria alfabetação. Esse caráter algo incontornável não é exclusividade sua, porém. A questão é antiga. Ao tratar dos lugares-comuns, Quintiliano (*Inst. ora*., V, X, 18), por exemplo, já alertava para sua virtual infinitude, limitando-se a descrever alguns mais gerais, como nome, condição, ocupação e ofício. Por outro lado, "o lugar como rubrica, um índice classificatório de assuntos" (HANSEN, 2019, p. 185), obedecia, antes mesmo do século XVII, a sequências aproximadamente estereotipadas (YEO, 2014), de modo que os pregadores consulentes dos índices dos *Sermões* estavam familiarizados com elas. O que não significa que não havia diferenças, muitas vezes significativas, entre índices de sermonários distintos. Essa diversidade poderia se dar em termos de extensão – ou de copiosidade, para empregar um termo característico –, como indica a oposição entre as treze páginas do índice dos *Sermões genuínos, e práticas espirituais* (1690), do Frei Antônio das Chagas, e as duzentas e setenta das supracitadas *Centúrias predicáveis*, de Jorge da Natividade. É natural que essas diferenças resultem não apenas da diligência de seu autor, mas também da próprio copiosidade dos sermões impressos em cada livro

individualmente, de modo que um número elevado de discursos, como em Vieira, ainda mais se tomado no conjunto dos tomos, redunda em uma profusão de tópicas que evidenciam a extensão temporal e variedade das ocasiões em que se pregou, prevendo-se, então, tópicas que se adequam ao ano litúrgico, evangelho do dia e circunstância da pregação (PÉCORA, 2005), que podem se dar em espaços tão distintos quanto Roma e a América portuguesa. Ainda assim, o cotejo dos índices de Vieira com os de alguns sermonários seus contemporâneos permite avistar um conjunto razoavelmente comum de tópicas próprias da oratória sacra, mesmo que cada índice possua suas singularidades e muitos lugares que se encontram em um não se encontram em outros. De todo modo, sobressai-se, pela constância, um primeiro grupo, que encerra conceitos teológicos, sobretudo circunscritos à moral cristã, como as virtudes teologais Caridade (CHAGAS, 1690; LISBOA, 1638; MENDONÇA, 1649), Esperança (ALMEIDA, 1695; ANUNCIAÇÃO, 1695; BLUTEAU, 1685; CABRAL, 1694; LISBOA, 1638; MENDONÇA, 1649) e Fé (ALMEIDA, 1695; BLUTEAU, 1695; CABRAL, 1690; LISBOA, 1638; MENDONÇA, 1649), e também vícios, cambiantes conforme o sermonário, mas quase sempre coincidentes no lugar-comum Pecado/Pecador (ALMEIDA, 1695; ANUNCIAÇÃO, 1695; BLUTEAU, 1685; CABRAL, 1690; CHAGAS, 1690; LISBOA, 1648; MENDONÇA, 1649). Há, ainda, um segundo conjunto regular, complementar ao primeiro, que concentra uma pletora de figuras bíblicas, *exempla* viciosos, como o primeiro deles, Adão (ANUNCIAÇÃO, 1695; BLUTEAU, 1685; CABRAL, 1690), e *exempla* virtuosos, como o principal deles, Cristo (ALMEIDA, 1695; ANUNCIAÇÃO, 1695; BLUTEAU, 1685; CABRAL, 1690; LISBOA, 1638; MENDONÇA, 1649). Dada essa constância indicial, consequência do próprio modo como se concebe o discurso na instituição retórica, torna-se verossímil que um pregador, ao reunir *res et uerba* para a *inuentio* e *elocutio* de um sermão qualquer, consultasse o mesmo *locus* em índices de sermonários diversos, acomodando aquilo que lhe fosse útil em uma causa ou ocasião particular.

Se os lugares-comuns dos índices de Vieira possuem semelhanças com os de sermonários, é interessante notar como essa congruência muda ao compará-los com os de um índice de uma obra do gênero histórico, cujos livros também costumam ser acompanhados por índices copiosos. O índice da *Nova Lusitânia* (1675), de Francisco Brito Freire, por exemplo, é caracterizado pela ausência de conceitos teológicos ou de *exempla* da *Escritura*, atendo-se à profusão de varões ilustres que participam da história narrada, além de indicações de notícias e *descriptiones* da natureza local (Bahia, Ilha de

Cabo Verde, Vila de Olinda, Pará, Paraíba etc.). À diferença entre os *loci* corresponde a diferença dos excertos elencados em *loci* coincidentes. Por exemplo, no índice do tomo quarto dos *Sermões*, o lugar-comum "Maranhão" abarca o excerto "Por que causa o Maranhão influi tanta mentira" (VIEIRA, 1684, p. 587), indicando, no sermão, uma passagem de natureza hermenêutica, típica da oratória sacra, enquanto, na *Nova Lusitânia*, o mesmo lugar-comum aponta para "Sua descrição, e seus primeiros Povoadores", indicação própria do gênero histórico, de modo que os índices funcionam, além de repositório de *copia* para a *inuentio*, como técnica de armazenamento e organização de "informação factual" (NAKLÁDALOVÁ, 2020) – desde que se entenda que aqui não se trata de descrição "realista", mas retoricamente codificada[11].

Esse, aliás, quase nunca é o caso nos índices de Vieira. Há, é certo, excertos que poderiam ser entendidos, nos termos enunciados, como "factuais", como "Consta seu império de quinze províncias como grande Reinos e de 118 milhões de vassalos" (VIEIRA, 1694, p. 519), alocado no lugar-comum "China", no oitavo tomo dos *Sermões*. Mais frequentemente, porém, os *loci* guardam excertos que dizem respeito à "semântica de realidades" da *allegoria in factis*, que interpreta coisas e fenômenos e atualiza casos da história humana e sagrada, evidenciando a agudeza, simultaneamente processo poético e visão da história (HANSEN, 1997), mobilizada nos sermões. Isso fica claro quando se verifica, em índices de sermonários outros a ocorrência de remissões que explicitamente propõem uma interpretação simbólica[12] de certos *loci* da natureza. É o caso, por exemplo, do índice do *Santoral* (1638), de Cristóvão de Lisboa. "Abutre", por exemplo, é "símbolo do cobiçoso" (LISBOA, 1638, p. 249); "Águia" é "símbolo do superior ruim, e tirano" (LISBOA, 1638, p. 249); "Palma" é "símbolo da vitória" (LISBOA, 1638, p. 266). Assim também nos índices de Vieira (1683, p. 569), em que "Palma" é "símbolo da paciência" e "Oliveira" é "símbolo da misericórdia". O mesmo tipo de procedimento aparece em lugares associados àqueles elencados por Quintiliano (*Inst. ora.*, V, X, 18), como coisas ("Por que é âncora a esperança?" (Âncora) (VIEIRA, 1683, p. 557), nação ("O alemão e o etíope, todos na sepultura são da mesma cor" (Alemão; Etíope) (VIEIRA, 1679, n. p.) ou tempo ("O passado é espelho do futuro, e o futuro do passado" (Futuro; Passado) (VIEIRA, 1679, n. p.). Quer dizer, todas as relações alegóricas, inclusive as mais

[11] Referindo-se à sátira, diz Hansen (2004, p. 294): "Se há realismo nela, é antes o de um sentido referencial do caso retórico, referido em uma situação determinada como convenção de *topoi* partilhada pela recepção, que propriamente uma cópia verista do referente."

[12] Conforme lembra Hansen (2006), a oposição "símbolo/alegoria" não se faz historicamente pertinente nesse caso, pois datada do idealismo alemão. Assim, entendo os termos como sinônimos.

distantes, são possíveis, porque tudo que há é analogia do Ser. Cabe, então, ao pregador, encontrar e agudamente encenar, *theatrum sacrum*, tais correspondências, evidenciando seu juízo iluminado pela Graça. De todo modo, as diferenças assinaladas entre índices de coisas mais notáveis evidenciam sua contaminação pelo gênero da obra a que se associa, de maneira que eles podem ser compreendidos, em seu conjunto, como marcadores de lugares-comuns de um determinado gênero e da maneira como lugares-comuns afins são retoricamente tratados em obras de gêneros distintos[13]: se, na Pernambuco da *Nova Lusitânia*, Mateus de Albuquerque é louvado, na China dos *Sermões*, São Francisco Xavier o é – e os índices de um e de outro reproduzem essa diversidade.

Prossigamos. Tomados em seu conjunto, os *loci* dos índices de Vieira são preenchidos por 8.364 *excerpta* dos *Sermões*. Para Eulógio, na *Aurifodina*, os *excerpta* poderiam ser resumidos a três classes a serem reunidas, por comodidade, em livros *in quarto* seguindo a ordem das próprias leituras. A primeira, *lemmata*, caracteriza-se por excertos que não são história, referindo-se a virtudes, vícios e tudo o mais que se refere ao *sermo familiaris*, como, por exemplo, céu, estrelas, meteoros, felicidade, seres animados, pássaros, quadrúpedes, peixes, árvores, montanhas, metais, relógios, sinos, música, coroas etc. Tais excertos, prescreve Eulógio, devem ser acompanhados de localizadores, como autor, livro, capítulo, parágrafo e página. Logo após, deve-se ainda adicionar, se for o caso, pequenas notas como *hic breviter* (“aqui brevemente”), *iste fuse* (“isso extensivamente”), *ille optime* (“aquilo de melhor modo”), *hic eleganter* (aqui elegantemente), *ille copiose* (“aquilo de modo copioso”). A segunda classe, *adversaria*, é similar à anterior, mas diferencia-se por serem mais extensas, sendo úteis em ocasiões em que se depara com passagens longas particularmente notáveis ou livros especialmente raros. Para melhor compreensão do tópico anotado, eventualmente obscuros ou não imediatamente inteligíveis, as *adversaria* exigem um breve comentário ou explicação, de quatro ou cinco linhas. Usualmente, referem-se a costumes dos antigos, epitáfios, *descriptiones* célebres, *sententiae*. A última classe, *historica*, distingue-se das anteriores por ater-se exclusivamente a excertos exemplares, sejam eles profanos, sagrados, antigos, modernos, da história grega, latina ou de outros povos. A depender da matéria, seus excertos podem ser breves, como as *lemmata*, ou extensos, como as *adversaria*. Segundo Eulógio, para facilitar a consulta aos excertos – anotados, como se disse, de acordo com

[13] O cotejo atento de índices de coisas mais notáveis de livros impressos do mesmo gênero, especialmente em prosa, pode revelar-se muito útil para estudos que busquem identificar e descrever um conjunto de tópicas de um mesmo gênero.

a ordem das leituras –, deve-se reservar um livro *in octavo* para incluir três índices, um correspondente a cada classe, facultando-se o uso de um livro exclusivo para cada índice.

Dito isso, há uma diferença fundamental entre os cartapácios propostos na *Aurifodina* e os índices de Vieira: na preceptiva, propõe-se categorias de excertos próprios para a fatura de um cartapácio *manuscrito*. Assim, supõe-se um exercício, virtualmente inacabável, de coleta de excertos derivados de leituras sucessivas e diversas[14], tornando inconveniente a ausência de uma ordem externa que facilitasse sua localização posterior. Daí a importância dos índices, que, feitos à parte, funcionariam como ágeis indicadores desses excertos, sem necessariamente duplicá-los. Como os excertos são retirados de um conjunto amplo de autores, torna-se também fundamental a indicação, no cartapácio, de dados como livro e autor e eventualmente conveniente a coleta de excertos extensos. No caso de Vieira, embora não tenham sobrevivido os manuscritos utilizados para a elaboração dos índices dos *Sermões*, é verossímil que eles tenham sido concebidos a partir de uma reunião prévia de excertos, sejam eles simplesmente referenciais, transcrições literais ou reelaborações aforísticas, que não obedeciam a ordem alguma a não ser a da própria sequência da leitura dos sermões. Entretanto, uma vez que eles remetem ao próprio livro que acompanham, o que é característico de muitos índices impressos, há aí uma significativa simplificação dessas classes. Além da evidente ausência de indicação de autor e livro, é particularmente distinta a brevidade com que Vieira propõe a elaboração de seus excertos[15]. Tal brevidade é possível porque, ao contrário dos excertos a comporem as *adversaria* descritas por Eulógio, recomendadas para livros raros, o consulente possui o tomo consultado em mãos. Daí a ocorrência proporcionalmente baixa de excertos longos e a profusão de breves, inclusive de natureza didascálica[16], caracterizados pela remissão obrigatória ao sermão a que se refere: "Como tinha São Pedro zelo e providência universal" (Zelo) (VIEIRA, 1685, p. 600) ou "Que coisa é a que se chama luxo" (Luxo) (VIEIRA, 1690, p. 584). Pelo mesmo motivo, os índices reúnem

[14] Ou, como diz Iveta Nakládalová (2020, p. 171): "[...] *las annotaciones personales constituyen, por así dicirlo, un* project in progress, *una tarea incesante que debe perpertuarse durante toda la vida*."

[15] Refiro-me à declaração de Vieira (1928, p. 651, grifo meu) a seu respeito: "nele [índice] com maior clareza e *brevidade* não só se resume a substância de tudo, mas se dá a luz e abre caminho a outros pensamentos e discursos".

[16] "A frase de abonação didascálica refere um ponto a ser desenvolvido no interior dos sermões, sem que ela própria se constitua numa frase sintaticamente completa; trata-se em geral de um sintagma ou parte de frase a indicar a localização de um tema ou argumento nos sermões [...]. Ademais, na abonação didascálica, a frase usualmente emprega termos bem característicos do tipo de indicação paratextual que faz do sermão referido, como 'qual', 'quanto', 'como', 'o que' etc." (PÉCORA, 2010, p. 27).

concisamente excertos "narrativos"[17], semelhantes aos pertencentes às *historica* prescritas por Eulógio, como os relativos a São Francisco Xavier: "São Francisco Xavier intercede por um seu devoto, para que se lhe não dê o despacho que pretendia" (VIEIRA, 1679, n. p.) ou "Livra uma mulher vexada havia 23 anos de cinco demônios" (VIEIRA, 1694, p. 535-536). Em casos como esse, basta uma indicação breve no índice para que se aceda à narração do caso plenamente desenvolvida no corpo do sermão, compactando o índice e dinamizando a consulta das passagens buscadas.

Para reter ainda as categorias prescritas na *Aurifodina*, cabe aqui mencionar excertos atinentes às *adversaria*, como costumes dos antigos e *descriptiones*. Nos índices de Vieira, encontram-se, por exemplo, excertos como "Que divindades acomodavam os antigos em diferentes ilhas do mundo" (Antiguidade) (VIEIRA, 1685, p. 573) ou "Como pintavam os antigos ao amor e ao ódio" (VIEIRA, 1685, p. 573). Relativamente a descrições, tem-se "Ásia brevemente descrita" (Ásia) (VIEIRA, 1694, p. 518), "Descrição da habilidade dos bem-aventurados" (Bem-aventurados) (VIEIRA, 1685, p. 573), "Descrição da Cidade da Glória" (Cidade) (VIEIRA, 1685, p. 576), "Descrição do Inferno, ordenando da parte de Deus, desordenado da parte dos condenados" (Desordem) (VIEIRA, 1710, p. 330), "Descrição do sepulcro de Santo Antônio em Pádua" (Santo Antônio) (VIEIRA, 1682, n. p.), "Como se descreve o tempo" (Tempo) (VIEIRA, 1689, p. 622). Excertos como esse indicam que os índices de Vieira não apenas armazenam conceitos autônomos para invenção sermonária, mas também apontam para figuras de elocução exemplarmente empregadas nos sermões, como a *descriptio*. Quanto às indicações latinas indicadas na *Aurifodina* relativamente aos *lemmata* (*hic breviter*, *iste fuse ille optime*, *hic eleganter*, *ille copiose*), não há nada próximo nos índices de Vieira, justamente porque tais indicações necessitam de um conjunto de *excerpta*, retirados de autores diversos, comparáveis entre si. Como afirma Eulógio, tais sinais são úteis em situações em que há pouco tempo disponível, restringindo a consulta aos autores mais pertinentes a um assunto particular. Nos índices de Antônio Vieira, o mais próximo disso é o uso de termos como "vide" ou "veja-se" em excertos "remissivos"[18] cuja função é sugerir relações semânticas entre lugares-comuns e excertos dentro dos próprios índices,

[17] "A abonação narrativa, ou tópico-narrativa [...] indica, por meio de uma frase completa, um ponto preciso de uma narração feita no interior do sermão." (PÉCORA, 2010, p. 26).

[18] "As abonações que chamo de 'remissivas' referem não apenas os sermões, como ocorre com todas as outras abonações, mas também as outras entradas e as suas respectivas abonações, estabelecendo redes de articulações possíveis entre elas." (PÉCORA, 2010, p. 28).

como em “Vide Sacramento. Banquete” (Mesa) (VIEIRA, 1683, p. 567) e “Veja-se a palavra Sonhos” (Cuidados) (VIEIRA, 1694, p. 520).

Mas talvez os mais interessantes excertos dos índices de Vieira sejam os “aforísticos”[19]. Inicialmente, para sua maior inteligência, vejamos o que diz a epístola *para la gente ocupada* dos *Discursos de la jurídica e verdadera Razón de Estado* (1629, n. p., grifo meu), de Pedro Barbosa Homem. Nessa epístola, seu autor declara que o índice acrescido no fim do seu livro tem duas utilidades *para la gente ocupada*: a notícia das matérias tratadas na obra sem que o leitor falte com suas obrigações; muitas e úteis lições reelaboradas em forma de *sententiae* sobre o assunto grave tratado em seus discursos. E conclui afirmando que o índice foi organizado de tal modo que poderia ser considerado um livro por si, inclusive com um título à parte: “*Aforismos de Estado*”, algo que, similarmente, já foi sugerido pela crítica a propósito dos índices de Vieira, sobretudo em virtude de seus excertos sentenciosos (PÉCORA, 2010):

> Para o leitor ocupado (que, todavia, ainda não se encontra inteiramente em inimizade com a curiosidade), adverte-se que, a quem faltar tempo para ler o livro todo, pode compensar razoavelmente passando os seus olhos pelo índice, que está no fim da obra: na medida em que o que está contido no livro no estilo mais copioso não se encontra apenas no índice recopilado, mas na sua maioria reduzido a sentenças, que, no entanto, têm sentido perfeito. Com que o leitor esteja certo de que alcançará duas utilidades, ambas não indignas de estima: uma é o conhecimento das matérias aqui tratados, sem faltar nas suas ocupações: a outra é o fruto que pode ser prometido pela leitura de tantas e tantas úteis sentenças (como aqui estão) sobre assunto tão grave. *Pois de fato o índice na forma em que está é como um livro em si mesmo, ao qual quase se poderia dar o título de Aforismos de Estado,* como alguns já o deram a volumes completos. Nessa matéria faça o leitor a prova dele, e espero que descubra que eu lhe digo a verdade[20].

[19] “São características da abonação aforística os atributos de *queda*, *cadência* e *caso* propostos por Vieira para a perfeita ‘Arte sem Arte’ da oratória sagrada, tal como a concebe no *Sermão da Sexagésima*. Os enunciados deste tipo ainda articulam o efeito deleitoso a uma orientação *proveitosa*, nos termos da moralística e do aconselhamento político seiscentista.” (PÉCORA, 2010, p. 22, grifos do autor).

[20] “*Al Lector ocupado (que todavía aún no se aya del todo enemistado con la curiosidad) se advierte, que a quien faltare el tiempo para leer el libro todo, lo puede razonablemente suplir con pasar los ojos por el índex, que va al cabo de la obra: por cuanto lo que en el libro se contiene más copioso estilo; no solo se halla em el índex recopilado; más por la mayor parte reducido a sentencias, que todavía hacen sentido perfeto. Con que el tal lector estea cierto, que alcanzará dos utilidades, entrambas no indignas de estimarse: una la noticia de las materias aquí tratadas, sin faltar a sus ocupaciones: otra el fruto que se puede prometer de la lición de tantas, y tan útiles sentencias (como aquí van) sobre asunto tan grave. Pues em efeto el índex en la forma en que está, es como un libro de por sí, á que casi se pudiera dar el título de Aforismos de Estado, como algunos lo dieron ya a volúmenes cabales, em esta materia haga el lector la prueba dello, y espero que halle, que le digo la verdad*.”

O gênero "Aforismos de Estado" adotado por Barbosa Homem, e que descreve com eficácia muitos excertos de Vieira, resulta da expansão semântica, ocorrida entre o último quartel do século XVI e início do XVII, do gênero "aforismo", de origem hipocrática, para além do domínio médico. Fundamental para esse processo foi a redescoberta do historiador romano Tácito desde a cuidadosa edição de suas obras por Justo Lípsio, iniciada em 1574. Desde então, estabeleceu-se, entre comentadores e traduções, o valor do estilo breve atribuído a Tácito para as definições de prudência política. Na Espanha, por exemplo, Baltasar Alamos de Barrientos publicou *Tácito Ilustrado en Español* (1614), uma tradução quase completa de sua obra, seguida de 500 aforismos supostamente retirados do texto de Tácito. Embora o título não seja exatamente correto, pois reflete antes conclusões de Barrientos a respeito do texto de Tácito, com uma formulação tendente ao maquiavelismo (DAVIS, 1992), menções aos "aforismos de Tácito" são frequentes no século XVII, como em Baltasar Gracián (1653, p. 107, tradução minha), que relembra a função exemplar dos aforismos em *El Criticón*: "conseguiram muitas maneiras de instruções de grandes homens a seus filhos, vários aforismos políticos tirados de Tácito [...]"[21]. Em seu *Discurso para inteligencia de los Aforismos, uso y provecho de los*, que antecede o *Tácito Ilustrado*, Alamos de Barrientos (1614, p. 12, tradução minha), recuperando lugares-comuns do corpo político e da história como *magistra vitae*, toma Tácito como "Hipócrates da política" e propõe uma associação entre medicina e política. Na sua proposição, a aplicação adequada de aforismos tacitistas pelo príncipe, médico da monarquia, seria decisiva como remédio eficaz para conservação e cura do corpo político, analogamente ao efeito do emprego dos procedimentos medicinais propostos pelos aforismos hipocráticos ao corpo humano:

> Quis usar deste nome de Aforismos; ainda que pudesse de regras, sentenças ou conclusões. Por seguir o exemplo dos gregos, médico e astrólogo, Hipócrates e Ptolomeu, príncipes de suas ciências, que por compêndio e epílogo delas, e para ensiná-las como tais aos descendentes, nos deixaram escritas outras tais regras com nome de Aforismos. E porque como o primeiro serve para saúde dos corpos humanos, para sua conservação e remédio; e porque os segundos se prognosticam os sucessos naturais, e as inclinações do aperto apetite do homem; assim por meios e de Tácito mais verdadeiramente, se curam as enfermidades do governo e estado, e de seus membros todos, desde o escravo até o monarca se conserva sua saúde, e se remedia depois de perdida[22].

[21] "*Lograron muchas maneras de instrucciones de hombres grandes a sus hijos, varios aforismos políticos sacados del Tácito* […]"

[22] "*Quise usar deste nombre de Aforismos; aunque pudiera del de reglas, sentencias, o conclusiones: por seguir el ejemplo de los Griegos, Medico y Astrologo, Hipócrates, y Ptolomeo, Principe de sus ciencias, que por compendio y epilogo de las, y para enseñarlas como tales a los descendientes, nos dejaron escritas otras tales reglas con nombre de Aforismos. Y porque como los primeros sirve para la salud de los cuerpos*

Nos índices do Padre Vieira, a noção de "aforismo de Estado" como conselho para conservação e remédio da monarquia aplica-se a excertos como "Deve-se tomar tempo para o exame da consciência", localizado no lugar-comum "Exame" do primeiro tomo dos *Sermões* (VIEIRA, 1679, n. p.). Na passagem do "Sermão da Terceira Dominga da Quaresma" a que se refere, lê-se:

> Eu tomarei tempo, diz Deus, para julgar as justiças. Se Deus para examinar, e julgar as consciências dos que governam, diz que há de tomar tempo; como poderão os mesmos que governam julgar as suas consciências, e examinar os seus exames, se não tomarem tempo para isso (VIEIRA, 1679, p. 553-554).

Ao conferir autonomia semântica ao excerto, Vieira reelabora a lição em uma *sententia* lapidar, observando o preceito aristotélico segundo o qual as gnomas caracterizam-se pelas afirmações universais que funcionam como premissas ou conclusões de entimemas (*Rhet*., 1394a). No exemplo, a premissa que sustenta a conclusão do entimema – isto é, a palavra divina inscrita na *Escritura* que afirma a necessidade de o rei tomar tempo para examinar a consciência – é eliminada, porque naturalizada como opinião socialmente partilhada pelo destinatário do sermão. Se ela fosse incluída, poderia ser formulado um entimema como "Deve-se tomar tempo para o exame da consciência, *porque Deus assim o faz*", enfraquecendo seu efeito simultaneamente deleitoso e persuasivo, que aponta para Deus como medida da prudência para a cabeça do corpo místico do Estado. Encenando o discurso na Capela Real, Vieira, ele próprio *ethos* da voz prudente iluminada pela Graça, aconselha tomar a ponderação cautelosa que define a prudência, decisiva para os governantes, o que determina a formulação verbal do excerto no modo imperativo ("Deve-se") como índice do caráter simultaneamente prudencial e exortativo do excerto: tomar conselhos prudentes, já se viu, é docilidade – e, por isso mesmo, prudência. Nesse sentido, os excertos aforísticos dos índices podem ser entendidos como instrumentos para a ação dos soberanos, cuja posição torna a prudência ainda mais decisiva e o tempo ainda mais escasso. Desse modo, e pensando na *dispositio* dos tomos dos *Sermões*, se "[...] muitos dos sermões foram especialmente escolhidos e endereçados a D. Pedro, por escrito, ainda que se trate da

---

humanos, para su conservación y remedio; y por los segundos se pronostican los sucesos naturales, y las inclinaciones del apetito del hombre; assí por estos míos, y de Tácito más verdaderamente, se curan las enfermedades del gobierno y estado, y de sus miembros todos, desde el esclavo hasta el Monarca se conserva su salud, y se remedia después de perdida."

transcrição de pregações primitivamente destinadas a D. João IV" (MENDES, 2003, p. 341), pode-se dizer que muitos dos *excerpta* incluídos nos índices dos tomos em que estão tais sermões também foram escolhidos e endereçados a D. Pedro. Vê-se aí, finalmente, "a acomodação dos textos às circunstâncias reais enunciativas, à sua [de Vieira] vontade de [...] intervir no real e no momento" (MENDES, 2003, p. 341). Como propõe, homologamente, Anselmo Caetano (1746, n. p., grifos do autor), em seu *Vieira abreviado*, já referida compilação setecentista de sermões de Vieira:

> Esta obra bem considerada pela circunstância da *abreviação*, e com ordem alfabética, tão pequena, e distinta, como intentou para maior distinção dividir as matérias dos seus sermões o mesmo Padre Vieira, e reduzi-las, conforme ele diz no seu Prólogo, a tomos particulares, não é tanto para os pequenos, como para os Príncipes, Ministros, e homens grandes; porque as suas grandes ocupações, e maiores desvelos sobre o governo das Monarquias não lhes permitem descanso para ler com atenção em quatorze, ou quinze volumes as máximas cristãs, e políticas, que o *grande Vieira* lhes ensina para acertarem no seu governo.

Para pregadores que se apropriam dos índices, por sua vez, os excertos operam como aparato à invenção de sermões sacros propostos como remédio eficaz na ordenação da vontade dos seus destinatários, sejam eles discretos, sejam eles vulgares. Remédio eficaz, tal como

> [...] as coletâneas de sentenças[,] [que] parecem corresponder com precisão ao conselho senequiano de percorrer os altos cumes, lugares em que se encontram os mais agudos e eficazes pensamentos, os que corrigem as paixões, mostras do melhor conhecimento aprendido nos caminhos da vida (MUHANA, 2006, p. 375).

Assim, por sua natureza sintética e moralizante, de matriz senequista[23], as *sententiae* dos índices exprimem, em adaptação cristã da doutrina estoica[24], verdades morais, que,

[23] Desde a segunda epístola de *Cartas a Lucílio*, Sêneca aconselha seu interlocutor a selecionar para reflexão diária uma passagem de algum autor de confiança. Embora Sêneca não utilize o termo, indica-lhe, como o fará até a vigésima nona epístola, uma *sententia* para tal exercício, tecendo um breve comentário sobre ela. Para ele, os preceitos para o bem viver impõem-se com mais eficácia quando expostos em uma formulação sentenciosa (*Ep.*, XV, 94, 5). De fato, mesmo Quintiliano (*Inst. orat.*, X, 1, 129), que acusa a pouca dedicação de Sêneca à filosofia, aponta sua excelência na exprobação dos vícios: "Nele se encontram ditos famosos e muitas coisas para serem lidas em busca de aperfeiçoamento". No século XVII, suas sentenças morais gozam de grande popularidade e compõem os valores do tipo do "discreto". Como diz Hansen (1991, p. 35): "no caso do *discreto*, valor nuclear é a prudência, como já se viu. Outros são o auto-controle das paixões, que reatualiza a *Ética a Nicômaco*, o estoicismo das sentenças morais de Sêneca e o tacitismo político [...]."

[24] No século XVII português, uso exemplar dessa atualização de preceitos estoicos encontra-se, por exemplo, em *Infortúnios trágicos da constante Florinda* (1625), de Gaspar Pires de Rebelo. Como ensina Adma Muhana (2006, p. 367), "[n]os *Infortúnios trágicos* a sabedoria dos antigos inscreve-se em ruínas a céu aberto e tudo é enigma nesse labirinto descoberto que percorrem. São sentenças lapidares, de validade

devidamente mobilizadas pelo pregador que delas se apropria, exortam seu público a um exercício de "voluntarização do cotidiano"[25], promovendo, por toda a hierarquia do corpo místico do Estado, a incorporação do saber viver católico. É o que se vê em excertos como "Vive assim como quiseras ter vivido quando morras" (Morte) (VIEIRA, 1679, n. p.), cujo verbo no imperativo sinaliza o conselho verossímil porque proposto por um juízo iluminado pela luz da Graça, enquanto a oposição entre a vida presente e a morte futura e certa ("quando morras") estabelece a urgência de ordenar a vontade visando o Fim, despindo-se das paixões, desvirtuações da Vontade. No processo mesmo de apropriação por parte de um pregador outro, no entanto, não necessariamente são mantidos o sentido e a significação que dá Vieira aos excertos na cerrada concatenação argumentativa de seus sermões, de maneira que seus índices tornam-se, no limite, um instrumento de uso incontrolável, por mais cuidadosa que seja sua delimitação semântica: é da natureza indicial a desapropriação contínua dos excertos compilados. Assim, se os índices de Vieira forem tomados como instrumentos imediatos de emulação, a particularidade da unidade teológico-retórico-política de seus sermões, especialmente em seus pontos mais decisivos, como a relação entre finalidade universal e vocação nacional[26], é dissolvida. É certo que, para os pregadores que se apropriam dos índices, eles funcionam como repertório de entimemas a serem dialeticamente aproximados e fundidos, produzindo agudezas por meio de associações inesperadas, conforme definem as preceptivas seiscentistas. Também é certo que essas eventuais apropriações não são absolutamente arbitrárias, uma vez que os índices são postos a serviço de um pregador historicamente situado e que, portanto, compartilha com Vieira de certas premissas teológico-políticas, compondo, nos sermões, um verossímil que reitera a *doxa*. No entanto, na contingência de seus múltiplos usos, os índices de Vieira poderiam ser empregados, inclusive, como ferramenta inventiva de sermões cultos, que propõem, sem proporcionaram

universal, que tomam o lugar das anteriores ecfrases particularizantes, compondo emblemas, cuja significação está no intervalo entre a imagem e o texto [...]. Assim, as figuras e suas sentenças servem de avisos morais que culminam, não com a celebração da Poesia, mas com a da Morte geral [...].

[25] "Se a união do sujeito humano com Cristo é transformada em modelo heróico, o que, na perspectiva de Vieira, implicaria sempre uma mobilização determinada da *vontade* humana, é preciso considerar ainda que essa mobilização se especifica aí em termos de atos regulares, cotidianos, e não de rompantes isolados como seriam, por exemplo, os gestos extraordinários dos mártires. Nisso, uma vez mais, Antonio Vieira segue de perto ao seu patriarca: o modelo voluntarista tem o limite de uma ação capaz de erigir-se como renovação de um hábito e não apenas como modificação pontual de circunstâncias isoladas. Ou, para dizer talvez de um modo mais correto, há um momento em que o modelo voluntarista impregna o cotidiano mesmo, acontece uma dramatização do conjunto da vida e não apenas de fragmentos e sucessos especialmente eloqüentes: tudo ganha importância dobrada, a existência é decisiva muitas vezes". (PÉCORA, 2008, p. 80, grifos do autor).

[26] Conforme propõe Pécora (2008).

teologicamente o conceito engenhoso, o ornato dialético enigmático condenado na "Sexagésima" (HANSEN, 2002; PÉCORA, 2008): "sem o texto que as animava, também as sentenças são coisas frias, *ad usum* de cada um que as lerá conforme seu grande ou pequeno entendimento" (MUHANA, 2006, p. 375).

Epílogos dos *Sermões*, os índices movem e movem a mover todos os membros do corpo político do Estado à correção do seu cotidiano, canalizando sua existência à prática cristãmente virtuosa e sendo aquilo que já se é enquanto súdito, na concórdia harmoniosa unificada na figura do soberano[27], como indicam excertos em que impera o *dever ser* dos enunciados. Na variedade ordenada da cabeça aos pés do Corpo Místico, aconselha-se a prudência ao rei: "Os reis não se devem esquecer na fortuna próspera dos benefícios que receberam na adversa" (Rei) (VIEIRA, 1682, n. p.); prescreve-se as excelências do ofício ao clero: "Que propriedades ou excelências constituem o verdadeiro Pontífice" (Pontífice) (VIEIRA, 1688, p. 18); ilustram-se os *exempla* de santidade à plebe: "Que santos houve nos ofícios mecânicos (Ofício) (VIEIRA, 1685, p. 591). E, aos súditos todos, indicando com aquele *como* que se expande entre provas nos sermões indiciados, instrui-se à obediência: "Como devem os súditos ter sujeição pronta e alegre obediência a seus governadores, por serem imagens de seus reis" (Obediência) (VIEIRA, 1689, p. 615). E, decisivamente, à ordenação da Vontade: "Como se faz a vontade de Deus no Céu, e como o podemos nós imitar na terra (Céu) (VIEIRA, 1686, p. 28).

Ao longo de toda sua imensa obra, entre sermões, cartas, textos proféticos e outros gêneros, Vieira (1928, p. 651) fez não mais do que uma menção explícita aos seus índices das coisas mais notáveis:

[27] Como explica Hansen (2019, p. 127-128): "[...] a educação deve levar os indivíduos que a recebem a uma integração harmoniosa como súditos no corpo político do Estado. Nessa integração, a liberdade de cada indivíduo é definida como subordinação à cabeça real, como exemplarmente determinada Suárez: 'A liberdade cristã não consiste em estar isentos das justas leis humanas, nem em estar imunes da justa coação do castigo dos pecados quando se cometem contra a paz e a justiça; mas consiste em uma servidão livre, por amor e caridade, que não contradiz o regime humano, mas antes o ajuda, se efetivamente existe, e se não existe, a supre com a coação.". E ainda: "Para obter a tal 'subordinação livre', que interessa ao bem comum, a educação deve 'tornar mais homem', lema do *Ratio Studiorum* usado pela Companhia de Jesus a partir de 1599 em seus colégios. Para tanto, deve dar conta das três faculdades, ensinando-lhes antes de tudo o autocontrole, que visa ao meio-termo dos apetites e à amizade com o restante do corpo político do Estado. Por outras palavras, essa educação prescreve que é 'mais homem' quem aprende a agir segundo a *recta ratio agibilium* e a *recta ratio factibilium* da Escolástica, a reta razão das coisas agíveis e a reta razão das coisas factíveis, visando à concórdia e à paz do *bem comum*".

> Supondo também que no fim do livro se há de acrescentar o índex que foi o mais exacto que se fez, nele com maior clareza e brevidade não só se resume a substância de tudo, mas se dá a luz e abre caminho a outros pensamentos e discursos, como me confessou no Colégio de Santo Antão um mestre de grande talento; e que por isso tinha sido o mesmo index o a que o padre Mendo chamou inimitável.

Nesta dissertação, essa pequena citação foi buscada, rebuscada e comentada em diferentes momentos a partir de diferentes ângulos, conforme a exigência do ponto argumentativo em questão, surpreendendo significações diversas admissíveis pela passagem. A partir dessa sugestão marginal, busquei explorar a relação da prática indicial vieiriana com as *artes excerpendi* jesuítas, deslocando o olhar para práticas culturais praticamente inexistentes enquanto objeto de discussão no *corpus* vieiriano, mas que se mostram imprescindíveis para que se pense na invenção e legibilidade primeira dos índices do Padre Vieira. Para pensá-las verossimilmente, como se viu, é necessário associá-los a um tripé de práticas letradas condicionadas pela moral cristã – leitura, *excerpere* e invenção sermonária – intimamente associados à prática indicial e cuja relação admite um duplo movimento: ao serem inventados, os índices remetem à leitura dos sermões e *excerpta* daí colhidos; ao serem apropriados para *inuentio* e *elocutio*, projetam-se para discursos futuros, conferindo *auctoritas* a Vieira[28], evidenciando o caráter emulativo de seus sermões enquanto fonte de *copia* para a oratória sacra. Desse modo, é possível delimitar modos verossímeis de fazer e consumir sermões nos séculos XVII e XVIII: os índices de Vieira, compreendidos como mediadores entre leitura, *excerpere* e invenção sermonária, concentram conceitos e lugares-comuns recapituláveis dos *Sermões* e recapitulados nos índices pelo pregador interessado visando um sermão outro.

À guisa de epílogo, talvez sirva aqui passagem de um irmão de Ordem de Vieira, o Padre Francisco de Mendonça. Para enaltecer a santidade da Virgem Maria em um sermão a ela consagrado, Mendonça (1649, p. 41) associa a santidade dos Patriarcas da Igreja ao índice de um livro enquanto a Virgem seria seu corpo. Assim, na estreiteza de

[28] Lembro que o *status* de *auctoritas* é sempre retrospectivo: "Ora, não é propriamente a *Técnica retórica* de Aristóteles, escrita por volta de 360 a. C., que é causa direta da *Instituição oratória*, de Quintiliano, escrita no século I d. C., segundo o esquema evolucionista que supõe o aperfeiçoamento progressivo de uma obra para outra por meio da noção romântica de 'tradição', sempre dada como aquele fundo anônimo, imemorial e indeterminado que vai sendo passado à frente de geração em geração. É a *Instituição oratória*, quando remete seu leitor à *Técnica retórica*, que recorre à *auctoritas* aristotélica para produzir um Aristóteles que autoriza retrospectivamente seus enunciados." (HANSEN, 2013, p. 18).

suas virtudes, os Patriarcas mostrariam as virtudes maiores da Virgem, como um índice em relação ao corpo de um livro:

> No livro há duas coisas, há o corpo do livro, e há o índice, ou tabuada, que chamamos; no corpo do livro está a história mui larga, e estendida; no índice está mui apanhada, e cifrada. Achais no índice uma regrinha, vida de S. Pedro, a tantas folhas; ides buscar a tantas folhas, achais a vida de S. Pedro tão dilatada, que não bastam muitas horas para a ler. Por onde o corpo do livro faz um volume muito grande; o índice um volume muito pequeno. Pois digo, que a comparação, que tem o índice do livro com o corpo do livro na grandeza; essa tem toda a santidade dos Patriarcas antigos juntos, com a santidade da Virgem. Porque todos eles não foram mais que um índice, que estava mostrando ao mundo a santidade da Virgem. Eles com suas virtudes estreitas, e encolhidas, estavam mostrando as virtudes heroicas, e prodigiosas da Senhora.

Assim, metonímia, os índices das coisas mais notáveis são os dedos indicadores dos corpos dos *Sermões*. Metonímica, sua consulta sugere uma prática de leitura que suspende a totalidade ordenada da cabeça aos pés dos sermões. É outra a *dispositio* instaurada. Os índices, que não respeitam a linearidade começo-meio-fim da disposição sermonária, ordenam excertos dos discursos sacros em um abecedário de utilidade circunstancialmente circunscrita. Mas, como as estreitas virtudes dos Patriarcas antigos não encobrem as prodigiosas virtudes da Virgem, antes as realçam, também os índices, em sua insuspeita dinamicidade alfabetada, é que indiciam a grandeza das coisas indiciadas, conceitos produzidos e provados pelo juízo de seu autor, sempre prudente e alumiado pela luz natural da Graça – substância de tudo, iluminam o engenho do pregador que virá e tornam mais notável aquilo que, na desordem linearmente ordenada dos sermões, jazia oculto: índices para invenção, índices de discrição.

REFERÊNCIAS[*]

ALAMOS DE BARRIENTOS, Baltasar. **Tacito Español** [...]. Madrid: Luis Sanchez, MDCXIIII = 1614.

ALMEIDA, Cristóvão de. **Sermões varios** [...]. Lisboa: Bernardo da Costa, MDCLXXXXV = 1695.

ALMEIDA, Isabel. Avivando o juízo ao doce estudo: a poesia de Camões e a tradição do comentário. *In*: CARVALHO, Maria Socorro Fernandes de; LACHAT, Marcelo; SILVARES, Lavinia (org.). **Hidra Vocal**: estudos sobre retórica e poética (em homenagem a João Adolfo Hansen). São Paulo: Ateliê Editorial, 2020. p. 37-60.

ANUNCIAÇÃO, Diogo da. **Trofeo evangelico** [...]. Lisboa: Miguel de Deslandes, 1685.

ANDRADE, Diogo Paiva de. **Sermões** [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1604. v. 2.

ANDRÉS ESCAPA, Pablo *et al*. El original de imprenta. *In*: RICO, Francisco (dir.). **Imprenta y crítica textual en el Siglo de Oro.** Valladolid: Universidad de Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Editorial, 2000. p. 29-64.

ARISTÓTELES. **De Memoria et Reminiscentia**: Text and Translation. *In*: BLOCH, David. **Aristotle on Memory and Recollection**: Text, Translation, Interpretation, and Reception in Western Scholasticism. Tradução: David Bloch. Brill: Leiden, 2007. p. 23-52.

_____. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

_____. **Tópicos**. Tradução: José António Segurado e Campos. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007.

AZEVEDO, João Lúcio de. A oratória sagrada: Padre António Vieira – Traços de sua vida – Obras – Escritos apócrifos – 'Arte de furtar'. *In*: SAMPAIO, Albino Forjaz de (dir.). **História da Literatura Portuguesa Ilustrada**. Lisboa: Bertrand; Paris: Aillaud, 1932. v. 3, p. 193-202.

_____. **História de Antonio Vieira**. Lisboa: A. M. Teixeira, 1918. v. 1.

BALSAMO, Luigi. **Antonio Possevino S. I. bibliografo della controriforma e diffusione della sua opera in area anglicana**. Firenze: Leo S. Olschki, 2006.

[*] De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023). Advirto que, para comodidade do leitor, as obras citadas somente em rodapé são também aqui elencadas.

_____. How to doctor a bibliography: Antonio Possevino's practice. *In*: FRAGNITO, Gigliola (ed.). **Church, Censorship and Culture in Early Modern Italy**. Tradução: Adrian Belton. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 50-78.

BARTHES, Roland. A retórica antiga. *In*: COHEN, Jean *et al*. **Pesquisas de retórica**. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 147-232

BERNARDES, Manuel. **Nova Floresta** [...]. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, MDCCVI = 1706. v. 1.

BIBLIOTHECAE custos. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta**. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu; Borgo S. Spirito 5, 1948. v. IV, cap. 20, p. 58-61.

BIBLIOTHECAE praefectus. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta**. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu; Borgo S. Spirito 5, 1948. v. IV, cap. 94, p. 477-479.

BIONDI, Alberto. La Bibliotheca selecta di Antonio Possevino : un progetto di egemonia culturale. *In* : BRIZZI, G. P. (ed.). **La « Ratio studiorum »**: modelli culturali e pratiche educative dei Gesuiti in Italia tra Cinque e Seicento. Roma: Bulzoni, 1981. p. 43-75.

BIRELEY, Robert. **The Jesuits and the Thirty Years War**: Kings, Courts, and Confessors. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BLAIR, Ann. Bibliotecas portáteis: as coletâneas de lugares-comuns na Renascença tardia. *In*: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Tradução: Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. p. 74-93.

_____. Note taking as an Art of Transmission. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 31, n. 1, p. 85-107, Autumn 2004. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.1086/427303. Acesso em: 12 nov. 2021.

_____. Tables et index dans le livre de savoir en Europe moderne. *In*: JACOB, Christian (dir.). **Lieux de Savoir**: Les Mains de l'Intellect. Paris: Albin Michel, 2011. v. 2, cap. 31, p. 552-569.

_____. **Too Much to Know**: Managing Scholarly Information before the Modern Age. New Haven: Yale University Press, 2010.

BLUTEAU, Rafael. **Primicias evangelicas** [...]. Lisboa: Miguel Deslandes, MDCLXXXV = 1685. v. 2.

_____. **Sermoens panegyricos, e doutrinaes** [...]. Lisboa Occidental: Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, MDCCXXXII = 1732. v. 1.

_____. **Vocabulario portuguez e latino** [...]. Coimbra: Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v.

BOUZA, Fernando. **Corre manuscrito**: una historia cultural del Siglo de Oro. 2. ed. Madrid: Marcial Pons, 2016.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. Tradução: Vera Lúcia de Oliveira Sarmento e Fernando de Azevedo Corrêa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. Tradução: Almiro Piseta. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9854. Acesso em: 12 nov. 2021.

CABRAL, Antonio Lopes. **Pancarpia, ou capella flórida** [...]. Lisboa: Miguel Deslandes, 1694.

CALAHORRA MARTÍNEZ = NAKLÁDALOVÁ, Iveta. **Idea de la lectura docta en el Renascimento**. 2008. Doutorado (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Departamento de Filologia Espanhola, Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2008.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusiadas**. Lisboa: Manoel Lopes Ferreyra, MDCCII = 1702.

_____. **Rimas**. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1607.

CAPITA selecta de studiis in Constitutionibus S. I. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Societatis Iesu, 1965. v. 1, cap. 14, p. 210-324.

CARAMUEL Y LOBKOWSKI, Juan. Syntagma de arte typographica. *In*: CARAMUEL Y LOBKOWSKI, Juan. **Theologia praeterintentionalis**. Lvgdvni = Leiden: Philippi Borde; Lavrentii Arnavd, Petri Borde, & Gvillelmi Barbier, 1664. p. 185-200.

CARDOSO, João. **Iornada dalma libertada** [...]. Lisboa: Geraldo da Vinha, 1626.

_____. **Ruth peregrina** [...]. Lisboa: Geraldo da Vinha, 1628.

CARELLA, Candida. Antonio Possevino e la biblioteca “selecta” del principe cristiano. *In*: CANONE, Eugenio (ed.). **Bibliothecae selectae**: da Cusano a Leopardi. Firenze: Leo S. Olschki, 1993. p. 507-516.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Preambulares do livro seiscentista em Portugal e no Brasil**. Teresina: EDUFPI: FAPEPI, 2009.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Introdução. *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. v. 1, p. 5-40.

CEVOLINI, Alberto. **De arte excerpendi**: imparare e dimenticare nella modernità. Firenze: Leo S. Olschki, MMVI = 2006.

_____. De ratio legendi et excerpendi. Tradução: Marlene Lelo de Larrea. *In*: CHINCHILLA, Perla (dir.). **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús**. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana Ciudad de México, 2018. p. 716-727.

_____. Memorias virtuales: diseñar ficheiros em la primeira Modernidad. *In*: NAKLÁDALOVÁ, Iveta (ed.). **El arte de anotar**: artes excerpendi y los géneros de la erudición en la primera Modernidad. Madrid: Iberoamericana; Franfurkt am Main: Vervuert, 2020. p. 75-100.

CHAGAS, Antonio das. **Sermoens genvinos, e praticas espirituaes**. Lisboa: Miguel Deslandes, 1690.

CHARTIER, Roger. **Libros, lecturas y lectores em la Edad Moderna**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

_____. Os poderes da impressão. *In*: CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 103-128.

_____. Paratexto e preliminares. *In*: CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 235-258.

CÍCERO. **La invención retórica**. Tradução: Salvador Núñez. Madrid: Gredos, 1997.

_____. **Sobre el orador**. Tradução: José Javier Isso. Madrid: Gredos, 2002.

CODINA MIR, Gabriel. **Aux sources de la pédagogie des jésuites**: le <<modus parisiensis>>. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1968.

_____. El <<modus parisiensis>>. **Gregorianum**, Roma, 2004, v. 85, n. 1, p. 43-64, 2004. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/i23570158. Acesso em: 12 nov. 2021.

COMPÈRE, Marie-Madeleine; PRALON-JULIA, Dolorès. **Performances scolaires de collégiens sous l'Ancien Régime**. Etude d'exercises latins rédigés au Louis-le-Grand vers 1720. Sorbonne: Institut National de Recherche Pédagogique, 1992.

CONSTITUTIONES anni 1541. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta.** Roma: Borgo S. Spirito 5, 1934. v. 1, cap. 9, p. 33-47.

DAVIS, Charles. El tacitismo político español y la metáfora del cuerpo. *In*: REDONDO, Augustín (coord.). **Le corps comme métaphore dans l'Espagne des XVI^e^ et XVII^e^ siècles**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 1992. p. 31-39.

DE BUJANDA, Jesús Martínez. Introduction. *In*: DE BUJANDA, Jesús Martínez. **Index librorum prohibitorum 1600-1966**. Montréal: Médiaspaul; Genève: Librairie Droz, 2002. p. 27-44.

DE COLLEGIIS et domibus fundandis 1541, 1544?. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta**. Roma: Borgo S. Spirito, 5, 1934. v. 1, cap. 10-10bis, p. 48-64.

DÉCULTOT, Élisabeth. L'arte de l'extrait: définition, évolution, enjeux. *In*: DÉCULTOT, Élisabeth (dir.). **Lire, copier, écrire**: les bibliothèques manuscrites et leurs usages au XVIIIe siècle. Paris: CNRS Editions, 2003. p. 7-28.

_____. The Art of Excerpting in the Eighteenth Century Literature: Subversion and Continuity of an Old Scholarly Practice. *In*: CEVOLINI, Alberto (ed.). **Forgetting Machines**: Knowledge Management Evolution in Early Modern Europe. Leiden: Brill, 2016. p. 105-127.

DIDEROT, Denis. **Lettres sur les sourds et muets**. [*S. l.*: *s. n.*], MDCCLI = 1751.

DONELLY, John. Antonio Possevino: From Secretary to Papal Legate in Sweden. *In*: MCCOOG, Thomas M (ed.). **The Mercurian Project**: Forming Jesuit Culture 1573-1580. Saint Louis: Institute of Jesuit Sources, 2004. p. 323-349.

DORANDI, Tiziano. Notebooks and Collections of Excerpts: Moments of *ars excerpendi* in the Greco-Roman World. *In*: CEVOLINI, Alberto (ed.). **Forgetting Machines**: Knowledge Management Evolution in Early Modern Europe. Leiden: Brill, 2016. p. 37-57.

DREXEL, Jeremias. **Aurifodina artium et scientiarum omnium** [...]. Antuerpiae: Apud Viduam Joannis Cnobbari, 1638.

_____. La miniera d'oro di tutte le arti e di tutte le scienze. *In*: CEVOLINI, Alberto. **De arte excerpendi**: imparare e dimenticare nella modernità. Firenze: Leo S. Olschki, MMVI = 2006. p. 163-213.

EISENSTEIN, Elizabeth. **A revolução da cultura impressa**. Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. Livros de uso do padre António Vieira. **Leituras**: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa, n. 9-10, p. 177-190, out. 2001/out. 2002.

ESTRADA GIJON, Ivan de. **Arte de predicar la palabra de Dios** [...]. Madrid: Melchor Sanchez, 1667.

FLAMARION, Édith. Les cahiers d'élèves des jésuites en France au XVIII siècle: projet de groupe de travail. **Histoire de l'éducation**, n. **7**4, p. 234-242, mai 1997. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1997_num_74_1_2918. Acesso em: 11 nov. 2021.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuitas**: o Ratio Studiorum. Campinas: Kírion, 2019.

FRANCO, José Eduardo; CALAFATE, Pedro. Introdução geral. *In*: FRANCO, José Eduardo; CALAFATE, Pedro (dir.). **Obra completa António Vieira**. São Paulo: Loyola, 2014. t. I, v. I, p. 13-33.

FREIRE, Francisco Brito. **Nova Lusitania** […]. Lisboa: Joam Galram, 1675.

GANDAVO, Pero Magalhães de. Tratado de terra do Brasil. *In*: GANDAVO, Pero Magalhães de. **Tratado da terra do Brasil**/**História da Província Santa Cruz** […]. Brasília: Senado Federal, 2008. p. 27-80.

GARCÍA GARCÍA, Emilio; MIGUEL ALONSO, Aurora. El conocimiento psicológico de la Compañía de Jesús y *El examen de ingenios* de Huarte de San Juan. **Revista de Historia de la Psicología**, Madrid, v. XXVI, n. 2-3, p. 45-53, 2005. Disponível em: https://eprints.ucm.es/id/eprint/10524/. Acesso em: 22 nov. 2021.

_____. El *Examen de ingenios* de Huarte de San Juan en la *Bibliotheca selecta* de Antonio Possevino. **Revista de Historia de la Psicología**, Madrid, v. XXV, n. 3-4, p. 387-396, 2003. Disponível em: https://eprints.ucm.es/id/eprint/1499/. Acesso em: 12 nov. 2021.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. 2. ed. rev. Tradução: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

GOYET, Francis. **Le sublime du "lieu commun"**. L'invention rhétorique dans l'Antiquité et à la Renaissance. Paris: Honoré Champion, 1996.

GRACIÁN, Lorenzo. **El criticon** […]. Huesca : Iuan Noguès, 1653. v. 2.

GRAFTON, Anthony. **Commerce with the Classics**: Ancient Books and Renaissance Readers. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

_____. Invention of Traditions and Traditions of Invention in Renaissance Europe: The Strange Case of Annius of Viterbo. *In*: GRAFTON, Anthony; BLAIR, Ann (ed.). **The Transmission of Culture in Early Modern Europe**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1990. p. 8-38.

GREENE, Thomas M. **The Light in Troy**: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry. New Haven: Yale University Press, 1982.

GUTIÉRREZ MUELLER, Beatriz. Las tablas, breves "diccionarios morales" en la edición de obras del XVII. **Janus**, Corunha, n. 4, p. 37-57, 2015. Disponível em: https://www.janusdigital.es/articulo.htm?id=45. Acesso em: 13 nov. 2021.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. Discreto/vulgar: modelos culturais nas práticas de representação barroca. **Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, n. 17, p. 29-57, jan./jul. 1991. Disponível em: https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/5663. Acesso em: 05 dez. 2021.

_____. Educando príncipes no espelho. *In*: HANSEN, João Adolfo; CUNHA, Cilaine Alves; LAUDANNA, Mayra (org.). **Agudezas seiscentistas e outros ensaios**. São Paulo: Edusp, 2019. p. 123-152.

_____. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 33, p. 11-46, jul./dez. 2013. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/19759. Acesso em: 13 nov. 2021.

_____. Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial. **Veredas**, Porto, n. 3, t. 1, p. 75-90, dez. 2000. Disponível em: https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/257/256. Acesso em: 04 dez. 2021.

_____. Lugar-comum. *In*: HANSEN, João Adolfo; CUNHA, Cilaine Alves; LAUDANNA, Mayra (org.). **Agudezas seiscentistas e outros ensaios**. São Paulo: Edusp, 2019. p. 173-186.

_____. O discreto. *In*: HANSEN, João Adolfo; CUNHA, Cilaine Alves; LAUDANNA, Mayra (org.). **Agudezas seiscentistas e outros ensaios**. São Paulo: Edusp, 2019. p. 97-122.

_____. Ratio studiorum e Política Católica Ibérica no século XVII. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo (org.). **Tópicas em História da Educação**. São Paulo: Edusp, 2001. p. 13-41.

_____. Vieira e os estilos cultos: “ut theologia rhetorica”. **Letras**, Santa Maria, n. 43, p. 25-62, dez. 2011. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/6902. Acesso em: 13 nov. 2021.

_____. Vieira: Tempo, Alegoria e História. **Brotéria**, Lisboa, v. 145, n. 4/5, p. 541-556, out./nov. 1997.

_____;
PÉCORA, Alcir. Vieira moralizado. **Revista Tempo Brasileiro**, v. 114-115, p. 137-170, 1993.

HÉBRARD, Jean. Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 115-141, jan./jun. 2001. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38753. Acesso em: 11 nov. 2021.

HENRIQUE, Cardeal Infante. **Este he o rol dos livros defesos** [...]. [*S. l.*: *s. n.*], 1551.

HERDER, Johann Gottfried. Journal meiner Reise im Jahr 1769. *In*: HERDER, Johann Gottfried; SUPHAN, Bernhard (ed.). **Sämtliche Werke**. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1878. v. 4, cap. 18, p. 343-461.

HOMEM. Pedro Barbosa. **Discursos de la Juridica, y Verdadera Razon de Estado** [...]. Coimbra: Nicolao Caruallo, 1629. v. 1.

HUARTE DE SAN JUAN, Juan. **Examen de los ingenios para las sciencias** […]. Baeça: Juan Bapt. de Montoya, 1594.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Auto de inventário e avaliação dos livros achados no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e sequestrados em 1775. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 301, p. 212-259, out./dez. 1973. Disponível em: https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107994-revista-ihgb-volume-301.html. Acesso em: 05 de. 2021.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279. Acesso em: 22 nov. 2021.

_____. La constitution des bibliothèques de collèges. Remarques de méthodes. **Revue d'histoire de l'Église de France**, n. 210, p. 145-161, 1997. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhef_0300-9505_1997_num_83_210_1266. Acesso em: 12 nov. 2021.

_____. Leituras e Contra-Reformas. *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.), **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 2, cap. 9, p. 79-116.

LAÍNEZ, Diego de. De modo et ordine studendi philosophiae tractatus 1549. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Societatis Iesu, 1965. v. 1, cap. 5, p. 45-49.

LEDESMA, Diego de. De ratione et ordine studiorum Collegii Romani 1564-1565. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974. v. 2, cap. 76, p. 519-627.

LEITÃO, Álvaro. **Sermoens** [...]. Lisboa: Ioam da Costa, MDCLXX = 1670.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Livraria Portugália; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

LEONARDI, Claudio. Premessa. *In*: LEONARDI, Claudio; MORELLI, Marcello; SANTI, Francesco (ed.). **Fabula in tabula**: una storia degli indici dal manoscritto al testo elettronico. Firenze: Fondazione Ezio Franceschini; Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1995. p. VII-IX.

LISBOA, Cristóvão de. **Santoral** [...]. Lisboa: Antonio Alvarez, 1638.

MANCINI, Lorenzo. Bibliotheca. *In*: CHINCHILLA, Perla (dir.). **Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús**. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana Ciudad de México, 2018. p. 291-303.

MARTINS, Maria Teresa Payan. O Índice Inquisitorial de 1624 à luz de novos documentos. **Cultura**: Revista de História e Teoria das Ideias, Lisboa, v. 28, p. 67-87, 2011. Disponível em: https://journals.openedition.org/cultura/170. Acesso em: 05 dez. 2021.

MASSIMI, Marina. A teoria dos temperamentos na literatura jesuítica, nos séculos XVI e XVII. **Atalaia**, Lisboa, v. 6-7, p. 223-236, 2000. Disponível em: https://www.triplov.com/atalaia/massimi.html. Acesso em: 22 nov. 2021.

MENDES, Margarida Vieira. **A oratória barroca de Vieira**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MENDONÇA, Francisco de. **Segunda parte dos Sermoens** [...]. Lisboa: Lourenço de Anueres, MDCXXXXIX = 1649. v. 2.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a sociologia dos textos**. Tradução: Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018.

MORAES, Rubens Borba. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MOSS, Ann. **Printed Commonplace-Books and the Structuring of Renaissance Thought**. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MUHANA, Adma Fadul. Posfácio. *In*: REBELO, Gaspar Pires; MUHANA, Adma Fadul (org.). **Infortúnios trágicos da constante Florinda**. São Paulo: Globo, 2006. p. 327-375.

NADAL, Jerônimo. Constituciones Collegii Messanensis (1548). *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu, 1965. v. 1, cap. 2, p. 17-27.

_____. Regulae de scholis collegiorum (1553) *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu, 1965. v. 1, cap. 13, p. 185-209.

_____. **Scholia in Constitutiones et declarationes S. P. Ignatii**. Etruria: Ex Typographia Giachetti, Filii et Soc., MDCCCLXXXIII = 1883.

NAGEL, Gustavo Pinho. **Entre as coisas mais notáveis**: a máxima nos índices do Padre Antônio Vieira. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NAKLÁDALOVÁ, Iveta. Introducción. *In*: NAKLÁDALOVÁ, Iveta (ed.). **El arte de anotar**: artes excerpendi y los géneros de la erudición en la primera Modernidad. Madrid: Iberoamericana; Franfurkt am Main: Vervuert, 2020. p. 9-74.

_____. Introducción. *In*: SACCHINI, Francesco. **De ratione libros cum profectu legendi libellus**. Ed. fac-sim. [*S. l.*]: Caronte, 2009. p. 4-40.

_____. Órdenes del saber: los esquemas organizativos de los *excerpta*. *In*: NAKLÁDALOVÁ, Iveta (ed.). **El arte de anotar**: artes excerpendi y los géneros de la erudición en la primera Modernidad. Madrid: Iberoamericana; Franfurkt am Main: Vervuert, 2020. p. 161-183.

NATIVIDADE, Jorge da. **Centvrias predicaveis dos Evangelhos** [...]. Coimbra: Joseph Ferreyra, 1698. v. 1.

NELLES, Paul. Libros de papel, libri bianchi, libri papyracei. Note-taking and the Role of Student Notebooks in the Early Jesuit Colleges. **Archivum Historicum Societatis Iesu**, [Roma], v. LXXVI = 76, fasc. 151, p. 75-112, jan./jun. 2007. Disponível em: https://archive.org/details/AHSI-2007/page/n73/mode/2up. Acesso em: 11 nov. 2021.

_____. Seeing and Writing: The Art of Observation in the Early Jesuit Missions. **Intellectual History Review**, Oxford, v. 20, n. 3, p. 317-333, 2020. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17496977.2010.492612. Acesso em: 11 nov. 2021.

NEUMANN, Florian. Jeremias Drexels Aurifodina und die Ars excerpendi bei den Jesuiten. *In*: ZEDELMAIER, Helmut; MULSOW, Martin (ed.). **Die Praktiken der Gelehrsamkeit in der Frühen Neuzeit**. Tubinga: Niemeyer, 2001. p. 51-62.

OLAVE, Martinho de. Ordo lectionum et exercitationum in universitatibus S. I. (1553). *In*: ARCHIVIUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Paedagogica**. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1965. v. 1, cap. 12, p. 163-184.

O'MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: Editora UNISINOS; Bauru: EDUSC, 2004.

ONG, Walter J. **Orality and Literacy**: The Technologizing of the Word. 3rd ed. London: Routledge, 2012.

ORDO studiorum: theologiae, philosophiae et humaniorum litterarum. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974. v. 2, cap. 1, p. 9-15.

PAREDES, Alonso Víctor. **Institvcion, y origen del arte de la imprenta**. [*S. l.*: *s. n.*], ca. 1680.

PARKES, Malcolm. The Influence of the Concepts of Ordinatio and Compilatio on the Development of the Book. *In*: PARKES, Malcolm. **Scribes, Scripts and Readers**: Studies in the Communication, Presentation and Dissemination of Medieval Texts. London: The Hambledon Press, 1991. p. 35-70.

_____. Folia librorum quaerere: Medieval Experience of the Problems of Hypertext and the Index. *In*: LEONARDI, Claudio; MORELLI, Marcello; SANTI, Francesco (ed.). **Fabula in tabula**: una storia degli indici dal manoscritto al testo elettronico. Firenze: Fondazione Ezio Franceschini; Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1995. p. 23-42.

PÉCORA, Alcir. À guisa de manifesto. *In*: PÉCORA, Alcir. **Máquina de gêneros**: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rochefoucauld, Gonzaga, Silva Alvarenga e Bocage. 2. ed. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 11-16.

_____. Introdução. *In*: VIEIRA, Antônio; PÉCORA, Alcir (org.). **Índice das coisas mais notáveis**. São Paulo: Hedra, 2010. P. 11-30.

_____. Para ler Vieira: as 3 pontas das analogias nos Sermões. **FLOEMA – Caderno de Teoria e História Literária**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 29-36, 2005.

_____. Razão e prazer da civilidade. *In*: DELLA CASA, Giovanni. **Galateo ou Dos Costumes**. Tradução: Edileine Vieira Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. XV-XXI.

_____. **Teatro do Sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antonio Vieira. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp, 2008.

PEREIRA, Paulo Silva. Vieira, o barroco e as guerras do cânone em Portugal e no Brasil (finais do século XIX – meados do século XX). *In*: FRANCO, José Eduardo; PEREIRA, Paulo Silva (dir.). **Revisitar Vieira no século XXI**: cultura, política e atualidade. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. v. 1, cap. 1, p. 37-72.

PERPINYÀ, Pedro Juan. De ratione liberorum instituendorum litteris latinis atque graecis. Romae (1565). *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974. v. 2, cap. 82, p. 644-657.

PINTO, Rodrigo Gomes de Oliveira. **Entre borrões e cadáveres**: os sermões de Domingo da Quaresma de Antônio Vieira. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PLATÃO. Fedro. *In*: PLATÃO. **Diálogos**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975. v. 5, p. 32-99.

PLÍNIO, O JOVEM. **Complete Letters**. Tradução: P. G. Walsh. Oxford: Oxford University Press, 2006.

POLANCO, Juan de. Constitutiones Collegiorum (1548-50). *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Societatis Iesu, 1965. v. I, cap. 4, p. 37-44.

_____. Industriae quibus iuvetur Societas ad finem sibi propositum assequendum (1548). *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Societatis Iesu, 1965. v. I, cap. 3, p. 28-36.

POLANCUS P. Jacobo Lainio. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Polanci Complementa**. Matriti: Typis Gabrielis López del Horno, 1916. v. 1, cap. 2, p. 2-4.

POSSEVINO, Antonio. **Bibliotheca selecta** [...]. Romae: Ex Typographia Apostolica Vaticana, MDXCIII = 1593.

QUINTILIANO. **Instituiçoens oratorias** [...]. Tradução: Jeronymo Soares Barboza. Coimbra: Imprensa Real da Universidade, MDCCLXXXX = 1790. v. 2.

RÊGO, Raul. **Os índices expurgatórios e a cultura portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

REGULAE praeceptorum (forma sicula). *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974. v. 2, cap. 4, p. 26-37.

REGULAE praefecti bibliothecae. *In*: **REGULAE communes**. Romae: Collegio Societatis Iesu, MDLXVII = 1567. n. p.

REGULAE rectoris Collegii Romani (1551). *In*: ARCHIVIUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ed.). **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1965. v. I, cap. 7, p. 64-92.

REGULAE scholasticorum S. I. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. (ed.). **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu, 1974. v. 2, cap. 22, p. 198-201.

RETÓRICA a Herênio. Tradução: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

RIBEIRO, Matheus. **Alivios de tristes, e consolaçam de queixosos** [...]. Lisboa: Miguel de Deslandes, 1688.

RODRIGUES, Francisco. O P. António Vieira. Contradições e aplausos à luz de documentação inédita. **Revista de História**, Lisboa, v. XI, p. 81-115, 1922.

RODRIGUES, Graça Almeida. **Breve história da censura literária em Portugal**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

RODRIGUES, Luiz Fernando Medeiros. As "livrarias" dos jesuítas no Brasil colonial, segundo os documentos do Archivum Romanum Societatis Iesu. **Cauriensia**, 2011, v. 6, p. 275-302. Disponível em: https://www.cauriensia.es/index.php/cauriensia/issue/view/Vol.%20VI%20%282011%29. Acesso em: 12 nov. 2021.

ROUSE, Mary A.; ROUSE, Richard H. La naissance des index. *In*: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (dir.). **Histoire de l'édition française**: le livre conquérant. 2ème ed. Paris: Fayard, 1989. p. 95-108.

SACCHINI, Francesco. **De ratione libros cvm profectv legendi libellus** [...]. Romae: Apud Bartholomaeum Zannettum, MDCXIII = 1613.

_____. **De ratione libros cvm profectv legendi libellus** [...]. Flexiae: Apud Ludovicum Hebert, MDCXVII = 1617.

_____. **Exhortación y Preceptiva para los maestros de las escuelas inferiores de la Compañía de Jesús**. Tradução: Javier Laspalas Pérez e Alejandro Martínez Sobrino. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, MMXVII = 2017.

_____. **Moyens de lire avec fruit**. Tradução: M. Durey de Morsan. La Haye: Guillot, 1785.

_____. **Protrepticon ad Magistros Scholarum inferiorum Societatis Iesv**. Romae: Typis Iacobi Mascardi, 1625.

_____. **Sobre el provecho y los peligros de la lectura**. Tradução: Javier Laspalas e Alejandro Martínez Sobrino. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2021.

SANTOS, Fernanda. A Companhia de Jesus e o Concílio de Trento: aspectos pedagógicos da Contra-Reforma. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 12, p. 207-217, jan./abr. 2014.

SELLÉS, Juan Fernando. **La virtud de la prudencia según Tomás de Aquino**. Pamplona: Universidad de Navarra, 1999.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. 6. ed. Tradução: José António Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.

SERRAI, Alfredo. Nella teologia di Ulrich Zwingli la legittimazione di una bibliografia universale. *In*: LEU, Urs; OPITZ, Peter (ed.). **Conrad Gessner (1516-1565)**: Die

Reinassance der Wissenschaften/The Renaissance of Learning. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 453-464.

S. IGNATIUS de Loyola Andreae Lippomano Priori Veneto (22-6-1549): utrum veterum auctorum scripta, in scholis praelegenda, ad omni re inhonesta purganda sint. *In*: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU. **Monumenta Paedagogica Societatis Iesu**. Romae: Apud Monumenta Historica Soc. Iesu, 1965. v. I, cap. 27, p. 388- 390.

SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 219-237, maio/ago. 2008. Disponível em: http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/189. Acesso em: 12 nov. 2021.

SOUSA, Francisco de *et al*. Índice dos manuscritos do Padre António Vieira. *In*: VIEIRA, Antônio. **Obra completa António Vieira**. São Paulo: Loyola, 2015. t. II, v. XV, p. 275-277.

STOLBERG, Michael. Medical Note-Taking in the Sixteenth and Seventeenth Centuries. *In*: CEVOLINI, Alberto (ed.). **Forgetting Machines**: Knowledge Management Evolution in Early Modern Europe. Leiden: Brill, 2016, cap. 10, p. 243-264.

SWIFT, Jonathan. **A Tale of a Tub** […]. 3rd. ed. London: John Nutt, MDCCIV = 1704.

TASSO, Torquato. Dell'arte del dialogo discorso. *In*: TASSO, Torquato. **Dialoghi et discorsi** [...]. Venetia: Giulio Vassalini, 1586. p. 133-153.

TAVONI, Maria Gioia. Per uso personale. Dotare edizioni a stampa di indici manoscritti. **Ecdotica**, Bolonha, v. 7, p. 208-216, 2010.

TEZANOS, Araceli de. El isomorfismo de las bibliotecas jesuitas (siglos XVI-XVIII). **Revista de Historia Social y e las Mentalidades**, Santiago, v. 18, n. 2, p. 105-139, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/historiasocial/article/view/2037/1904. Acesso em: 05 dez. 2021.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**. 3. ed. Tradução: Aldo Vannucchi *et al*. São Paulo: Loyola, 2012. v. 5.

VEGA, María José. Enciclopedismo y conflicto religioso. La expurgación del Theatrum Vitae Humanae de Theodor Zwinger en la España de los siglos XVI y XVII. *In*: ALBERT, Mechthild; BECKER, Ulrike (ed.). **Saberes (In)útiles**: El enciclopedismo literario áureo entre acumulación y aplicación. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2016. p. 287-316.

VERDELHO, Telmo. Enciclopédia e textos enciclopédicos portugueses até o séc. XIX. *In*: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (org.). **Dicionarística portuguesa**:

inventariação e estudo do património lexicográfico. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. p. 137-152.

_____. O Índice das cousas mais notáveis nos Sermões de Vieira. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 3., 16-19 de setembro de 1997, Rio de Janeiro.

VERGARA CIORDIA, Javier; SÁNCHEZ BAREA, Fermín. Marco documental para el estudio de los colegios y bibliotecas jesuíticas em la España moderna. **Anuario de Historia de la Iglesia**, Pamplona, v. 20, p. 373-391, 2011. Disponível em: https://revistas.unav.edu/index.php/anuario-de-historia-iglesia/article/view/2422. Acesso em: 05 dez. 2021.

VERNEY, Luis António. **Verdadeiro metodo de estudar** [...]. Valensa: Antonio Balle, MDCCXLVI = 1746. v. 1.

VIEIRA, Antônio. **Obra completa António Vieira**. São Paulo: Loyola, 2014. 30 v.

_____. **Obras completas do Padre Antônio Vieira**. Lisboa: Typographia Minerva Central, 1899. 3 v.

_____. **Sermoens**. Lisboa: Ioam da Costa: Miguel Deslandes: Valentim da Costa Deslandes, 1679-1748. 15 v.

_____. **Sermões**. Ed. crít. [Braga]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

_____. **Sermões**. Lisboa: Typographia Adolfo, Modesto & C.ª, 1889.

_____. **Sermões**. Lisboa: Typographia Universal, 1873**.**

_____. **Sermões**. São Paulo: Loyola, 2008-14. 12 v.

_____. **Sermões**. São Paulo: Editora das Américas, 1957-59. 24 v.

_____. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão, 1907-1908. 15v.

_____. **Sermões do Padre Antonio Vieira**. Lisboa: J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, 1854. 15 v.

_____. **Sermões do Padre António Vieir**a. Ed. fac-sim. São Paulo: Anchieta, 1943-1945. 16 v.

_____. **Sermões selectos**. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1852-53. 6 v.

_____; ALVES, Manuel dos Santos (org.). **Sermão de Santo Antonio**. Lisboa: Francisco Franco, [19--].

_____; CALMON, Pedro (org.). **Sermões patrióticos**. Rio de Janeiro: Biblos, 1933.

_____; CASTELO BRANCO, Anselmo Caetano Munhoz de Abreu Gusmão e (org.). **Vieira abbreviado** [...]. Lisboa: Miguel Rodrigues, MDCCXLVI = 1746. 2 v.

_____; D'AZEVEDO, J. Lúcio (coord.). **Cartas do Padre António Vieira**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925-1928. 3 v.

_____; HONORATI, Antonio (org.). **O Chrysostomo portuguez** [...]. Lisboa: Mattos Moreira & C.ª: Tavares Cardoso & Irmão, 1878-1890. 5 v.

_____; PÉCORA, Alcir (org.). **Índice das coisas mais notáveis**. São Paulo: Hedra, 2010.

_____; SILVA, Vasco (org.). **Indice das covzas mais notaveis**. [Lisboa]: Babel, 2010.

_____; VIANA, Mário Gonçalves (org.). **Antologia de sermões**. Porto: Educação Nacional, 1947.

VITA di Leon Battista Alberti. *In*: ALBERTI, Leon Battista. **Opere volgari** [...]. Firenze: Tipografia Galileiana, 1843. v. 1, p. XCI-CXVIII.

WELLMON, Chad. Why Google Isn't Making Us Stupid… or Smart. **The Hedgehog Review**, Charlottesville, v. 14, n. 1, p. 66-80, Spring 2012. Disponível em: https://hedgehogreview.com/issues/the-corporate-professor/articles/why-google-isnt-making-us-stupidor-smart. Acesso em: 11 nov. 2021.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

YEO, Richard. **Notebook, English Virtuosi, and Early Modern Science**. Chicago: University of Chicago Press, 2014.

ZEDELMAIER, Helmut. **Bibliotheca universalis und Bibliotheca selecta**. Das Problem der Ordnung des gelehrten Wissens in der frühen Neuzeit. Colônia: Böhlau, 1992.

_____. Facilitas Inveniendi: The Alphabetical Index as a Knowledge Management Tool. **The Indexer**, Liverpool, v. 25, n. 4, p. 235-242, Oct. 2007. Disponível em: https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/journals/article/45173/. Acesso em: 11 nov. 2021.

_____. Johann Jakob Moser et l'organisation érudite du savoir à l'époque moderne. *In*: DÉCULTOT, Élisabeth (dir.). **Lire, copier, écrire**: les bibliothèques manuscrites et leurs usages au XVIIIe siècle. Paris: CNRS Editions, 2003. p. 42-62.

_____. **Werkstätten des Wissenszwischen Renaissance und Aufklärung**. Tubinga: Mohr Siebeck, 2015.

ZWINGER, Theodor. **Theatrum vitae humanae** [...]. Basileae: Joan Oporinum, Ambrosium et Aurelium, MDLXV = 1545.